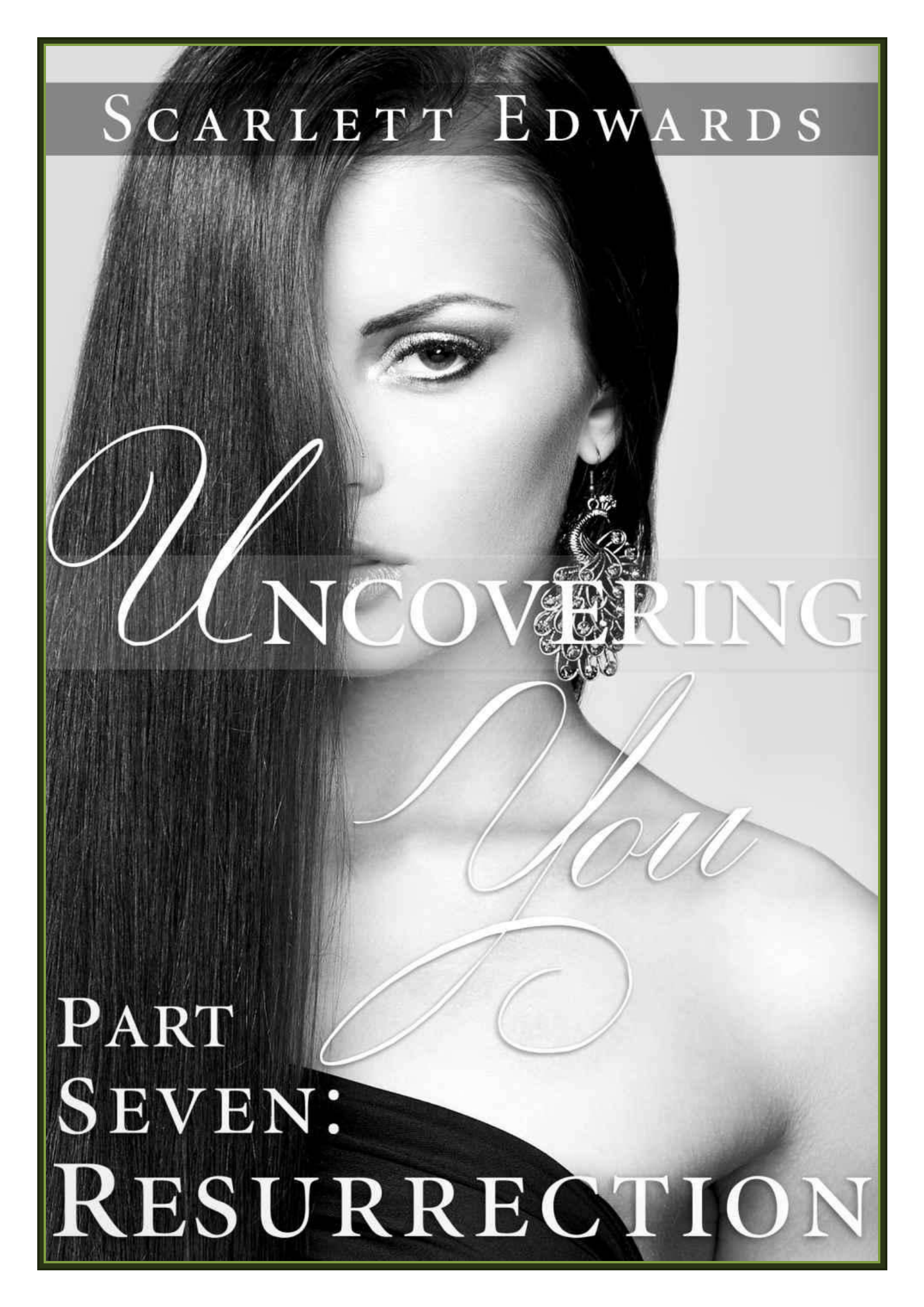


A black and white portrait of a woman with long, dark, straight hair. She is looking slightly to the right with a soft expression. She is wearing a large, ornate, dangling earring. The background is a light, neutral color.

SCARLETT EDWARDS

UnCOVERING
You

PART
SEVEN:
RESURRECTION





GRUPO RHEALEZA TRADUÇÕES

A tradução desta obra foi efetuada pelo Grupo Rhealeza Traduções {GRT}, de forma a levar ao leitor, acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária.

O grupo RHEALEZA tem como objetivo a tradução e disponibilização parcial de livros sem previsão de publicação no Brasil, sem, portanto, qualquer obtenção de lucro, direto ou indireto.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado dos membros do grupo e que jamais deverá ser compartilhado em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos) ou {blogs, sites} ou ainda, qualquer outros de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderá pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo RHEALEZA de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.



Ressurreição

Série Descobrimdo Você # 7
Scarlett Edwards

Sinopse

Eu sei por que eu fui levada.

Quanto isso muda as coisas? Eu não posso dizer. Eu ainda tenho um fraco por Jeremy, quando ele é Jeremy. Mas quando ele é Stonehart? Bem, é aí que todo o meu ódio sai.

Eu tenho que ser indiferente, e emocionalmente neutra para tomar a decisão correta sobre o que fazer a seguir. Jeremy faz isso ser mais difícil. Stonehart torna mais fácil.

Qual lado dele vou querer? Eu não sei. Só uma coisa é certa: agora, eu estou jogo de pôquer da minha vida... Contra o melhor jogador do mundo.

Vamos ver quem pisca primeiro.

09/2015

Tradução: Selene
Revisão: Atena
Formatação: Afrodite
Grupo Rhealeza traduções



Prólogo

Verão. 1978.

—M... Mamãe?

O menino trouxe uma mão trêmula até a porta. Ele empurrou.

Ela não se moveu. Além do carvalho pesado, ele podia ouvir os soluços da mulher. Soluços de sua mãe. Isso o rasgava, por causa do que ele não podia fazer. Ele não podia ir até ela. Ele não podia consolá-la.

Ele não podia protegê-la.

Passos. Do fundo do corredor. A cabeça do garoto se virou. Seu coração ficou preso em sua garganta.

Ele não deveria estar aqui. Era proibido, por muitas razões diferentes, mas apenas uma era pertinente:

Porque seu pai havia dito.

Em pânico, ele procurou uma fuga. Seus olhos percorreram o corredor vazio. Só havia uma maneira de sair: descer as escadas até o sótão.

De onde os passos estavam vindo.

Ele procurou por um esconderijo. Uma lareira surgiu no outro lado da sala. Era uma grande sala, e raramente usada. No entanto, os funcionários sempre garantiam que não há espaço na grande mansão secular sem alma que era negligenciada.

Os passos foram ficando mais altos. O rapaz ainda podia ouvir sua mãe chorando do outro lado da porta. Ele deu um último empurrão, mesmo sabendo que era inútil, e correu para se esconder atrás da grande poltrona perto do fogo.

Ele atingiu a parte de trás da cadeira, na entrada para a sala. Ele podia ver a sombra da pessoa subindo os degraus. Ela ficava cada vez maior. Medo apertou a garganta do menino. Ele apertou o livro que estava segurando contra o peito como um escudo.

Mas ele sabia que, no fundo, nada poderia protegê-lo.

—Je... remy... — a voz melodiosa de seu irmão chegou aos seus ouvidos.
—Je... remy... Pequeno Jeremy, onde você se meteu?

O menino fez uma careta. Ele odiava esse nome. Ele odiava o que ele representava, o que significava. Ele odiava o que o lembrava. Ele nunca mais seria o brinquedo de qualquer um dos seus irmãos.

Ele viu a grande forma de seu irmão emergir do lance de escadas. Se Jeremy estava com medo antes, um olhar para o seu irmão foi o suficiente para deixá-lo aterrorizado.

Robert, aos dezenove anos, já era um homem adulto. Ele estaria fazendo vinte em uma semana. Ombros largos davam destaque a um quadro volumoso que lhe convinha perfeitamente para o rugby. Com poucos dias negligenciando a navalha, tinha deixado uma barba espessa no rosto. Seu cabelo, selvagem e despenteado, traia o que ele estava fazendo antes, com uma das empregadas domésticas.

Antes que a fantasia o atingisse a procurar uma vítima para a noite.

O menino não sabia por que seu pai tolerava as atividades noturnas de Robert. Elas eram cruéis, sádicas. Mais de uma vez no ano passado, Jeremy tinha acordado para encontrar o cão da família abatido, quase sem vida. Cada vez, ele cuidava do animal até trazê-lo de volta à saúde, apenas para tudo acontecer novamente algumas semanas mais tarde.

Eventualmente, o pobre animal desapareceu. Ninguém falou dele. Na verdade, Jeremy parecia ser o único que tomou conhecimento.

Houve outros incidentes. Um mês atrás, Jeremy descobriu uma caixa de sapatos embrulhada em papel de presente esperando por ele na mesa do café. Ele tinha acordado tarde, e perdeu o resto da família. Ele estava só quando a abriu. Dentro, ele encontrou -seu estômago se encolheu com a lembrança- seis pequenos periquitos, com seus pescoços horivelmente torcidos, deitados em uma cama de palha.

Ele trouxe a caixa para seu pai. Ele esperava algum tipo de punição para Robert, do tipo que ele tinha recebido tantas vezes... Mas tudo o que conseguiu foi uma bronca irritada por interrompê-lo quando estava trabalhando.

—Eles são pássaros, Jeremy —, seu pai havia dito. —Mortos. Eles não podem prejudicá-lo. —Jeremy lembrou o desdém de seu pai. —Não me diga que você está com medo dos mortos?

Jeremy fechou a caixa e a jogou fora. Mas a imagem desses seis periquitos indefesos assombrou seus sonhos por semanas.

—Jeremy! — Seu nome saiu como um comando. —Eu sei que você está aqui. Mostre-se. O pai está com raiva que você desobedeceu a sua ordem.

O jovem fechou os olhos e empurrou suas costas na cadeira, desejando desesperadamente se fundir no tecido. Os passos pesados de Robert ecoaram como granadas de artilharia, enquanto atravessava a sala. Ele parou antes da única porta e tentou a maçaneta. Ela não se mexeu. Robert pressionou uma orelha à madeira. Ao ouvir exatamente os mesmos sons que tinha atraído Jeremy aqui em cima, ele deu um escárnio.

Jeremy pressionou seu pequeno corpo no chão. Ele se arrastou por baixo da cadeira que ele esperava ser a sua salvação.

Mesmo em sua mente jovem, no entanto, ele sabia que não iria ajudar. Ele sabia que estava apenas atrasando o inevitável. Ele sabia que não era o mestre de seu próprio destino. Toda a sua vida tinha sido decidida por ele quando ele tinha nascido por último, e não desejado, nesta família poderosa.

—Não? — Jeremy podia ver as botas de seu irmão se movendo em torno de um círculo lento, e depois parando. Os dedos apontados diretamente para a cadeira. —Então parece que eu vou ter que te encontrar. Eu o adverti, e você só está fazendo isso piorar.

Jeremy abaixou a cabeça, pressionando a testa no chão, e fechou os olhos. Seu corpo inteiro tremia de medo.

O impacto das botas de Robert contra o piso de madeira dizia a Jeremy exatamente o quão perto seu irmão estava. Vinte passos. Dez. E depois...

Uma mão estendeu e apertou os tornozelos de Jeremy. —Te peguei, seu pequeno fodido,— Robert resmungou.

A próxima coisa que Jeremy sabia, era que ele estava sendo arrastado para fora de seu esconderijo inútil. Ele chutou contra o seu irmão. Robert pegou seu outro pé com uma aderência impossivelmente forte. Jeremy lutou, tentando se libertar, tentando fugir. Fazer isso não era bom. Ele era pequeno.

Seu irmão era grande. Ele era fraco. Seu irmão era forte. Ele era apenas um garoto, enquanto o seu irmão... Bem, seu irmão era um homem.

A única coisa que Jeremy não iria fazer era gritar. Ele nunca iria gritar. Ele não exigiria socorro. Não porque ele sabia que não viria ajuda, isso era óbvio, mas porque gritar seria a admissão final de derrota. E enquanto seu irmão poderia fazer o que quisesse com o corpo de Jeremy, ele nunca iria conseguir a satisfação de saber o quanto isso afetava a mente de Jeremy.

Ele resmungou e chutou e se contorceu quando seu irmão o deixou livre. O livro de Jeremy ficou esquecido debaixo da cadeira.

Robert sentou-se em cima dele, o que tornou impossível para Jeremy respirar. Ele sorria como um louco.

—O que você está fazendo aqui em cima, hein, garoto? — Perguntou. Um punho colidiu com as costelas de Jeremy. Dor explodiu acima do lado de seu corpo. —Procurando pela mamãe? — Outro soco. Outra sacudida queimando de dor. —Bem, adivinhe, sua busca foi inútil? Mamãe não está aqui!

Uma enxurrada de socos choveu sobre o corpo de Jeremy. Ele tentou se proteger do ataque.

Robert agarrou o cabelo de Jeremy e levantou a cabeça. A agonia acentuada por sua costela quebrada foi quase o suficiente para Jeremy quebrar seu voto de silêncio.

Quase. Mas não foi bem assim.

—O que você tem a dizer por si mesmo, hein? — Robert perguntou. —O que você vai dizer ao pai quando eu deixá-lo saber onde eu encontrei você?

Robert cuspiu em seu rosto. Jeremy vacilou.

Em seguida, o peso sobre seu corpo estava sendo levantada. Jeremy engasgou com o ar, enchendo seus pulmões com o precioso néctar.

—Levante-se —, Robert ordenou. Ele chutou Jeremy no baço. —Levante-se! Nós iremos direto para o pai. Ele não vai ficar feliz com você quando... Olá! O que é isso?

Não! Jeremy pensou. Não, por favor, não...

—Oh, você tem que estar brincando comigo! — Robert riu. —De jeito nenhum. De maneira nenhuma. Você ainda mantém esse lixo?

Ele inclinou-se e pegou o livro que tinha sido exposto quando a cadeira derrapou para um lado durante a luta.

Robert segurou o livro no alto. A tampa da frente se abriu. Todas as imagens que Jeremy amava, que ele guardava como um tesouro, voaram quando as páginas eram arrancadas. O céu azul brilhante. Os pastos verdes.

Os dragões coloridos.

—Isso —, anunciou Robert —, é lixo absoluto. Pai lhe disse para se livrar disso há meses. —Seus olhos se arregalaram, e ele se virou para a lareira. Jeremy podia ver a ideia se formar na cabeça de seu irmão.

—Não! —, Disse Jeremy. —Robert, me devolva isso. Isso-isso-isso-isso-é meu!

— Isso-isso-isso-isso-é meu —, Robert o imitou. —Eu vou fazer o que o pai deveria ter feito há muito tempo. Eu vou jogar...

—Robert Blackthorne! Coloque esse livro para baixo.

A cabeça de Jeremy se virou na direção do som da voz. Lá, de pé no meio da porta aberta, estava sua mãe. Um vergão vermelho irritado marcava metade do rosto, tornando-o macio e inchado. Isso poderia contundir horivelmente pela manhã.

Robert congelou na metade do movimento de levantar sua mão. Ele olhou para sua mãe. Ele deu um olhar para Jeremy, e outro de volta para ela, e, em seguida, jogou o livro no chão. Jeremy se mexeu para buscá-lo.

—Você merece tudo o que o pai lhe dá, — Robert cuspiu. —Prostituta ingrata.

E então ele saiu da sala.

Jeremy esperou até que as pegadas estivessem longe antes de correr e arremessar-se nos braços de sua mãe. Até mesmo seu abraço carinhoso machucou suas novas lesões. Mas Jeremy sabia que ela não poderia saber o que Robert tinha feito. Isso só deixou uma resposta para por que ela o segurou tão vagamente.

Ela estava abrigando lesões similares.

—Não, não —, ela murmurou em seu ouvido. —Shhh, meu pequeno príncipe. Não chore. Não chore. Está tudo bem. Mamãe está aqui. Você está seguro. Você está seguro.

O menino não sabia que estava chorando. Ele sempre tentou tornar-se forte, para se fazer parecer impressionante aos olhos de seu pai.

Mas, às vezes, a fachada tornava-se demais para suportar.

—Você trouxe o nosso livro. — Sua mãe alisou o cabelo e tocou seu rosto. —Você gostaria que eu o lesse com você de novo?

Jeremy mordeu o lábio para parar de choramingar. Ele assentiu.

Sua mãe sorriu. A beleza do sorriso brilhava através da feiúra do que seu pai tinha feito.

—Tudo bem —, disse ela. Ela pegou a mão dele. —Ok, vamos para o meu quarto.

Capítulo Um

Eu passei o fim de semana em estado de choque semi-delirante.

Jeremy tomou conta de mim. Isso soa como, uma coisa tão inacreditável e ridícula de dizer. Que eu permitiria que o homem cujo enredo de vingança, cujo foco em mim começou com alguma coisa que eu não tinha culpa, por cuidar de mim quando a verdade finalmente veio... Isso me faz parecer fraca, patética, frágil.

E talvez eu seja. Talvez eu esteja tão longe do buraco do coelho com Jeremy Stonehart que não existe saída. Eu já fiz a minha escolha em ficar ao lado dele. Tenho minhas razões para isso mudar, agora que eu sei por que ele me escolheu?

Não.

Não, porque a sua razão, porém improvável, no entanto juvenil, não mudou as minhas motivações. Não mudou meus planos.

Mais importante ainda, isso não mudou o que aconteceu entre Jeremy e eu desde que fui sequestrada em outubro passado.

A maior parte do sábado, eu passo na cama. A primeira metade do domingo é a mesma coisa. Jeremy me dá espaço quando ele sente que eu preciso disso. Mas ele está sempre ao alcance da voz. Ele me traz refeições. Eu belisco um pouco de comida, mas deixo a maior parte intacta.

O relógio na parede distante do quarto se torna o meu maior inimigo. Quando segunda-feira de manhã chega, é hora de voltar ao trabalho para Jeremy e eu. Eu sinto a pressão do tempo, os gostos que eu não tenho experimentado em anos, pesando sobre mim.

Eu preciso arrumar minha cabeça antes de retornar às Indústrias Stonehart. Eu não estaria fazendo nenhum favor a qualquer um que fosse acompanhar o meu desempenho na primeira semana, sendo indiferente e desleixada na segunda.

Como Jeremy me ensinou, é tudo sobre aparências.

Mas o que acontece quando você deixa alguém ver seu interior? O que acontece quando não há como se esconder atrás de uma máscara?

—Nós precisamos conversar. — A voz de Jeremy me desperta de um sono inquieto. —Lilly. Você não disse uma palavra que não seja “sim” ou “não” todo o fim de semana. Eu dei-lhe tempo, mas...

Ele olha para o relógio, agora mostrando 20:00 —... Eu preciso saber. O que você está pensando? Como está se sentindo? Você não pode internalizar isso.

Eu posso tentar, eu penso teimosamente.

—O telefone já estava soando fora do gancho —, diz Jeremy. —Você precisa responder. Fey vai se preocupar, de outro modo.

—Ela já está preocupada, — Eu me oponho. —Será que você não estaria se fosse ela?

—Se eu fosse ela... — Jeremy repete as minhas palavras, parecendo pensativo. —Se eu fosse ela, eu faria um milhão de coisas de forma diferente, Lilly. Eu não sou. Tais hipóteses são inúteis. O que você precisa fazer, o que eu preciso que você faça, é falar com ela. Aplacar seus temores. Estou com medo, se você não... —ele se senta no lado da cama, —... Ela pode fazer algo muito imprudente.

—Você ainda está preocupado que eu vou te trair, Jeremy? — Pergunto. —Eu acho que eu tenho provado onde minha lealdade está.

—Sim —, diz Jeremy. Ele pega a minha mão e as coloca entre as suas. — Você mostrou para mim, uma e outra vez, o quão magnífica você realmente é. Eu confio em você, minha doce Lilly-flor.

Ele abre meus dedos e beija minha mão. —E, embora eu nunca possa adivinhar o que está acontecendo dentro dessa sua cabeça impressionante, eu acredito que você confia em mim... Só um pouquinho.

Eu tremo quando o calor do seu toque flui pelo meu braço. —Eu confio —, eu sussurro.

—Então eu preciso de você para chamar Fey. — Jeremy chega de volta e pega meu telefone. —Diga-lhe que não há nada errado. Garanta-lhe que você está bem.

Ele coloca o telefone na minha mão. —Eu posso treiná-la, Lilly, sobre o que você precisa dizer. Mas eu não quero insultar a sua inteligência ao insistir nisso. Você entende a importância de aliviar os temores da sua amiga?

Concordo com a cabeça ligeiramente. —Eu entendo.

—Então eu vou deixá-la sozinha. — Jeremy destaca. —Chame-me quando você terminar. Eu estarei no outro quarto.

Seus olhos se movem sobre a forma do meu corpo, escondido pelos lençóis. —Você e eu vamos conversar... — seu olhar cai no meu. Um tom autoritário entra em sua voz. —E depois —, ele promete, —nós vamos foder.

Eu fico olhando para o telefone em minhas mãos por um longo tempo antes de reunir a coragem de ligar.

—Ligue para Fey, — Jeremy tinha dito. É a primeira coisa em sua ordem de prioridades. Eu entendo o porquê. Isto deveria ter sido a minha primeira também. Eu fui muito infantil para ver isso corretamente.

Eu viro meu telefone e estremeço. Vinte chamadas perdidas, tudo a partir de um número. Tudo de Fey.

Merda, ela deve estar pirando. Lembro-me de que ela sugeriu vir para a Califórnia com Robin e me levar. Eu absolutamente não posso tê-la fazendo isso.

Então eu respiro fundo, reúno as minhas forças, e disco o número.

Ela atende ao primeiro toque.

—Lilly! —, Ela exclama. —O que diabos aconteceu? Por que você não respondeu às minhas chamadas? Eu tenho estado tão preocupada com você. Eu não conseguia dormir. Onde você está? Você ainda está aí? Você ainda está com ele? Oh Deus, eu espero que não. Por favor, me diga que você não está, Lilly. Por favor, me diga que você se afastou.

As palavras dela me atingem como a água atrás de uma represa.

—Fey, desacelere, — eu digo. —Respire. Respira fundo. Estou bem. Estou segura. E sim, eu ainda estou com ele.

—O quê? — Sua exclamação é tão alta que me faz arrancar o telefone da minha orelha. —O que você quer dizer com você ainda está com ele? Você não ouviu o que eu disse? Você não está nem um pouco preocupada com o que Robin encontrou?

—Fey, olhe, — Eu começo, articulando cada palavra e falando muito claramente. —Eu preciso que você me ouça. É claro que eu estou preocupada com o que Robin encontrou. Mas o que Jeremy e eu temos... É complicado. Esse não é um relacionamento típico.

—Não, merda, não é! — Grita Fey. Ela parece que está à beira da histeria. —Lilly, o homem é insano. Ok, ele é rico, bonito, bem sucedido, qualquer que seja. Mas você tem que perceber que você não está segura com ele. Você tem que entender...

—Não —, eu a corto sem nenhum remorso. —Você tem que entender, Fey! Quando eu digo que estou bem, eu realmente quis dizer isso. Eu não estou prestes a me levantar e sair. Não sobre algo que aconteceu há muito tempo, não sobre algo que pode ou não ser verdade.

—É verdade! —, Ela insiste. —Robin colocou tudo para fora por mim. O que ele encontrou...

—E por que você aceitou que o que Robin encontrou é certo?— Eu pergunto, começando a ficar com raiva. —Ele nem mesmo saiu da escola ainda. Ele é apenas um repórter estagiário. Ele não tem a experiência...

—Robin não é —, Fey proclama: —Um repórter estagiário! Como se atreve a insultá-lo assim?

—E como você se atreve a ter a pretensão de saber o que é melhor para mim?— Eu exijo. Minha raiva está em pleno andamento, agora. Eu devo estar canalizando meu Stonehart interior. —Você mesmo disse isso. Eu mudei. Bem, você mudou, também! A Fey que eu conhecia antes seria inteligente o suficiente para perceber que eu posso fazer as minhas próprias decisões. Eu não preciso de dicas ou conselhos ou advertências sobre como viver a minha vida. Eu sei o que é melhor para mim, Fey! Você ouviu isso? Eu sei! Nem você, nem Robin, nem Jeremy, nem a porra da minha mãe...

Eu paro quando eu percebo que estou gritando. Meu coração está batendo forte. A adrenalina está correndo através das minhas veias. Estou empolgada, desafiada, frustrada. Tudo o que posso pensar é:

Será que meu comportamento provém da forma como minha mãe me criou?

O silêncio me recebe, na outra extremidade da linha. Eu imagino que se Fey e eu estivéssemos interagindo face-a-face, esse seria um silêncio chocante.

Mas eu não vou piscar primeiro. Eu espero que ela fale.

—Tudo bem —, diz ela finalmente. Sua voz assumiu ares aristocráticos. —É óbvio que você agora se considera superior. Aproveite a sua nova vida, Lilly Ryder. E na próxima vez que você precisar de um amigo, não venha para mim.

Ela desliga o telefone.

Devagar, com cuidado, eu afasto o telefone da minha orelha. Lentamente, com cuidado, eu o desligo e o abaixo para o meu colo.

Então, com um grito primal de pura raiva, eu o jogo tão forte quanto eu posso contra a parede.

Eu arremesso os lençóis para longe de mim e marcho para fora da porta. Acho Jeremy sentado em uma espreguiçadeira na sala de estar. Eu vou até ele. Ele começa a ficar de pé. Eu não deixo. Eu empurro seus ombros para baixo e escarrancho em suas pernas.

—Você —, eu digo, minha voz exigente e cheia de emoção incontida, —precisa ficar nu. Agora.

Ele não perde tempo em cumprir.

Capítulo Dois

Estou nervosa e irritada no dia seguinte no trabalho. Minha tolerância para incompetência está baixa a todo tempo. Eu ataco toda a minha equipe, sabendo que eu estou fazendo nenhum favor a mim mesma me dirigindo a eles como recém-chegados ao trabalho.

Eu não me importo. Jeremy me deu esta posição. Ele é o único que eu me sinto responsável. Eu vou provar para ele -e para todo mundo, -que este não é apenas um negócio de amantes.

Apesar de minha disposição, -ou talvez por causa dela, -o dia termina antes que eu perceba. Às 5:30, eu estou prestes a entrar no elevador (o mesmo onde eu tive aquele primeiro encontro elétrico com Jeremy Stonehart) quando eu sinto uma mão no meu cotovelo.

—Jeremy —, eu começo, virando-me. —Nós não deveríamos...

Eu paro. De pé atrás de mim não está Jeremy Stonehart, mas um cara de cabelos grisalhos, espectro de uma aranha. Ele é da altura do meu ombro. Seu rosto é enrugado com linhas. Seus olhos estão escondidos por um par de óculos cor-de-laranja.

—Senhorita Ryder—, diz ele cordialmente. —Posso ter uma palavra?— Ele olha para as pessoas em pé ao nosso redor. —Em particular?

Há algo vagamente familiar sobre seu rosto. Leva-me um segundo para lembrar. Quando eu o faço, minhas paredes sobem imediatamente. Eu o vi uma vez, há muitos meses atrás, quando Jeremy me apresentou a sua equipe. Naquela época, ele era um dos opositores mais veemente de Jeremy.

—Eu não penso assim—, eu digo, puxando meu braço para fora de seu controle. —Eu tenho...

—Eu temo—, diz ele, segurando meu braço novamente, — que eu devo insistir.

Seus dedos cravam em minha pele. Ele tem uma aderência surpreendentemente forte para um homem do seu tamanho.

Ele dá um passo mais perto de mim. —Você não gostaria de fazer uma cena diante de todas essas pessoas adoráveis agora, gostaria?

Eu olho em volta.

Na verdade, eu acho que, no meu humor atual, eu não me importo inteiramente.

Ele sente a minha relutância, e acrescenta: —É sobre o Sr. Stonehart. Ou, como você parece preferir, sobre Jeremy.

Eu fico dura. Eu deveria ter sido mais cuidadosa ao usar seu primeiro nome no prédio de escritórios. Mas há uma insinuação que ouço por trás das palavras do homem. Ela me diz que ele está falando mais do que minha indiscrição agora.

—Ok, — Eu aceno. —Onde?

—Meu escritório privado vai nos servir bem,— o homem murmura. As portas do elevador se abrem e nós andamos para dentro, junto com o resto da multidão. —Isso só vai levar um minuto de seu tempo. Eu prometo.

Nós descemos em um andar quase vazio no segundo nível mais alto. O homem caminha rapidamente. Eu o sigo.

Ele para diante de uma porta fechada e insere uma chave. —Eu devo pedir desculpas antecipadamente se minha suíte parecer... pitoresca para você —, diz ele, antes de abrir a porta. —Estou ciente de que você está acostumada a acomodações mais impressionantes.

Esta segunda insinuação faz um arrepio desconfortável correr pela minha espinha.

Nós entramos. Seu escritório, embora não tão grande como o andar de Jeremy acima, é tão luxuoso. Ele me dá um sorriso fino e vazio, e, em seguida, caminha até o mini-bar no canto. —Scotch?— Ele pergunta. —Eu sei que o Sr. Sto... Aham... Jeremy é um apreciador de bebidas finas. Eu só não tenho certeza se seus gostos foram passados para você ainda.

Eu cruzo meus braços e faço o meu rosto severo. —Eu não gosto do jeito que você está falando comigo.

—Oh? — Suas sobrancelhas sobem em surpresa falsa. Ele deixa cair um cubo de gelo em seu copo. —Há muitas coisas que eu não gosto, tampouco, senhorita Ryder. Algumas delas giram em torno de você. Gostaria de ouvi-las?

—Você ainda não me disse o seu nome, — Eu o lembro.

—Sério? — Ele traz o copo aos lábios, toma um gole, e bate o lado com o dedo. Noto uma tira de pele pálida perto de sua junta onde eu presumo que um anel de casamento costumava estar. —Isso é estranhamente uma distração da minha parte.

—Você está desperdiçando meu tempo —, eu anuncio, voltando-me para a porta. —Eu...

—Lilly. —O uso do meu nome me faz parar no meio da frase. Ninguém mais me chamou assim neste edifício. —Eu não seria tão apressada, se eu fosse você.

Volto-me para ele. Ele está se sentando na cadeira atrás de sua mesa. Ele faz um gesto para uma vazia no outro lado. —Por favor.

Eu mordo meu lábio, considerando... E aceito sua oferta. Eu mantenho a minha coluna ereta e rígida quando eu pouso na borda.

—Impressionante —, homem diz, —quão bem você mantém a sua compostura. Jeremy lhe ensinou bem.

—Sr. Stonehart, —eu o corrijo.

—Por favor —, ele levanta a mão para me impedir. —Não vamos fingir por mais tempo. O homem que estamos falando é Jeremy para você, e, quando surge a necessidade, Jeremy para mim, também.

Eu estreito meus olhos. —Quem é você?—, Pergunto. —E o que você quer de mim?

—De você? —, Diz ele. —Nada. Eu tenho algumas informações que eu suspeito que você possa estar interessada. Eu estou pronto para divulgá-las livremente, e você deve provar ser cooperativa.

—Você ainda não me disse o seu nome.

—Não? —, Diz. —É engraçado. Eu tinha certeza de que você já soubesse.

Eu franzo a testa. —Eu não.

Ele dá mais um pequeno gole. Ele coloca o copo para baixo e coloca as duas mãos espalmadas sobre a mesa. Seus olhos mostravam manchas da idade estragando sua pele.

—Meu nome —, diz ele com um suspiro, — *era* Sr. Blackthorne.

Capítulo Três

Eu espero que ele diga algo mais. Quando ele não diz, eu franzo a testa.

—Então? — Pergunto. —Será que isso quer dizer alguma coisa para mim?

—Poderia —, diz ele. —Seria, para a pessoa certa. Você, minha cara, não é ela.

Eu não sei o que isso significa, então eu escolhi ignorar. Imediatamente, eu me concentro em outra coisa que ele disse.

—O que quer dizer com "era"? — Pergunto.

Ele rola a cabeça de um lado para o outro em um movimento cansado. — Blackthorne era o meu nome—, ele me diz. —Mas não é mais. Agora, a maioria das pessoas me conhece como Hugh. Ou Sr. Hugh, dependendo de quem está perguntando.

—O quê? Não estou entendendo. Esse é seu primeiro nome ou seu sobrenome?

—Às vezes, eu me pergunto a mesma coisa —, ele murmura. —É ao mesmo tempo, Srta. Ryder, e ainda assim, nenhum dos dois. Mas você está me desviando. Eu não trouxe você aqui para discutir a etimologia dos nomes. Agora, eu tenho tomado mais do seu tempo do que eu pretendia.

—Então, para o que você me trouxe aqui? — Pergunto.

—Para emitir uma advertência —, diz ele. —Jeremy, -Sr. Stonehart, -não exerce tanto poder como ele acredita em sua equipe. A empresa está escorregando por entre seus dedos agora, no momento mais vital. —Ele levanta o olhar e encontra o meu. —Fofocas atribuem isso a você.

—A mim?— Eu zombo. —Isso é ridículo. Eu não tenho qualquer influência excessiva...

Eu paro quando Hugh traz um envelope e desliza-o sobre a mesa. —Para você —, diz ele.

—O que é isso?

—Veja.

Eu rasgo para abrir a parte superior.

Dentro, encontro uma coleção de fotografias. Algumas estão granuladas e embaçadas, obviamente, tiradas a uma distância. Outras estão claras como se o fotógrafo tivesse ficado a dois metros de distância. Elas nos mostra, -Jeremy e eu, -em sua ilha tropical. Há aquelas onde nós nadamos. Outras, de mãos dadas, nos abraçando na praia. Meus olhos se arregalaram em choque quando eu folheio as fotografias em tons de verde, tiradas à noite, mostrando-nos fazendo amor.

—Como você conseguiu isso? — Pergunto. Minha voz é rouca. —Quem mais tem elas? Quem mais sabe?

—Ninguém, além de mim, minha querida —, Hugh me diz. Ele atravessa e dá um tapinha na minha mão em um perturbador gesto paternal. —Pode ficar com elas. Essas são suas. Eu tenho cópias.

—Se você está tentando me chantagear... — Eu começo.

Ele ri e se inclina para trás. —Não, senhorita Ryder. Eu não estou. Mas dada a sua nova posição e, posso dizer, bastante fortuita, dentro da empresa, eu achei que você gostaria de saber. Eu entendo que você está no cargo de PR?

Concordo com a cabeça em silêncio.

Hugh se inclina para trás. —Agora, então, imagine o escândalo que poderia ocorrer se tais fotografias parassem em mãos erradas.

—O que você está dizendo...?

—Só que estamos prestes a entrar em águas perigosas, Srta. Ryder. Há tubarões ao redor. E eles têm cheirado sangue.

Ele está de pé. —Mas eu não quero que você se preocupe. Seu segredo, por enquanto, está seguro comigo. Bem, nos falaremos novamente, em breve.

Eu, sabendo que fui dispensada, vou para a porta, com o envelope de fotografias apertado ao meu lado.

—Oh, Srta. Ryder? — Hugh chama, assim quando estou prestes a virar a maçaneta. Eu olho para ele. —Eu percebi que você se livrou de um certo adorno que você costumava usar.

Ele toca seu pescoço.

E, em seguida, para meu horror, chega em sua mesa e tira uma réplica perfeita do meu colar.

—Eu tenho mais um aqui, totalmente funcional, se desejar.

Capítulo Quatro

Eu saio do escritório de Hugh, minha visão gira. Eu me sinto enjoada, tonta, tonta. Meu estômago embrulha, dando voltas. Corro cegamente para o elevador e aperto o botão de chamada. Mais uma vez, e de novo, e de novo.

As portas se abrem. Eu me jogo dentro. Elas começam a se fecharem. Imediatamente, eu estou martelando o botão para o piso superior.

Jeremy. Eu preciso ver Jeremy. Ele pode me dizer o que está acontecendo. Ele pode me dizer quem é esse “Hugh”.

Ele pode me dizer o que as fotografias querem dizer, o que vamos fazer com elas, por que ele está sendo vigiado por membros de seu próprio conselho...

As portas estão totalmente fechadas agora, e eu estou sozinha por dentro. Ainda assim, o elevador não está em movimento.

Por que o elevador não está em movimento? Eu me sinto frenética. Em pânico. Presa.

Eu aperto o botão com crescente urgência. Só então eu ouvi a voz feminina computadorizada que vem através do alto-falante, repetindo a mesma frase várias vezes, solicitada a cada aperto meu desesperado.

—Acesso negado. Acesso negado. Acesso negado.

Claro! Eu sou uma idiota. Para chegar ao andar de Jeremy exige esse implante maldito. Esse chip em seu pulso. Além disso, a varredura de retina...

Gotas de suor se formam nas minhas costas, fazendo minhas roupas parecerem muito pesadas, muito restritivas. Minhas mãos estão úmidas. Eu estou enlouquecendo, perto de um ataque de pânico. Não sabendo mais o que fazer, eu mantenho-me apertando o botão de subida. E eu continuo sendo recebida por aquela voz de zombaria.

—Acesso negado. Acesso negado. Acesso...

De repente, eu me lembro do meu telefone celular. Meu celular. Jesus, o que dizer do meu estado mental se me levou tanto tempo para pensar sobre isso?

Eu o pego e ligo para Jeremy. Eu o pressiono no meu ouvido e começo a andar de um lado para outro enquanto espero a chamada completar.

Ele não toca. Eu espero e espero, mas eu não ouço o toque do telefone. Por que ele não está tocando? Eu olho para a tela, pensando que talvez eu esqueci de bater “chamar”... E então eu vejo o triângulo vazio onde o sinal de status deveria estar.

Nenhuma merda de sinal e você não pode fazer a chamada! Uma voz interior grita para mim. Você está em uma porra de um elevador! Uma caixa de metal fechada!

Meus olhos vão para as paredes.

Sem saída, eu acho. Eu estou presa, presa, presa!

O peso do aço, a robustez da sua construção pressiona para baixo em mim. Eu sinto a pressão de todos os lados. Eu olho para as portas. Eu não posso voltar lá agora. Não sem Jeremy. Não quando eu sei há outro colar esperando por mim neste piso.

Eu estou ficando louca. Eu estou à beira de quebrar. Eu tento diminuir minha respiração, respirar fundo, inalar forte e acalmar meus pensamentos frenéticos. Não. Não funciona. Só aumenta a minha ansiedade. Alguém mais sabe sobre o colar. Alguém tem uma cópia do colar.

Alguém poderia colocar de volta no meu pescoço.

Minhas costas atingem a parede fria, metal. Meus joelhos fraquejam. Eu deslizo até o chão, aperto meus joelhos no meu peito, e começo a tremer.

Com um pequeno empurrão, o elevador começa a se mover.

Eu olho em volta, silêncio. O elevador sobe. Eu posso sentir isso através do chão. Ele para, e as portas se abrem.

Através dos olhos embaçados, vejo Jeremy andando a passos largos em direção a mim, ao longo do lado do corredor, movendo-se rapidamente. Ele parece determinado, mas também alarmado.

Sem pensar, eu me levanto e corro para os seus braços. Ele me segura. Eu posso sentir sua força, sua firmeza contra mim. Com cada respiração que eu tomo, eu o respiro, encontro conforto na familiaridade de sua água de colônia, sua loção pós-barba, e ele.

Eu me quebro e soluço incontrolavelmente.

—Lilly —, diz ele. —Fale comigo. O que aconteceu? O que está errado?

Quero dizer-lhe, mas as palavras não vêm. Tudo o que eu sou capaz de fazer é chorar mais. Eu balancei minha cabeça, chorando contra ele.

Ele parece entender. —Vamos lá —, diz ele, gentilmente me guiando. — Nós vamos ao meu escritório. Teremos total privacidade lá.

Eu aceno, ainda fungando, e sigo sua direção.

A caminhada é um borrão. Atravessar as portas de correr e ser colocada em um assento de sofá é um borrão. Tudo é um borrão. Eu nem sei como eu consegui o copo de água em minhas mãos. Eu estou operando em um nível mais básico do piloto automático. É como se minha mente consciente fosse desligada, retraída quando percebe uma ameaça insondável. Estou pouco mais do que um zumbi.

O copo. Eu me concentro no copo. O líquido no interior é claro. Eu deveria beber. Eu não deveria? Eu trago aos meus lábios, tomo um gole e quase sufoco quando eu acho que não é água, mas algum tipo de bebida alcoólica.

—Beba, Lilly.— A voz de Jeremy é firme. Eu sinto sua mão envolver ao redor da minha e orientar o copo aos meus lábios. —Beba. Isso vai acalmá-la.

Eu encontro conforto em sua voz forte, autoritária. É uma sensação natural fazer o que ele diz. Parece natural cumprir.

Então, eu bebo tudo o que seja que Jeremy me deu. O líquido queima minha garganta. Quando tudo desce, um pouco de clareza cai sobre mim.

Eu pisco uma ou duas vezes, abrindo meus olhos. Jeremy está na minha frente.

Ele está ajoelhado ao meu lado, sua máscara pública arremessada longe, e a preocupação brilha através de seus olhos escuros, bonitos. Ele parece uma visão, como sempre, e eu tenho um momento surreal quando eu considero que esse homem realmente e verdadeiramente cuida de mim.

—Lilly. — Ele pega a minha mão e a prende entre as suas, acariciando seu polegar sobre minhas juntas. —Lilly-Flor. Fale comigo. Me conte o que

aconteceu. Quando eu vi você através da câmera do elevador, eu quase me perdi.

—Isso é... Como você sabia? — Eu choramingo. —Foi assim que você soube e veio me pegar?

—Eu recebo um alerta sempre que alguém tenta entrar no piso superior. Tenho de aprovar ou negar o pedido. Normalmente, as chamadas só vêm com meus convites, ou por um ataque accidental ao botão. Quando eu ouvi o chamado outra vez, e de novo, e de novo, quando eu olhei através da câmera e vi que era você, eu sabia que algo estava errado. Então me diga. Que diabos aconteceu?

Eu uso a palma da minha mão livre para enxugar as lágrimas.

Porra, eu devo parecer uma bagunça. Aposto que há mascara em todo o meu rosto.

Mas o álcool está tendo seu efeito. Estou começando a me sentir melhor. Mais forte. Mais como eu. Mais no controle.

Ou talvez não seja o álcool que está fazendo isso. Talvez seja a presença de Jeremy. Minha aposta é sobre esta última.

—Hugh —, eu digo simplesmente.

Jeremy pisca, e depois franze a testa. —Hugh? — Ele pergunta.

—Sim, Hugh, — eu digo. —Sr. Hugh? Um de seus membros do conselho?

Jeremy parece incerto. —Lilly... —, diz ele lentamente. —Eu não tenho um membro do conselho chamado Hugh.

—Sr. Blackthorne? —Eu tento. —Ele disse que algumas pessoas o conhecem por isso.

A expressão de Jeremy muda instantaneamente. Seus olhos se estreitam. Sua mandíbula define. Ele olha para mim com intensidade inabalável.

—Quem lhe disse esse nome? — Ele sussurra.

—Hugh disse! — Exclamo. —Você não estava ouvindo? Hugh, ou Sr. Hugh, ou Sr. Blackthorne, ou seja ele quem for. Isso não é importante. Jeremy, ele tinha...

—Isso é importante —, diz ele em voz baixa, me cortando. —Esse nome, — ele quase faz uma careta, —não deve ser falado na minha presença. Vou pedir-lhe mais uma vez, Lilly. Desta vez, espero a verdade. Onde você ouviu esse nome?

—Hugh me disse! — Eu digo novamente, a irritação com a obstinação de Jeremy estava começando a ultrapassar as minhas outras emoções. —Por que você não me deixe terminar? Por que esse nome é importante? Jeremy, ele tinha...

—É importante para mim. — Sua voz é como corte de aço através de seda macia. Ele se levanta, e se afasta a mim. Ele olha pela janela, as mãos cruzadas atrás das costas.

—O que você está me dizendo? — Pergunta ele. Há uma tendência perigosa em sua voz que eu ouvi quando eu o conheci como Stonehart. —Isso é um truque, Lilly? Correr para mim em perigo, interrompendo meu trabalho, só para zombar de mim... —sua voz se eleva, enchendo as palavras com desprezo desenfreado, —... Com esse nome sujo? Onde você ouviu isso? Essa é a minha recompensa por conceder-lhe a sua liberdade? É isso que você esteve fazendo toda a semana passada? Bisbilhotando e pesquisando on-line, enquanto eu pensei que você estava trabalhando?

—Jeremy, não! — Eu protesto, de pé. É óbvio que a menção desse nome o colocou no limite. Por que, eu não tenho a menor ideia.

Eu venho até ele e esfrego seu braço. —Sinto muito —, eu digo. —Eu...

—Não me toque —, ele rosna, se afastando.

Eu congelo.

Jeremy se afasta. Ele vai direto para o bar e derrama uma bebida, então a engole de uma vez. Ele derrama uma segunda, e repete o processo. Ele faz tudo isso de frente e longe de mim.

Ele coloca as mãos no balcão, e abaixa a cabeça. Estou impressionada e - assustada -pela pura massa de seu corpo. Ele é tão alto. Quando suas costas sobem e descem com até mesmo a sua respiração, lembro-me de um urso irritado.

Lembro-me de um documentário que vi uma vez. Era sobre um homem que vivia em estado selvagem e topou com dois filhotes de urso quando eles

eram jovens. Durante anos, ele os observou, filmando o processo e suas interações com eles. Os três lutavam. Eles brincavam. Mesmo quando os ursos cresceram, sua amizade continuou. Assim que ficaram suficientemente grandes, o homem os levava para ir caçar com eles.

A história não teve um final feliz. Um dia, por algum motivo ou outro, um dos ursos ficou bravo. Ou talvez tenha sido um acidente, onde o urso calculou mal sua própria força. Fosse o que fosse, tudo foi capturado em fita e, em seguida, retirado do documentário.

O homem foi morto pelos ursos. Não importava que eles haviam passado quinze anos juntos. Não importava que eles tivessem convivido desde o nascimento. Não importava que eles tinham um parentesco.

Agora que penso nisso, não foi o urso que calculou mal qualquer coisa. Foi o homem. Tentara domar duas feras. Embora, por um longo tempo, parecia que ele tinha conseguido, no final, o seu erro lhe custou a vida.

Essa é a moral da história. Você não pode adotar um animal selvagem como um animal de estimação. Não importa quão forte a sua ligação poderia ser. Bestas não são destinadas a serem domadas. Não importa o que você fizer, você não pode mudar essa natureza.

Isso é como me sinto com Jeremy no momento. Eu não domei o homem. Eu não posso mudar quem ele é. O potencial para violência, para a raiva, para um retorno à Stonehart está sempre lá. E vai continuar a estar lá, encontrando-se latente em algum lugar dentro, por toda a sua vida. Até um gatilho provoca uma reação.

Como o nome fez agora.

Então eu não me aproximo dele. Mas dou um pequeno passo para trás.

Eu vejo seus dedos apertarem em torno da borda do balcão. Ele está tentando recuperar o controle.

Eu oro, principalmente por mim, que ele consiga.

—Lilly —, diz ele. —Eu não a controlo, não mais. Mas eu ainda espero, que algumas das coisas que você aprendeu sobre mim quando eu tinha influência sobre você, permaneça. Você sabe como eu odeio ter que repetir. — Ele vira a cabeça, lentamente. Seus olhos perfuram em mim. —Portanto, não me obrigue a fazer isso.

Eu mordo meu lábio e tento pensar, incitando o meu cérebro a trabalhar mais rápido. Eu sei do que ele está falando. A pergunta que ele fez, talvez eu não tenha sido capaz de fornecer uma resposta satisfatória. Mas o que eu faço quando a verdade falha? Eu não quero mentir.

—Eu... — Eu gaguejo, e então eu me controlo. Jeremy não quer uma mulher, patética, fraca, frágil na frente dele. Então, e se esse Hugh, -seja ele quem for, -tiver uma réplica do colar? Ele não vai me prejudicar.

Não é como se ele fosse me enfrentar e forçá-lo ao redor do meu pescoço.

A imagem desse pequeno, velho, tentando me agarrar é tão ridícula que me dá vontade de rir. Ele não é mais alto do que o meu ombro! E ele tem que estar pra lá dos setenta.

Ele não é uma ameaça. Não fisicamente, pelo menos. Além disso, eu lidei com muito, muito pior, enquanto sob os cuidados de Jeremy. E para quem é que eu corro então? Ninguém! Eu confio em mim mesma. Eu tenho que me tirar dessa situação.

Isso é exatamente o que vou fazer aqui. Correr para Jeremy foi um erro. Foi um sinal de fraqueza, de dependência. Eu devo esmagá-lo no futuro. Então, eu me endireito. Eu jogo meus ombros para trás. Dirijo a Jeremy em uma voz calma, suave.

—Um homem me disse,— eu digo.

—Um homem. — Jeremy quase ri. Ele se volta para o bar. Sua mão paira sobre uma série de garrafas antes de apertar o gargalo de uma. Ele pega, pega o copo, e caminha para sentar-se atrás de sua escrivaninha.

Ele faz isso tudo sem uma vez lançar um olhar para mim.

Ele se inclina em sua cadeira e, em seguida, para minha surpresa, chuta as pernas em cima da mesa. Ele derrama o conhaque, acompanhando de perto o líquido escuro, dourado.

—Você está tentando evocar uma reação de mim? — Ele pergunta. —É por isso que você está aqui, Lilly? Você quer ver quanta energia você ainda tem?

Ele roda o líquido no copo, continuando a assistí-lo. —Bem, eu sei de uma maneira melhor para você ver. Venha aqui, Lilly.

Minhas costas enrijecem ao som insensível do seu pedido. Vou até ele de qualquer maneira.

Ele só olha para mim quando eu estou a um pé de distância.

—Me chupe —, diz ele.

Eu pisco. —O quê?

—Fique de joelhos porra e me chupe! — Jeremy ruge.

A explosão me faz cair imediatamente para baixo. Jeremy gira na cadeira e coloca suas pernas abertas em cada lado da minha cabeça.

—Eu sinto muito, — ele ri. —Eu não devia ter gritado. Mas eu acho que é preferível... à alternativa.

Eu quase abri minha boca para perguntar qual era a alternativa, antes de perceber que eu não quero saber.

Jeremy abriu seu cinto e abaixou as calças. Estou espantada ao ver que ele já está semi duro.

—Você sabe que este tipo de coisa faz meu sangue descer —, diz ele, como se estivesse lendo meus pensamentos. —E tem dias que eu não tenho sido capaz de parar de pensar nessa sua pequena boca envolvendo em torno do meu pau. Deve-me pelo fim de semana, Lilly. Você e eu... —ele acaricia o meu cabelo,—... temos algumas coisas a recuperar.

Capítulo Cinco

Eu grito quando Jeremy me fode. Nós fodemos em todos os lugares. No sofá. Do outro lado da mesa. Contra a parede de vidro.

Agora, eu estou de volta na mesa para uma segunda rodada. Eu não posso acreditar que Jeremy tem a energia de se manter em pé. Então novamente, conhecendo esse seu apetite voraz, por que estou surpresa? Ele estava certo: Estamos nos aproximando do tempo perdido no fim de semana.

—Forte, — Eu imploro. Jeremy agarra minha cintura e me fode forte, então começa a acelerar a velocidade. —Mais forte! Ah sim! Foda-me! Foda-me mais forte!

Nós estamos assim por muito tempo desde que descartamos nossas roupas. Todos os músculos do corpo de Jeremy estão brilhando com suor. Seus ombros se esforçam enquanto ele bate em mim. Cada impulso envia seu pênis profundamente dentro. Contínuas ondas de prazer queimam meu corpo.

—Ah... Lilly... Eu vou gozar! — Ele puxa para fora. —Abaixe-se!

Eu cumpro sem hesitação, caindo de joelhos diante dele e deixando seu jato de sêmen cair sobre o meu rosto.

Ele cambaleia para frente quando termina, inclinando-se sobre mim, contra a mesa, para o apoio.

Sua respiração irregular lentamente se acalma.

Ele abre os olhos, — Vamos lá. Tempo para você se limpar.

Quando eu estou limpando o sêmen dos meus olhos com as costas da minha mão, ele dá um tapa em minha bunda. Eu salto.

—Porra, mas você fica sexy quando está toda quebrada assim,— diz ele.

Depois que nós dois tomamos banho no seu banheiro privativo e nos vestimos, voltamos para a parte principal de seu escritório. Jeremy, com o cabelo ainda molhado, parece tão bom como eu já vi. Mais do que isso, ele parece... satisfeito. Saciado.

Depois de todo o sexo que acabamos de ter, não é nenhuma surpresa.

Ainda assim, é um lembrete de quanto o seu humor pode ser influenciado por um ato tão simples. Ok, talvez não tão simples, -não com ele, - mas algo que eu posso oferecer a pedido, quando necessário, uma vez que combina comigo.

Vamos lá, uma voz sussurra. Não é como se você não aproveitasse, também.

Eu abafo uma risadinha e depois me jogo no sofá de couro.

—Então —, diz Jeremy. Ele ajeita o cabelo com as duas mãos e, em seguida, cruza os braços, olhando para mim. —Senhorita Ryder. Você está pronta agora para me dizer onde você ouviu esse nome?

—Blackthorne? — Pergunto.

Jeremy muda em seus pés. Posso vê-lo lutando com alguma irritação interna.

—Sim —, diz ele em voz baixa. —Blackthorne.

—Eu disse a você, mas você não acredita em mim, — eu digo. Sento-me. O tempo muda lá fora. A tempestade começou. Um relâmpago rompe o aguaceiro.

Eu tremo. Eu nunca me senti segura no meio de uma tempestade.

Jeremy exala lentamente. —Essa é a história que você está aderindo? — Ele pergunta.

—Jeremy, você me viu no elevador! Você viu como eu estava distraída. Você acha que eu tinha acabado de fazer algo como isso?

—A mente é capaz de coisas extraordinárias, Lilly—, diz ele. —Talvez eu tenha superestimado sua capacidade em voltar a trabalhar tão cedo. Talvez, depois de ouvir o que Fey disse a você, você devesse ter ficado em casa.

Minhas costas enrijecem. —Você está dizendo que eu não sou capaz—, eu começo.

—Eu estou dizendo que você está estressada—, ele interrompe. —Alguma coisa aconteceu com você hoje. Você não foi você mesma. É

compreensível, Lilly. Admirável, mesmo, que você se coloque em um rosto forte por tanto tempo. Você teve um colapso no elevador. Isso é tudo.

Frustra-me como ele pode falar sobre isso tão... clinicamente. Tão desapaixonadamente. Como se nós não tivéssemos acabado de partilhar uma das mais intensas foda do caralho na memória recente.

É como se, uma vez que o terno voltou, e voltamos para seu escritório, a dinâmica de nosso relacionamento se deslocou direto para a de empregador-empregado.

—Agora me diga —, ele continua. —Isto é algo mais que você teve de Fey? Será que seu noivo cavou mais alguma coisa?

—Não —, eu digo. Eu quero moer os dentes em frustração. —Jeremy, por que você não me ouve? Veja, isso é o que aconteceu. Eu estava esperando pelo elevador, pronta para sair, quando um homem se aproximou de mim. Ele parecia familiar. Levei um momento para reconhecê-lo. Eu o vi uma vez, meses atrás, quando me apresentou à sua equipe! Você não se lembra?

—Não zombe de mim agora —, diz Jeremy. Sua voz é suave e perigosa. —Claro que me lembro. Eu me lembro de tudo que tem a ver com esta empresa. Lembro-me de tudo o que tem a ver com você.

—Isso é muito doce —, eu digo sarcasticamente. —Posso continuar?

Jeremy faz um gesto para continuar.

—Ele me pediu para ir com ele. Eu não sabia o que ele queria, então eu disse “não”. Eu estava pronta para sair. Eu queria ir para casa... Para te ver.

Jeremy enrola seus lábios de volta como uma prévia de um sorriso mais fino. —Isso é muito doce —, ele imita.

Eu ignoro a provocação. —Ele me disse que era sobre você. Então, ele o chamou pelo seu primeiro nome. Na minha cara.

Eu esperava alguma reação de Jeremy quando eu disse isso.

Ele não dá nenhuma. Ele só olha para mim com expectativa, esperando claramente para eu continuar.

—Você não acha que é um pouco incomum? — Pergunto.

—Enquanto não for feito na minha presença, as pessoas podem chamar-me do que quiserem—, diz Jeremy. —Então, o que, Lilly? Vá direto ao ponto. Minha paciência está se esgotando.

—O ponto—, eu digo, crescendo com raiva —, é que ele sabia sobre nós. Sobre eu e você. Sobre o nosso relacionamento fora do trabalho.

Jeremy parece impressionado. —Então?—, Ele pergunta. —Qualquer um com metade de um cérebro poderia colocar dois e dois juntos. É apenas sua insistência de que nós mantemos a farsa de formalidade neste edifício.

—Não isso,— Eu assobio. —Ele sabia sobre nós... sobre você... sobre... — Meus nervos quase falham. —...O colar.

Isso recebe sua atenção. —O que você disse?

—O homem... Hugh Blackthorne—Seja quem for— ele tinha fotografias de nós, Jeremy. Na sua ilha. Ele deu para mim. —Eu olho em volta, procurando o envelope, mas não consigo encontrá-lo imediatamente. —Até pior, apenas antes de eu sair, ele enfiou a mão no balcão e tirou o colar...

—Isso é impossível—, diz Jeremy. —Essa tecnologia só foi compartilhada com alguns privilegiados indivíduos os quais eu confio a minha vida. Eu não tenho coleiras extras apenas flutuando ao redor, Lilly.

—Então explique o que eu vi,— Eu desafio.

Jeremy exala e esfrega a ponte de seu nariz. —Eu não sei o que você viu—, diz ele. —Mas eu tenho uma maneira de descobrir. —Seus olhos se movem para o canto do teto.

—Você tem câmeras aqui?— Eu exclamo. —Isso significa que elas gravaram tudo... tudo que você e eu fizemos?

—Oh, não aja assim ofendida—, ele rosna. —Claro que eu tenho câmeras aqui. A segurança é vital. Eu tenho câmeras em cada andar, em cada sala, deste edifício. Eu dei-lhe o controle sobre o interior da minha casa. Não espere que eu faça o mesmo aqui.

—Eu não espero isso, —eu digo baixinho, olhando para os meus pés.

—Então, quando você terminar de jogar comigo, quando você terminar de tentar testar-me podemos ver exatamente o que te deixou tão irritada.

—Ok—, eu digo. —Vamos fazer isso. Talvez então você vá acreditar em mim.

Jeremy leva-nos pela porta dos fundos, entra em um conjunto de salas, e em depois uma pequena sala de vigilância. Abre as trancas de duas portas de metal pesado. A sala é escura. A única iluminação vem das telas brilhantes em torno de mim. Elas lançam um matiz azul sobre o espaço. Jeremy se aproxima de uma e digita seu código de acesso.

—Agora —, diz ele, virando-se para mim —, quando isso aconteceu? Quando o homem se aproximou de você?

—Pouco antes de eu vir até você—, eu digo.

—Onde?

—Junto aos elevadores no 18º andar. Eu estava prestes a sair.

—Hmm, — os dedos de Jeremy batem em algumas teclas e o display principal vai para a câmera com vista para os elevadores no 18º andar. Ele rebobina a fita e aponta para a tela. —Lá está você —, diz ele.

—Espere,— eu digo a ele.

Eu assisto, esquadrinhando as pessoas moendo em torno de mim na tela por sinal de Hugh. As portas do elevador se abrem. Algumas pessoas ficam, algumas saem.

Lembro-me do momento. Eu quase entrei no elevador antes de perceber que estava indo para cima, e não para baixo. Não foi muito tempo depois que eu senti a mão tocar meu braço.

Fico de pé, antecipando. —Lá!— Eu digo, vendo um homem movendo-se através da multidão na minha direção. —Lá! Lá está ele.

Com certeza, o homem me atinge e toca meu braço. Suas costas estão para a câmera, por isso não podemos ver a cara dele.

Jeremy olha por cima do ombro para mim. Sua testa é marcada por uma linha profunda carranca.

—Lilly —, diz ele lentamente. —Esse é Simon, meu motorista.

—O quê? Esse é... —Eu sou cortada. A Lilly na tela começa a seguir o homem.

Juntos, eles se transformam em direção à câmera. Eu vejo seu rosto.

Jeremy está certo. É Simon. É seu motorista.

Mas esse não era com quem eu estava falando!

A sala de vigilância gira. Estou tonta. Falta de ar. Como se eu estivesse submersa em uma piscina de espessura líquida, escura, e estou olhando para o mundo atrás de uma lente de aquário.

Jeremy digita algumas teclas. A mudança de exibição de vídeo é feita para acompanhar o meu progresso com Simon pelo corredor.

Nós andamos até uma sala. Não é a que eu me lembro de entrar.

Jeremy para a fita e olha para mim. —Isto é o que deixou você chateada? — Ele pergunta. Há um tom grave de decepção em sua voz.

Tento acalmar os nervos, mas eles estão além de agitados. —Eu... Eu não sei o que dizer,— Eu choramingo.

—Eu mandei Simon para você, Lilly. Ele deveria passar uma mensagem para você que eu estaria atrasado esta noite. Que eu não faria a viagem para casa. —Os olhos de Jeremy se estreitam ligeiramente. —Vamos ver o que acontece depois.

A câmara que mostra o interior da sala, ilumina a tela. Há Simon, sentado atrás de uma mesa... Uma pequena, não tão grande como eu me lembro. E há, meu estômago dá uma guinada inquieta, eu, sentada em frente a ele, ambos os nossos rostos claros como o dia da gravação.

Eu presto atenção em silêncio, aturdida. Parece que eu estou perdendo minha noção da realidade. No olho da minha mente, eu não tenho lembrança do que está acontecendo na tela. Lembro-me de Hugh, o que ele disse, o que ele me disse, seu escritório, seu rosto, não Simon.

Então por que diabos o vídeo mostra algo totalmente diferente?

Não há áudio, mas Simon e eu estamos conversando. É uma conversa que não existe na minha cabeça. Ele desliza algo sobre a mesa para mim. Meus olhos trancam no objeto e alguns pequenos graus de fé em minha própria sanidade mental são restauradas.

A coisa que ele desliza por cima da mesa, a coisa que eu pego, é um envelope retangular. O único com todas as fotografias no interior.

—Lá! —, exclamo. —Lá, você vê isso? Esse envelope tinha as fotografias que eu estava dizendo a você. Tem as de nós na praia, na ilha!

—Sim, isso é certo—, diz Jeremy. Deixando a pausa na fita, ele enfia a mão no casaco e tira o mesmo envelope retangular exato. —As fotografias que eu tinha feito como uma lembrança para você.

Ele estende-o para mim. Eu pego dele em transe. Meus dedos escovam o revestimento de papel do lado de fora, mas parece como dedos de outra pessoa. Mãos de outra pessoa.

—Eu pedi a Simon—, diz Jeremy pacientemente, —para dá-las a você, assim você pode escolher suas favoritas. Eu tinha a intenção de tê-las ampliadas e enquadradas.

Eu seguro as fotografias. Eu procuro através delas, procurando as lascivas de visão noturna. Não há nenhuma.

Jeremy olha para a tela. Mostra-me, recolhida, composta, apertando a mão de Simon e saindo do quarto.

Ele muda as câmaras. Esta mostra eu andando calmamente em direção aos elevadores, envelope dobrado debaixo de um braço. Eu bati o botão de chamada e entrei. As portas se fecham, me escondendo de vista. E a câmara do corredor continua a desempenhar.

Jeremy se vira para mim. Eu fico olhando.

—Isso é tudo, Lilly? — Ele pergunta.

Eu... Eu não sei o que dizer. Eu me perdi completamente a isso? Eu estou rachada, mentalmente, e se sou insana?

Eu caí no mesmo vazio escuro que detém o meu pai?

Eu preciso... Eu não sei o que eu preciso. A suspensão da pena capital. Isolamento, onde eu possa pensar. Porque as memórias em minha cabeça são claras e vívidas. Lembro-me do encontro com Hugh. Lembro-me de ir em seu escritório. Lembro-me de sua advertência para mim.

Acima de tudo, eu me lembro do choque e horror cru que senti quando ele revelou o colar.

Mas nada disso corresponde ao que eu acabei de ver na tela.

—Isso é loucura—, sussurro.

—É? — Jeremy pergunta. Ele cruza os braços e olha-me de cima a baixo. —Eu acho que você teve apenas um longo par de dias. Eu lhe disse antes o que pode acontecer quando você internalizar demais. Há uma contrução da pressão dentro de você, Lilly. Mesmo que você não possa vê-lo, eu posso. Isso tomou conta de você. Você não deve deixar. Você não deve deixar isso consumi-la. Você é mais forte do que isso, eu sei.

—Mas você não pode fazer isso sozinha. Você precisa da minha ajuda. Você precisa me dizer o que está realmente errado. Você precisa confiar em mim. Estes acessos de histeria não é você. Eles não são da mulher que eu me apaixonei.

—Não! — Eu espeto um dedo com raiva nele. Meu mundo parece que está entrando em colapso em todos os lados. —Não diga isso! Lembre-se de sua promessa para mim!

Jeremy mantém as mãos para cima, as palmas de frente para mim, em um gesto apaziguador. —Sinto muito. Foi um deslize... intencional, talvez, mas um deslize, no entanto. Mas por que estou tão ligado à minha palavra, quando você tão facilmente desconsidera a sua?

—Do que você está falando? — Pergunto.

—Sobre a verdade —, ele enfatiza. —Você ainda não me disse onde você ouviu esse nome. Blackthorne.

—Eu disse...

—Você não fez isso! —, Ele se encaixa. —Eu dei-lhe chances, Lilly, uma e outra vez. Ainda assim você insiste em perpetrar a mentira. Olhe para o seu telefone.

—O quê?

—Olhe para o seu telefone, porra!

Eu me acovardei. Com as mãos trêmulas, eu tiro meu celular.

—Ainda está encaminhado para o meu —, diz Jeremy. —Cada texto que você recebe, cada chamada que você faz, eu vejo. Eu posso ter levantado suas restrições, Lilly, mas eu não sou nenhum tolo. Eu sei que há momentos em que você ainda precisa ser assistida.

—Ligue ele—, ele exige. —O último texto que você tem, foi da sua amiga, Fey. Abra, e me diga o que diz. Leia-o para mim, Lilly. Não há nada mais a esconder, para você.

Meus dedos tremem através da tela sensível ao toque. Eu me viro para abrir o aplicativo de mensagens. Há um texto ali, marcado como “lido”. De Fey. Mas eu não tenho lembrança de tê-lo aberto. De mesmo recebê-lo.

É constituída por uma única linha:

O pai de Jeremy: Hugh Blackthorne.

Capítulo Seis

A viagem de volta para a mansão é longa e silenciosa.

Jeremy fica em frente a mim na parte de trás. Ele olha para fora da janela o tempo todo, perdido em profunda contemplação.

Algo muito pior do que a mera tensão permeia o carro. É quase como se Jeremy fosse tão consciente da minha sanidade desmoronando como eu estou. Parece que nós dois estamos de luto. Luto pelo que, eu não sei: talvez a perda da mulher que eu deveria ser.

Mas algo não parece bem. Não é apenas o desconforto de saber o que eu pensei ter experimentado e o que realmente ocorreu, eram duas coisas diferentes.

Será que uma mulher insana percebe que ela está louca? Ou é como Jeremy me disse: mais como um aumento gradual, como uma doença apodrecida dentro de você? Manifesta em episódios como a que eu tive e apenas chega sem aviso?

Mentalmente, eu continuo repassando tudo o que aconteceu depois que eu senti o puxão no meu cotovelo. Eu tenho feito isso tantas vezes, e considerarei o que a fita mostrou tantas vezes, que as duas ocorrências estão começando a me confundir. O vídeo me diz que um conjunto de eventos aconteceu. Minha memória me diz outro.

Parece que eu estou perdida em um sonho lúcido. Mas eu estou apenas um pouco consciente se estou sonhando ou não. Coisas como, o assento do carro contra as minhas costas, a bolsa sobre as minhas pernas, parece que podem evaporar em um único toque.

É quase como se eu estivesse flutuando. Atravessando os movimentos, afetando um exterior normal, mas por dentro?

Por dentro, eu estou me afogando.

Não é por causa de Jeremy, também. Diferente do que explosão na sala de vigilância, o pior que eu obtive dele foi o silêncio.

Eu olho para ele repetidamente. O que ele deve pensar de mim agora? Que eu sou uma mentirosa e uma fraude, é isso. Que a força que ele achava

tão sedutora era nada mais do que uma ilusão. Uma fachada. Uma piada. Que ele cometeu um erro me trazendo em sua companhia. Que ele cometeu um erro em me deixar livre.

Meus pensamentos, agora, são muito piores. Eu não consigo superar a sensação de esmagamento que eu tenho sentido e perdido a minha chance. Uma semana era tudo que eu tinha para provar meu valor nas Indústrias Stonehart, e eu estraguei tudo.

Eu continuo esperando o outro baque. O de Jeremy me informar que alguém da minha limitada capacidade mental não pertence à sua companhia. Para ele simplesmente queimar o meu contrato de trabalho do jeito que ele fez com o primeiro.

Chegamos na mansão. Eu não estive aqui há tanto tempo que parece que eu sou uma estranha. Jeremy abre a porta para mim, ainda em silêncio, ainda pensativo. A tensão cresce.

Eu posso cheirar aromas alimentares da sala de jantar. Eles trazem água na boca e eu percebo que não comi durante todo o dia. Talvez seja a falta de alimento que esteja jogando truques com a minha mente.

Então, novamente: não. Eu sei que não é. Eu estive com fome antes. Eu tive fome antes. Tudo nas mãos do homem que eu estou agora, inteiramente de minha própria vontade, por meio de sua mansão.

Nós nos sentamos à mesa e comemos. Tudo através do silêncio, eu posso sentir os olhos de Jeremy em mim. Pesando. Considerando. Deliberando.

Eu não aguento mais. —Onde está Rose?— Eu deixo escapar de repente. Ela e eu ainda temos negócios inacabados de quando voltei.

—Eu mandei Rose e Charles para casa, de modo que não fôssemos incomodados quando voltássemos —, diz Jeremy a mim. —Eu não quero que você sinta a pressão adicional de lidar com Rose em sua atual...— Seus lábios se torcem em ligeiro desgosto. —... Fragilidade.

A vontade de discordar, para protestar que eu não sou “frágil”, surge dentro de mim. Eu quase agi sobre isso, também, antes de deixá-lo cair no esquecimento.

Eu deixo ir, porque eu não tenho a menor ideia do que está acontecendo. Eu pensei que, quando eu estivesse liberada do contrato, eu

estaria livre, mas agora eu me encontro em grilhões muito piores: Eu sou uma prisioneira de minha própria mente.

—Hmm, — Jeremy entoa, em pensamento. Talvez seu comentário foi concebido como uma provocação. Talvez ele estivesse tentando obter um lugar fora de mim.

Tanto faz. Eu não posso ler sobre o que ele quer. Não quando eu abrigo tanta incerteza sobre o meu próprio julgamento.

Nós terminamos de comer. Ele está de pé. Eu faço o mesmo.

Sem uma palavra, ele começa a ir em direção às escadas. Eu chego lá antes dele. Elas estão mais perto de mim, do meu lado da mesa.

Assim que eu coloco meu pé no primeiro degrau, eu sinto Jeremy parar.

—Eu tenho que trabalhar —, diz ele. —Eu não vou subir. Vá dormir. Descanse um pouco. Eu posso dizer que você precisa disto.

Ele se aproxima, e coloca uma mão no meu ombro em um gesto desconfortavelmente de compaixão. Ele dá um tapinha no local.

—Não se preocupe com o que aconteceu—, diz ele. —Amanha é um novo dia. Eu tenho certeza de que você vai estar pronta mais uma vez, quando o sol nascer.

E então ele se vira e vai embora. Eu estou de pé ali, sozinha e aturdida, olhando para ele.

Capítulo Sete

Pesadelos encham o meu sono.

Todos eles giram em torno do colar, e Hugh. Então, meu pai vem para cima, também. Eu sonho que Paul está sentado à minha frente na mesa, que é Paul que oferece o colar para mim.

Eu experimentei o primeiro passo para estar em seu estado mental? É a ilusão que vi e confundi com a realidade o mesmo que ele vê, quando brinca com seus jogos de chá imaginários?

Estou enlouquecendo por causa de circunstâncias externas... ou eu estou enlouquecendo simplesmente porque eu sou sua filha, e assim predisposta a isso?

Eu acordei suando frio. O resto da noite eu passo inquieta.

Abro os olhos e a luz solar brilhante inunda o quarto.

—Merda! — Eu amaldição, sentando-me na cama. Eu dormi demais. Que horas são? O quão atrasada eu estou?

Eu começo a me desenrolar dos lençóis, quando uma voz familiar, embora inesperada, me cumprimenta.

—Você pode relaxar, Srta. Ryder. O Sr. Stonehart teve a cortesia de lhe dar um dia de folga.

Meu coração para no meu peito. Rose!

—Ele também me disse —, ela continua calmamente, embora lute claramente para conter seu desgosto —, que era para eu passar o dia à sua disposição, a fim de trabalharmos nosso — Ela dá uma profunda e trêmula respiração —, ligeiro desagrado que eu possa ter introduzido na nossa relação.

Dirijo-me a ela. Ela está olhando para fora da janela enquanto fala.

—Você detêm as chaves para o castelo agora. Então —, ela me diz. — embora eu obedeça somente ao Sr. Stonehart, eu não posso negar a sua nova posição de poder em sua casa.

—Você vai me dizer quem você é, então? — Pergunto. —Como é que você veio trabalhar para Jere...

—Sr. Stonehart! — Ela sussurra.

Eu levanto o meu queixo. —Ele é Jeremy para mim,— Eu proclamo. —Se você ainda tiver um problema com isso, então nós temos um longo caminho a percorrer.

Rose bufa.

Eu saio da cama, de cabeça erguida, e regamente caminho até o banheiro. —Eu quero tomar banho, em primeiro lugar,— Eu anuncio. —Rose, eu vou precisar de um robe.

Eu estendo um braço, sem olhar para ela, também. Poucos segundos depois, eu sinto a lã pesada depositada na minha mão.

—Obrigada —, eu digo formalmente. —Você pode esperar na cozinha por mim. Eu gostaria de um café fresco quando eu descer.

—Certamente, Srta. Ryder —, diz Rose, muito docemente.

—Oh, e Rose? — Eu adiciono antes dela sair. —Quando eu terminar, eu espero ouvir uma explicação completa sobre seu comportamento da última vez que nos vimos. Você teve tempo e espaço suficientes para considerar o que aconteceu. Eu quero saber a extensão de seu envolvimento em me levar para a casa de Jeremy.

Com isso, eu ando para o banheiro e fecho a porta, sem esperar por sua resposta.

Eu tomo um banho extra-quente e extra-longo. Eu gostaria de pensar que eu faço isso para dar a Rose a cortesia para se preparar, mas acho que a verdade é: Eu estou apenas ganhando tempo.

Uma parte disso é que eu tenho medo. Eu tenho medo de descobrir o verdadeiro envolvimento de Rose no que aconteceu comigo. Eu tenho medo porque, se as coisas forem como eu suspeito, -se ela sabia sobre o que estava fazendo enquanto Jeremy ainda era Stonehart, -isso dará muito pouco crédito para a minha capacidade de fazer julgamentos sobre as pessoas. Se ela me

enganou, -e eu acho que ela o fez, -como posso confiar na minha capacidade de me vingar?

Será que isso também significa que eu tenho duas pessoas a quem devo responsabilizar por todas as coisas horríveis que eu experimentei?

Mas pior do que isso, o mais assustador de tudo é, onde eu estou em relação à...

Mim mesma.

Jeremy obviamente me considera incapaz de voltar ao trabalho. Espero que o dia de folga não mude para dois dias, em seguida, três, em seguida, uma semana. Eu preciso estar dentro das Indústrias Stonehart. Eu preciso estar lá, para ingressar-me na empresa. Eu preciso provar a Jeremy que eu sou forte, que eu sou capaz, que ele pode confiar em mim...

Mas, quantos passos eu dei para trás ontem? Ele nem sequer falou comigo depois que deixou o escritório! O texto de Fey, o que eu não tenho lembrança de receber, é o ponto final, a prova tangível de que tudo o que eu acho que aconteceu, -em oposição ao que realmente aconteceu, -eram duas coisas muito, muito diferentes.

Por que ela me deixou esse texto? Depois da maneira como deixamos as coisas, eu duvidava que ela iria querer falar comigo de novo. Além disso, que diferença faz qual é o nome do pai de Jeremy? Como é que ela mesmo sabe que eu não sabia disso?

Ainda estou destinada a ser sua dama de honra? Hah! Eu dou uma risada. Essa deve ser a última preocupação absoluta em minha mente. A única explicação semi-lógica que eu posso ter, sobre o que aconteceu comigo ontem, envolve uma mistura tóxica lentamente construindo dentro de mim.

Stress e os nervos foram os primeiros ingredientes. Eu não reagi bem à revelação de Fey ao telefone na noite de sexta-feira. Jeremy estava certo: eu internalizei isso. Passei o fim de semana trancada, recusando-me a reconhecer as implicações do que eu tinha ouvido. Ok, então eu era a vítima de uma trama de vingança. O pior já tinha sido feito para mim. Jeremy e eu nos mudamos de lá. Sabendo a razão porque fui levada, não teve o efeito que eu pensei que teria de volta, quando eu fui lançada pela primeira vez no escuro. Isto não me fez odiar Jeremy.

Na verdade, isso não influenciou meus sentimentos em relação a ele de qualquer forma. Nem positivo, nem negativo. Eu já sabia que Jeremy Stonehart era vingativo. Eu sabia que a sua vida tinha sido construída em torno de vingança. Sabendo que eu tinha sido o alvo por causa de algum tipo de manifestação, isso não foi nenhuma grande surpresa. Eu já tinha assumido o máximo.

Ainda. Ainda assim, talvez porque eu me recusei a deixar que as novas informações ou meus sentimentos em relação a Jeremy me afetarem, meu subconsciente protestou. Essa pequena notícia era mais do que uma gota no balde da imundície que tomou residência em minha alma. Talvez fosse o suficiente para fazer transbordar. Talvez isso fosse o segundo ingrediente.

Ou talvez, lamentar sobre como eu lidei com Fey ao telefone na noite de domingo foi o que me empurrou à beira.

A jornada de trabalho era dura, mas não mais do que o habitual. Claro que há pressão de lidar com o emprego. O IPO continua aparecendo em segundo plano, e quase todos os dias tantas histórias negativas saem sobre as Indústrias Stonehart quanto positivas. Eu mergulhei de cabeça primeiro ontem, esquecendo todo o resto, me cercando apenas por preocupações relacionadas com o trabalho.

Isso me levou até às 17 horas da tarde. Após a jornada de trabalho terminar, as coisas se tornaram nebulosas. Isso é onde a realidade começa a me confundir.

Tentando conciliar minhas memórias com o vídeo, me traz a esta:

Algum tempo depois de cinco horas, provavelmente pouco antes de Simon bater no meu braço, eu recebi o texto de Fey. Eu leio, -e por uma razão ou outra que eu absolutamente não posso discernir, -minha mente protestou. Ela recuou.

Ela retirou-se, e fez-se a fantasia de que eu vi depois. O fantasma do pai de Jeremy. A ilusão do colar. As fotos extras contidas dentro do envelope.

Essa explicação me deixa extremamente desconfortável. Isso não se parece bem comigo.

Mas, no momento, é a única que eu tenho.

Eu saio do chuveiro e me olho no espelho. É a primeira oportunidade que eu tive de fazê-lo sem as câmeras.

Pensei que tinha me acostumado a elas, -escondido de sua presença em algum canto esquecido da minha mente. Percebo agora que elas estavam sempre pesando sobre mim. Agora que eu sou livre para fazer o que eu quiser sem medo de Jeremy observar, parece como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

Eu olho para o meu corpo. Não há sinais de negligência. De nenhum abuso. Eu pareço perfeitamente saudável. Nada sobre a minha aparência poderia indicar que eu estou ficando louca.

Mas como é que eu sei que, se o que eu estou vendo agora não é mais uma ilusão? E se a verdadeira imagem da moça olhando para mim mostra uma patética, miserável e arruinada?

Não. Eu balancei minha cabeça. Eu não fui tão longe. Ainda não. Eu ainda me sinto no controle. Eu ainda sinto que tenho uma noção da realidade.

Mas não é isso exatamente o que eu senti ontem? Quando eu pensei que encontrei Hugh, e não... Simon?

Sim. Sim. E isso é o que torna todo o episódio tão desconcertante. Nem uma única vez, na minha interação com Hugh, me senti fora da realidade. Quero dizer, o seu comportamento pode ter sido um pouco estranho, mas foi isso. Não havia sinais ou indicações de que o que eu estava sentindo não era o que estava realmente acontecendo.

Será que alguém está me enlouquecendo? É este o resultado de todos os abusos que sofri nas mãos de Jeremy? É minha mente finalmente enlouquecendo?

Ou será que há uma meia verdade ao longo de um caminho mais sinistro?

Poderia ser possível, embora improvável, que a coisa toda foi de alguma forma planejada por Jeremy?

Eu zombo e afasto o pensamento. O homem tem poder. Ele deleita-se com o controle. Mas ele não pode fazer uma imagem minha aparecer em uma tela de vídeo.

Eu me vi, da sala de vigilância, falando com Simon. Eu vi alguma coisa acontecer, na fita, com provas de vídeo, do qual eu não tenho nenhuma memória.

Foi só depois do vídeo que comecei a duvidar de mim. Mas se eu não posso confiar em minha memória... Se eu não posso confiar em minha própria mente... O que me resta?

Eu passo longe do espelho e começo a me vestir. Enquanto o faço, eu passo por cima de cada única memória que eu tenho, em sequência, uma vez que acordei para encontrar-me fria e abandonada na marquise tantos meses atrás.

Não há um dia que eu não me lembre. Eu sempre tive uma boa memória. Lembranças de fatos, sentimentos, coisas, acontecimentos, nunca foi um problema.

Uma súbita explosão de inspiração me bate. As câmeras dentro da casa! Eu posso voltar e assistir e me lembrar de tudo o que aconteceu. Eu posso ver o quão bem essas fitas alinham com as minhas memórias.

Não importa o quão doloroso reviver alguns desses momentos possa ser.

Eu saio do banheiro e vou direto para o pequeno quarto secreto. Rose pode esperar. Não é como se ela tivesse algo melhor para fazer.

Além disso, depois da maneira como ela me tratou, eu não me importo de introduzir um pouco de atrito entre nós.

Sento-me atrás do computador, digito a senha, e começo a assistir.

Uma ou duas horas mais tarde, eu me sento, me sentindo enojada, mas... satisfeita.

Estou enojada com a maneira que eu vi Jeremy me tratar antes de sua aparente mudança de coração. Mas nada disso é novo. Eu já passei por esses eventos.

Estou satisfeita porque tudo o que eu me lembro... Cada coisa que eu lembro... Combina perfeitamente com o que vi na fita.

Isso significa que, pelo menos, eu ainda estou saudável. Ou que eu permaneço sã até o episódio de ontem.

Uma vez mais, eu volto para o que aconteceu. As coisas eram claras em minha mente... Até que Jeremy me mostrou a fita.

Somente no rescaldo fez eu começar a ter dúvidas. Não antes. Eu estava seriamente perturbada quando Hugh puxou o colar. Esse foi o único gatilho real que eu posso pensar.

Eu me afasto da mesa. Eu sei que não posso mudar o passado. O que aconteceu ontem, se falso ou verdadeiro, tomou-se o meu pensamento hoje. É mais uma coisa que eu provavelmente precisarei dar um passo atrás, para tentar ganhar alguma perspectiva sobre os eventos.

Eu começo a descer as escadas, então. Eu paro no meio do caminho. Rose está esperando por mim lá embaixo. Quando eu falar com ela, eu vou exigir respostas.

Mas há outra pessoa com quem eu preciso falar, em primeiro lugar. Se eu não fizer isso, a culpa vai continuar me corroendo.

Fey.

Eu suspiro, e volto lá em cima para pegar meu telefone. Eu verifico minhas mensagens. Não há novas, dela ou de Jeremy. Mas não é como se eu estivesse esperando uma.

Sento-me na beira da cama, digito seu número no mostrador, e em seguida, olho para o telefone sem apertar o botão de chamada.

O que eu diria? Eu preciso pedir desculpas, em primeiro lugar. Eu sei que ela está apenas preocupada comigo. Sua preocupação vem de um bom lugar. Fey tem um grande coração. A maneira que eu reembolsei sua bondade foi desprezível.

Mas também sei que eu absolutamente não posso deixá-la interferir. -Se ela começar a se intrometer do outro lado da costa, -tudo o que eu planejava fazer para me vingar de Jeremy ainda pode desmoronar.

Isto é, se eu não sabotar a minha posição com a exibição de ontem.

Eu tomo uma respiração profunda. —É hora de encarar a música,— murmuro, e clique em “chamar”.

O telefone toca. E toca, e toca, e toca. Fey não responde. Vai para o seu correio de voz.

—Hey! — Sua voz habitual, animadora, me cumprimenta. —Eu não estou aqui agora, mas deixe-me uma mensagem, e... —Ela ri,—... Eu provavelmente nunca ouço. Mas você pode tentar!

Beep. Sua saudação termina.

—Fey, — Eu começo, hesitando. —Fey, é Lilly. Ouça, eu realmente queria falar com você ao vivo. Eu não sei se você está ignorando a minha chamada de propósito. Se for, eu não culpo você. O faria também, se eu estivesse em seu lugar.

Eu exalo. —Olha, isso é difícil para eu dizer e parecer que eu realmente quero dizer isso, mas... eu sinto muito. Eu não devia ter gritado, eu não deveria ter ficado zangada. Eu sei que você está apenas tentando olhar por mim. Eu sei que você tem o meu melhor interesse no coração. —Eu engulo em seco e prossigo.

—Mas Fey... Confie em mim quando digo isso. Você não sabe o que eu sei. Seja o que for que Robin encontrou, ou com o que você está preocupada, isso é apenas um décimo da imagem. Mais do que isso. Centésimo.

É por isso que é tão difícil para eu ver as coisas do jeito que você faz. Quero dizer, eu entendo o que parece do lado de fora. Especialmente quando tudo que você tem para seguir em frente é a pesquisa de Robin e alguns breves momentos comigo.

—Mas Fey, Jeremy e eu... temos algo especial. — Eu estremeço interiormente. Isso não é exatamente uma mentira. Ele e eu temos uma relação muito especial. Mas eu quero que Fey veja da maneira como as pessoas normalmente querem dizer, e não do jeito que eu faço agora.

—Nós nos conectamos. Ligamos-nos. Nossas vidas estão entrelaçadas em mais formas do que posso dizer. —Eu hesito novamente, repetindo mentalmente as minhas palavras.

—Eu sei que estou tagarelando. Mas eu realmente espero que você ouça esta mensagem até o fim. Eu vou te dizer a verdade.

Eu falei com ele. Sobre o que... sobre o que você me disse. Ele não negou. Na verdade, ele quase confirmou. Mas isso não muda as coisas entre nós.

Como eu posso explicar isso?

—Ele diz que me ama, Fey. Eu não disse as palavras de volta, mas eu acredito nele. Eu acho que realmente, verdadeiramente, significa isso quando ele diz isso para mim.

—Então, Fey, eu não estou com medo. Eu sei onde eu fico com ele. Eu espero que você possa confiar em mim o suficiente para aliviar suas próprias preocupações. Eu não quero que você se preocupe. Eu quero que você aproveite seus últimos meses de faculdade. Faça por Robin. Faça isso por mim. Porque eu sei... —Eu suspiro. —Eu sei que eu nunca vou voltar.

Eu paro de falar. Eu sinto uma única trilha de lágrima pelo meu rosto.

—E Fey? — Eu adiciono depois de um longo, minuto em silêncio. —Eu vou entender se você nunca quiser falar comigo novamente. Só espero que, um dia, a amizade que compartilhamos antes vá deixar-nos passar por isso. E mesmo que eu não ouça você de novo, apenas diga oi para sua mãe, e Robin, e Sonja por mim. Eu não esquecerei nenhum de vocês. Eu penso em você como minha irmã. E irmãs têm desavenças, você sabia? Mas elas também têm laços tão fortes quanto sangue. São eles o que lhes permite conciliar a diferença de dois, cinco, dez anos de estrada.

—De qualquer forma. Eu não estou pensando tão longe agora. Eu só espero que você retorne este telefonema. E mesmo se você não retornar, eu não vou te culpar. Eu só vou manter a esperança de que um encontro longo e feliz, poderia vir de uma década a partir de agora.

Aproveito mais uma pausa. Eu preciso disso. Eu me sinto como se eu tivesse acabado de mostrar a minha alma para ela.

E eu fiz isso uma vez, sem dizer a verdade.

—Fey? — Eu termino com uma voz baixa. —Eu te amo. Como uma irmã, eu te amo. Tchau.

Eu desligo. Então, com um grande suspiro exausto, eu caio de costas na cama e fecho os olhos.

Capítulo Oito

Eu me sento, de repente, acordada e muito, muito alarmada. Algo está errado.

Eu sinto. Mas quando olho ao redor do quarto vazio, não vejo nada que possa causar alarme.

Ainda tem luz lá fora, embora o sol esteja obscurecido por uma fina camada de nuvens. Isso é melhor do que a tempestade que tivemos todo o dia de ontem.

Levanto-me, olho o meu telefone por mensagens ou chamadas de Fey. Não vejo nenhuma, suspiro, e desço as escadas.

Acho Rose na cozinha, exatamente onde eu disse a ela para estar, parecendo tanto entediada quanto irritada. Na frente dela está uma única caneca branca.

—Seu café —, diz ela fria, apontando para a xícara. —Feita há poucas horas, por isso está, obviamente, frio. —Ela parece irritada.

—Não me teste, — eu a adverti. Sento-me em frente a ela na mesa. — Jeremy lhe disse para fazer as pazes comigo, não foi? Você pode começar por explicar o seu comportamento de antes. Você teve mais de uma semana para considerar isso. Eu quero a verdade: O que diabos aconteceu?

—O que aconteceu —, ela enfatiza, —foi que eu encontrei uma intrusa em minha casa. Minha casa, senhorita Ryder, não no meu local de trabalho. Minha casa. Alguém a quem eu não tinha lembrança de ter convidado a entrar.

—Então você está autorizada a ir onde quer que você queira—, eu digo, —a vaguear pela mansão de Jeremy sem restrições, pelos jardins, para fazer o que quiser, como sua empregada, —eu enfatizo a palavra. —E ainda assim, eu, por uma razão ou outra, estou impedida de entrar em sua casa?

—Isso é correto —, Rose confirma.

—Você percebe que sua casa fica na propriedade de Jeremy?

Seus olhos se estreitam para mim quando eu chamo Jeremy pelo seu primeiro nome. —Sim —, diz ela. —O Sr. Stonehart é autorizado a entrar

sempre que desejar. Claro, ele teve o benefício de uma educação adequada, e é capaz de respeitar a privacidade de uma pessoa...

—Hah! — Eu dou uma risada. —Não alimente essa merda, Rose. Jeremy, respeitando a privacidade? E sobre as câmeras? E sobre a marquise? E sobre... —Eu me inclino para frente, e abaixo minha voz, e uso um tom acusatório, ao mesmo tempo, —... Todas as coisas que ele fez para mim?

Rose finge ignorância. —O que ele fez com você, eu me pergunto? —, Ela pergunta. —Ele deu-lhe tudo o que ele tem. Você vive em uma enorme propriedade. Suas refeições são preparadas para você. Você tem um armário ilimitado de roupas. Você não tem deveres, nem responsabilidades. Você vive uma vida de lazer e conforto e...

—Não há deveres além de ser sua escrava sexual, — Eu me oponho.

Rose para. Ela fica branca. Por um momento, sua boca se abre e fecha como um baiacu escancarado.

—Isso mesmo, — eu continuo. —Eu sei que você sabe, Rose. Eu sei que você estava nisso com ele o tempo inteiro. Caso contrário, por que você iria reagir da maneira que você reagiu quando me viu sem a coleira? É porque Jeremy não lhe disse que ia tirá-la. É porque não era parte do plano, não é? É porque isso assustou você, —Eu a acuso.

—Bem, ele está fora agora, e eu estou livre. Oh, não fique tão surpresa. Eu sei que você sabe muito mais do que deixou transparecer. Eu simplesmente não posso acreditar que eu fui estúpida o suficiente, tola o suficiente para realmente considerar-lhe uma amiga.

—Claro, você mantém a confiança de Jeremy. Ele não teria nunca confiado em você comigo, do contrário. Qualquer outra pessoa teria ido à polícia quando eles me encontrassem no estado que você fez pela primeira vez. Eu escolhi ignorar isso. Talvez porque eu estivesse desesperada. Mesmo que eu soubesse melhor, eu escolhi ignorar isso, porque, no momento, eu precisava de uma amiga.

Rose parecia envergonhada.

—Fiz-me acreditar que essa amiga poderia ser você. Eu não tinha outra escolha. Eu precisava de um indulto da crueldade e abuso que eu estava sofrendo. —Faço uma pausa e, em seguida, sigo em frente.

—Mas agora acabou. Agora, tudo está em aberto. Jeremy e eu seguimos em frente nisso, Rose. Você e eu? Nós não.

—Então, comece pelo começo. Diga-me quem você realmente é. Diga-me como você conheceu Jeremy por vinte anos, -se não for outra mentira que você me disse. E me diga como você poderia ficar e assistir, sem fazer nada, enquanto eu sofria todos os abusos nas mãos de Jeremy.

Pronto. Esse foi um discurso muito maior do que eu pretendia fazer. Pelo menos, tudo foi aberto. Eu olho para Rose, desafiando-a a negar qualquer coisa que eu disse.

Ela olha para mim, e, em seguida, -me choca quando começa a chorar.

—Eu... Eu não poderia,— ela chora. —Eu não podia fazer nada, Srta Ryder. Sim, eu sabia o que estava acontecendo com você. Sim, eu sabia o que Jeremy estava fazendo. Eu sei das coisas que ele é capaz. Eu sei até onde ele está disposto a ir. Mas eu... eu não podia fazer nada para detê-lo. Eu juro!

Com isso, ela joga a cabeça em seus braços e começa absolutamente a berrar. Hesito, fora de equilíbrio. Ela o chamou de “Jeremy”. Isso deve ter sido um desliz. Agora o que eu faço com esta mulher histérica na minha frente?

Seu choro simplesmente continua aumentando. Eu mordo meu lábio, em busca de uma fuga. O instinto, a parte maternal de mim quer consolá-la. Mas eu sei que ela não merece ser reconfortada. Não agora. Não com o quanto ela é culpada.

—Rose —, eu digo lentamente. Calmamente. —Controle-se. Você não precisa chorar. Só... —Eu olho em volta da cozinha, um pouco impotente, —... Apenas fale comigo, ok?

—Eu não podia detê-lo—, ela soluça. —Eu não conseguia parar todas as coisas horríveis que ele estava fazendo a você. Eu sinto muito, Srta Ryder. Estou tão, tão triste.

—Você não precisa se desculpar,— eu digo. —Eu sei como essas palavras são sem sentido. Mas você precisa explicar. Do começo. Quem é você, Rose? Qual é a sua relação com Jeremy?

Ela levanta a cabeça e olha para mim com os olhos avermelhados. —Eu sou... — Ela soluça. —Eu sou sua empregada. Isso é tudo.

Meus lábios formam uma linha fina. Provavelmente, um hábito que eu peguei de Jeremy. —Nem vem,— eu digo. —Eu sou não uma idiota. Não perpetue essa mentira. Eu sei que você é mais do que isso.

—Senhorita Ryder, eu juro—, diz ela. —Pela minha própria vida. Pela vida de Charles! Eu sou a governanta do Sr. Stonehart, e nada mais.

—Ok—, eu digo, movendo minha língua através dos meus dentes. —Vamos tentar uma abordagem diferente. Você é a governanta de Jeremy agora. Mas sempre foi isso? Ou será que o seu relacionamento com ele começou em algum outro lugar?

Ela olha para mim, congelada por um momento em terror absoluto. Em seguida, ela abaixa os olhos.

—Eu... Eu não posso dizer —, ela murmura.

—Por quê? — Eu desafio. —Porque você não pode dizer, Rose? O que é que você não quer me dizer?

—Você está errada —, diz ela. —Eu quero te dizer, Srta Ryder. Verdadeiramente, eu quero. Mas eu não posso. Eu fiz uma promessa. Um voto. Se eu quebrá-lo agora, depois de todos estes anos... —ela estremece. —Coisas horríveis vão acontecer. Coisas más.

—Coisas ruins? —, Eu digo. —Coisas ruins para quem? Para você? Pela mão de quem? Jeremy?

Ela começa balançando a cabeça.

—Quem, Rose? Quem te ameaçou? Diga-me se é Jeremy!

—Eu não posso dizer —, ela repete, uma e outra vez. —Eu não posso dizer. Eu não posso te dizer. Eu não posso. Eu não posso.

Hesito, tentando fazer as pazes com a minha mente. Há duas maneiras que eu posso ir. Duas maneiras que eu posso levar as coisas.

Eu posso ser malcriada e teimosa, ou... Eu posso ser gentil. Eu realmente acredito que a mulher diante de mim precisa de bondade à frente de qualquer outra coisa.

Então eu chego do outro lado da mesa e coloco a mão em seu braço. Ela olha para mim, e então a minha mão, quase como se em estado de choque.

—Rose? — Eu digo suavemente. —Eu não culpo você. Se Jeremy tem algo com você que mantém você aqui, eu compreendo. Ele pode ser um homem assustador. Eu sei disso. Ele é muito poderoso. Você não precisa me dizer qualquer coisa que você não queira.

Ela começa a chorar novamente. —O... obrigada. Obrigada, Srta Ryder. Eu não mereço isso. Eu não mereço sua compreensão ou sua... sua simpatia.

—Mas você tem isso, — eu a asseguro. —Só se você me prometer uma coisa. Você pode fazer isso, Rose?

—Eu-eu posso tentar.

—Prometa que você não vai sentir medo de mim novamente. Eu posso não saber o que mantém você aqui. Mas eu gostaria muito sim de tê-la como uma amiga do que como uma inimiga.

—Eu acho... — Ela enxuga os olhos e sorri. —Eu acho que eu posso fazer isso, por você.

Capítulo Nove

Mesmo se eu não nunca obtiver uma resposta satisfatória de Rose, pelo menos agora eu sei onde estamos.

Ela e Jeremy têm história. Eu me pergunto se é qualquer coisa como a minha. Vinte anos é muito tempo para se conhecer alguém. Embora eu não tenha nenhuma maneira de dizer, eu suspeito que Rose não passou duas décadas como uma mera governanta.

Também. Enquanto o colapso de hoje foi certamente genuíno, eu não acho que ela é tão frágil como ela quer que eu acredite. Apesar de tudo, há certa inteligência que ela tenta disfarçar. Pode ser pela sua fala, ou talvez seja seus maneirismos gerais, mas eu realmente acredito que ela foi a benfeitora de uma boa educação. A “educação adequada”, como ela colocou.

Isso é o que faz com que o mistério da sua presença seja tão intimidante. Ela não é apenas uma dona de casa, não. Jeremy transformou-a em uma. Ele deve ter.

Quanto tempo ela vem desempenhando o papel? A diferença de idade entre ela e Jeremy é intrigante, muito.

A única pessoa que eu nunca vou obter respostas, no entanto, está atualmente ausente. Trabalhando, como eu deveria estar. Ele não me deixou tomar a decisão de ficar em casa. Ele a tirou das minhas mãos. Mas eu não vou ficar enfiada aqui como uma adolescente. Nada diz que eu tenho que ficar na propriedade. De fato, hoje é o dia perfeito para sair de casa e aproveitar o motorista que Jeremy ofereceu.

Eu chamo Simon. Ele me diz que vai trazer a limusine para as portas em dois minutos. Eu estou vestida e pronta para ir na hora em que ele chega.

—Onde, Srta. Ryder?— Ele me pergunta.

—Vamos para o centro —, eu respondo. —Eu poderia querer obter algo para comer. Eu perdi o almoço.

Ele balança a cabeça e nós vamos em frente. —Alguma preferência?—, Ele pergunta.

—Vamos apenas dirigir ao redor e ver se alguma coisa me chama a atenção.

Poucos minutos depois, eu pergunto: —Hey Simon, você... Encontrou-me no escritório do edifício ontem?

—Oh sim —, diz ele rapidamente, quase casualmente demais. — Definitivamente. O Sr. Stonehart me enviou para dar-lhe uma mensagem.

—Por que ele apenas não... Oh, eu não sei, me chamou? — Eu me pergunto em voz alta.

—Sei lá —, Simon dá de ombros. —Ele queria que eu lhe desse aquela pilha de fotos, também. Havia algumas fotos agradáveis lá, não havia?

—Você olhou? — Eu pergunto, surpresa.

—Certamente. Não sei se eu deveria, no entanto, mas o envelope não estava selado, e eu sempre fui mais curioso do que a maioria.

—Hmm,— eu entoo. Algo sobre isso não bate. Eu sei o quanto Jeremy valoriza sua privacidade. Será que ele realmente permitiu que o seu motorista olhasse fotografias de nós?

Chegamos a uma parte do centro da cidade cheia de pequenas lojas e lojas típicas. Peço a Simon para parar e eu desço. —Eu te ligo quando eu precisar de ser pega —, eu digo.

Eu passeio pelas ruas. O céu nublado não é exatamente edificante, mas há uma umidade no ar que é refrescante. O Inverno na Califórnia não é nada como o inverno na costa leste.

Eu encontro um lugar pequeno grego que parece interessante. É decorado em gesso branco e azul, como remanescente do Mediterrâneo. Eu entro, peço uma mesa, e me sento.

Nem dois minutos depois, Jeremy Stonehart passa pela porta.

Eu o vejo antes de ele me ver. Seus olhos passam pelas mesas, encontram os meus, e em seguida, ele vem caminhando até onde estou. Ele parece furioso.

—Lilly —, diz ele, quando vem até mim. Não há espaço em sua voz para “oi”. —Diga-me, agora, o que diabos você está fazendo aqui?

—Eu? Estou almoçando. Gostaria de estar no trabalho, mas alguém teve a cortesia de tirar essa decisão das minhas mãos. —Eu estreito meus olhos para ele. —Você está me perseguindo?

Ele ignora a questão, puxa uma segunda cadeira de debaixo da mesa e se senta. Tudo sobre ele, -sua postura, a quase imperceptível contração em seu pescoço, -diz-me que ele está no limite.

—Eu deixei você em casa para que você possa se recuperar de seu episódio de ontem. É onde eu esperava que você estivesse.

—Bem, eu não estou,— Eu o desafio. —No caso de você ter se esquecido, eu não tenho mais um colar me ligando como sua propriedade. Você mesmo disse: Eu sou livre para ir aonde eu quiser —Eu fico olhando para ele, desafiante. —Ou você já mudou de ideia sobre isso?

Ele bate uma mão sobre a mesa. Eu salto. —Não me teste —, ele rosna. —Eu já tenho preocupações suficientes sobre minha mente. Eu não quero preocupações sobre você adicionadas à mistura.

—Então não se preocupe —, afirmo. —Não se preocupe comigo. Se preocupe com todas as suas outras “preocupações”.

—Você —, ele diz, com a voz séria, —está fazendo isso quase impossível para eu tolerar, Lilly,

—O quê? Que eu não estou mais em sua coleira?

—Não —, diz ele. —Isso que você está se dando tão pouco no que diz respeito à sua saúde.

—Ao deixar a sua propriedade? — Eu o desafio.

—Ao deixar minha propriedade hoje —, ele rosna. —Escute —, ele se inclina mais perto. —Você não está apenas em um relacionamento comigo, Lilly. Você também é uma empregada das Indústrias Stonehart. Uma funcionária que se encontra em uma posição muito elevada, para alguém de sua idade. Funcionários de uma empresa são os seus maiores trunfos e sua maior responsabilidade. —Ele enfatiza a última palavra, enchendo-a com significado.

—Então é assim que você pensa de mim? — Eu cuspo. —Como uma responsabilidade para com o seu precioso império?

—Não foi isso que eu disse. Mas você não acha que, depois do seu histerismo de ontem, seria melhor, para você, para mim, para a imagem pública das Indústrias Stonehart, se você só descansasse por um dia ou dois, e aproveitasse o tempo livre que eu te dei?

—Eu não tive nada, além de tempo livre, Jeremy, por semanas a fio, caso você não tenha notado. E você ainda não respondeu à minha pergunta: Como você sabia que eu estava aqui? Na verdade, isso não é difícil de adivinhar. Simon disse. A melhor pergunta é: Como você chegou aqui tão rápido?

—Eu cuido das coisas que são importantes para mim, Lilly —, ele sibila.
—É assim que eu cheguei aqui tão rápido. Eu vim para levá-la para casa.

Minhas costas enrijecem. —Não.

Os olhos de Jeremy escurecem. —O que você disse?

—Eu disse, “não” —, repito. —Eu sou uma mulher livre. Eu posso ir onde eu quiser.

—Isso pode ser, — diz Jeremy. Posso vê-lo tentando se controlar. —Mas ainda há certas expectativas suas que vêm de estar ligada a mim.

Ele enfia a mão no bolso e tira uma pilha de fotografias, e praticamente as arremessa em toda a mesa.

—Mais fotos que você tirou? — Eu quase suspiro.

—Eu não —, diz Jeremy. —Veja.

Eu passo por elas. Elas começam comigo na limusine, deixando a propriedade de Jeremy. Você não pode ver através do vidro matizado, mas reconheço o carro. As fotos continuam, da parte traseira, do lado do veículo em circulação. E então há aquelas de nós parando. De mim saindo. De mim entrando neste restaurante.

—Estas foram tiradas minutos atrás, — eu sussurro.

—Sim —, Jeremy confirma. —Você tem sorte que Simon sabe o que observar. Caso contrário, estas estariam em todos os jornais amanhã, e hoje à noite on-line.

—Então, eu estou sendo seguida? — Eu digo, e imediatamente compreendo. —Perseguida?

—Pelos paparazzi, Lilly. Eles são implacáveis. Como cães de caça. Agora que você já foi ligada a mim, tudo que você faz em público virá sob o maior escrutínio.

Sinto-me doente. Sinto-me enganada. Foi apenas há poucas horas que eu estava deleitando-me em não ter tudo o que eu faço sendo gravado. Agora, eu acho que cada vez que estou fora, eu estou sob a mesma vigilância, se não pior?

Pelo menos antes, eu sabia que apenas uma pessoa tinha acesso às fitas. Jeremy. Agora, toda a minha vida parece como se tivesse sido exposta.

—O que importa para eles o que eu faço? — Pergunto fracamente. —Por que eles se preocupam com a minha vida?

—Por causa do que isso pode dizer-lhes sobre mim —, diz Jeremy. Ele soa impaciente. —Isso pode ser muito para assimilar, Lilly, mas você agora é uma figura pública. Por causa de sua posição tanto com as Indústrias Stonehart quanto sua conexão a mim. —Ele zomba. —Não há como negar o nosso relacionamento no escritório, não mais.

—Mas como você conseguiu essas fotos? Eles são tão recentes...

—Eu acho que você sabe como eu posso ser persuasivo —, diz ele, — quando eu coloco minha mente em algo. Agora você vê porque eu quero que você permaneça na minha propriedade, onde você está a salvo de olhares indiscretos?

Eu aceno, devagar, sentindo toda a alegria e emoção de ser deixada de fora escoar para fora de mim como a água de uma banheira com vazamento.

—Você entende agora que eu tenho o seu melhor interesse no coração? Você está disposta a admitir isso, pelo menos, Lilly?

Mais uma vez, eu aceno.

—Bom. — Ele destaca. —Eu preciso estar de volta no escritório. Simon vai levá-la para casa. Você tem sorte que eu estava por perto quando você veio aqui, Lilly. Deus me livre que você tivesse outro episódio como ontem aqui onde qualquer um poderia ver.

Ele se vira e vai embora. É isso aí. Sem afeto. Sem calor. Nenhuma simpatia. Sem tchau.

Apenas o frio Stonehart, duramente, afirmando as suas exigências.

Seu último comentário me pareceu como um soco no estômago. Será que ele vai continuar se referindo ao incidente para sempre?

Um momento depois, Simon vem pela porta. Eu protejo meu rosto quando estou na rua. Nós entramos na limousine, e voltamos para a casa.

Capítulo Dez

Ainda não há mensagens ou chamadas de Fey até a noite. Sou provavelmente uma idiota por esperar algo assim.

Mas a coisa é... Eu estava esperando ouvir dela. Sei que ela está, sem dúvida, ainda com raiva de mim. Eu apenas pensei que a mensagem que deixei pudesse ser o suficiente para convencê-la a me dar outra chance.

Talvez muito pouco tempo se passou. Talvez eu só precise ser mais paciente.

Eu posso fazer isso, não posso? Eu sei como ser paciente. Inferno, eu resisti a coisa muito pior nas primeiras semanas sob os cuidados de Stonehart.

Mas naquela época, eu tinha um propósito. Eu tinha determinação. Eu tinha um objetivo, um ponto final, em mente.

E agora? Agora, eu me sinto perdida. Perdida e sozinha. Eu posso ter liberdade ilimitada. Mas o que eu estou fazendo com ela? Eu pensei que ia estar criando túneis para o submundo das Indústrias Stonehart. Depois do que aconteceu ontem, quem sabe onde eu estou?

E Jeremy... Jeremy foi frio. Ele foi impassível como ele foi quando eu o conheci como Stonehart.

Provavelmente porque eu lhe decepcionei. Ele me disse que queria minha mente. Ele disse que isso é o que ele valorizava em mim. Ele me chamou de forte, independente, apaixonada...

Foi tudo isso que causou meu colapso ontem à noite? Tudo isso se evaporou como gotas de óleo em uma frigideira quente? Quanto voltei atrás com ele? Quanto eu preciso reconstruir?

Claro que isso não é o pior. As persistentes dúvidas sobre a minha própria sanidade são. Eu preciso de garantias: Algo ou alguém para me dizer objetivamente que eu não sou louca.

Porque, se eu não posso mesmo confiar em mim mesma, o que me resta?

Eu recompus a minha mente quando Jeremy chega em casa. Há algo que eu preciso fazer: Algo que eu venho adiando por muito tempo. Algo que eu acho que poderia ajudar a colocar as coisas em perspectiva para mim.

—Jeremy. — Eu o interrompo enquanto ele está comendo. Ele olha por cima da mesa para mim. É a primeira palavra que nós dissemos um ao outro em toda a noite.

Eu coloco minhas mãos firmemente contra a mesa e me levanto. —Eu quero ver minha mãe.

—Hmm. — Ele me olha por cima, mastigando o pedaço de carne na boca lentamente. Ele engole, em seguida, toma um gole de vinho. Ele baixa o copo.

—Tudo bem—, diz ele, e corta sua carne.

Eu pisco. É isso aí? Nenhuma advertência, nenhuma discussão... Nada?

—Tudo bem? —, Pergunto.

—Isso é o que eu disse, não é?— Ele mantém os olhos em seu prato. — Não me faça repetir. Se for a minha permissão que você está procurando, você tem isso. Você pode ir. Mas, —uma curva de um sorriso cruel aparece em seus lábios, —Você sabe que você não precisa disso mais.

—Sobre o que... Trabalhar?— Atrevo-me, com cuidado.

—As Indústrias Stonehart têm operado muito bem sem você, e continuará a fazê-lo até o seu retorno. Um sabático (férias) agora parece ser a melhor opção para todas as partes envolvidas.

Meu instinto aperta. Eu sabia. Eu sabia que o que Jeremy viu em mim ontem arruinou o que quer que fosse a impressão que eu consegui construir. A pergunta é: O quanto à “estaca zero” eu voltei?

—Você sabe onde ela está? — Jeremy pergunta.

Eu olho para cima, assustada do meu devaneio de auto-piedade. —Huh?

—Você sabe onde ela está? Você sabe onde sua mãe está? —Jeremy enfatiza. —Droga, Lilly, preste atenção! Não é tão difícil.

Eu recuo. —Desculpe, — murmuro.

Seus olhos se estreitam. —Minha pergunta era mais do tipo retórica. Estou ciente de que você não sabe. Eu sei que você não tem falado com ela há anos, e que você não teve como manter o controle de sua localização.

—Deixe-me adivinhar, — eu digo secamente. —Você tem?

—Será que isso a surpreende?

—Não.

—Isso garota. Você pode ser ainda mais esperta do que eu lhe dou crédito.

Eu pisco meus olhos para ele, e dou um sorriso falso.

—Isso é que eu acho que é? — Jeremy pergunta. —É um pouco da sua coragem de volta? Estou chocado, Lilly. Eu não acho que nós veríamos um ressurgimento disso durante semanas.

—Sua mãe está no Maine —, continua ele antes que eu possa responder. —Ela está trabalhando como garçonete à noite. Você não precisa se preocupar com ela. —Um lado de seus lábios se enrola em um sorriso torto. —Ela faz boas gorjetas.

Esse tímido comentário depreciativo é quase o suficiente para me fazer pegar o meu copo e jogá-lo nele. Quase.

—Você pode ir esta noite, se desejar. Vou arranjar tudo para você. Ou amanhã de manhã. Tanto faz, se você preferir. —Ele abre os braços em um gesto de zombaria. —Entende? Você não ganha nada, além das minhas escolhas.

A última coisa que eu quero fazer, neste momento, é enfrentar a perspectiva de ter relações sexuais com o homem, se eu permanecer aqui durante a noite.

—Eu gostaria de ir agora, nesse caso.

—Feito. — Jeremy olha para o relógio. —Simon irá levá-la ao aeroporto em uma hora. Isso deve dar a Rose tempo suficiente para arrumar suas malas.

—Eu posso fazer isso —, eu digo.

—Rose vai fazer isso —, Jeremy enfatiza. —Voce me ouviu? Ela tem um papel nesta casa. Eu não quero que você entre em seu caminho.

Eu bufo, já contando os minutos até que eu possa fugir do homem.

—Você vai ter três dias, — Jeremy levanta três dedos. —Depois disso, eu espero encontrá-la de volta, reenergizada, pronta para trabalhar, pronta para foder e, no geral, mais como a mulher que eu suponho que você ainda seja capaz de ser, em vez de... —, ele aponta o garfo para mim da maneira mais vil, degradante e imaginável, —...Isso.

Capítulo Onze

Mais tarde naquela noite, eu estou na parte de trás do jato de Jeremy, atravessando o país, sozinha. É um estranho sentimento.

Mesmo que ele não está comigo, sua presença ainda permanece forte em minha mente.

Tão duro quanto eu tente, eu não posso me dissociar mentalmente de Jeremy Stonehart. Ele está no centro de tudo que eu faço. Mesmo se eu tivesse que sair, mesmo se fosse para levá-lo à sua palavra, e simplesmente sair da porta, a sensação de incerteza iria me consumir.

Pior ainda, o sentido de meu fracasso iria me consumir.

Eu prometi que iria me vingar. Jurei isso. Se não fosse por mim, então, pelo menos por Paul.

Eu me pergunto se Rose está em uma posição similar. Eu me pergunto se ela também foi presa por Jeremy, não porque ela tinha, mas porque ela precisa?

Quem sabe a verdadeira natureza de seu relacionamento?

Mas eu ainda estou em condições de cumprir minha promessa? Acho que ainda estou, mesmo que eu já voltei atrás. Isso também introduz um terceiro elemento de incerteza.

A ironia não está perdida em mim. Eu fui liberada do contrato e, no entanto, agora estou mais ligada firmemente a Jeremy do que nunca.

E agora, só por causa dele, eu estou prestes a fazer algo que eu nunca pensei que eu iria.

Estou prestes a ver a minha mãe.

Eu não vou sair para o Maine em busca de tranquilidade. Isso não é algo que ela pode proporcionar. Eu estou indo para lá em busca da verdade.

Agora, com as informações de Fey, eu realmente preciso saber. Paul é verdadeiramente o meu pai? Será que ele realmente nos abandonou, ou ela o forçou a sair?

Se ela o fez... e o resultado disso foi ele indo para a Califórnia, encontrando a mãe de Stonehart, arruinando sua vida (na visão de Jeremy), e resultando assim em sua perseguição a mim... Então se eu tracei as coisas de volta longe o suficiente, tudo é culpa dela.

Eu paro. Soa mesquinho? Eu não posso culpar a minha mãe pelo que Jeremy fez. Mas essa é a natureza do meu relacionamento com ela. Quando as coisas ficaram ruins no passado, tem sido sempre culpa dela.

Eu percebo que estou pressionando minhas unhas no apoio de braço e forço meus dedos a liberar. Eu me sinto mais na borda sobre esta viagem do que qualquer outra coisa na memória recente. Como é que a minha mãe reagirá quando me ver? Como vou reagir quando eu vê-la?

Eu verifico meu telefone mais uma vez por qualquer coisa de Fey. O silêncio sobre o seu fim está me matando. Eu realmente estraguei as coisas tão mal que o pedido de desculpas que deixei em seu correio de voz não foi suficiente para, pelo menos, fazê-la falar comigo? Eu não estou esperando simpatia ou perdão. Isso não é o que eu mereço. Mas seria bom, pelo menos, saber que alguém lá fora ainda se preocupa comigo.

Alguém que não seja meu sequestrador.

Eu olho para fora da pequena janela e pressiono a palma da mão contra o vidro. Eu estou sozinha na cabine. Eu especificamente pedi sem assistentes de voo. É só eu e o piloto neste avião, e ele está bloqueado atrás daquelas portas de metais pesados.

Sinto-me cortada do mundo, agora, como eu sempre me senti. Apesar de ter todas as minhas liberdades. Apesar de ter a capacidade de ir onde eu quero ir. Eu arruinei a minha relação com Fey. Eu não tenho relacionamento com minha mãe. Duvido que Sonja iria querer falar comigo. Ela só ouviu coisas da equipe de Fey, e eles não pintaram um retrato bonito do que eu me tornei.

Mais ironia. Não é isso, -ou alguma versão disso, -o que eu sempre quis? Independência. Autossuficiência. A confiança em ninguém além de mim?

Pelo menos, é isso que eu pensei que eu queria. Agora, eu estou começando a ver as coisas de forma diferente. Independência é tudo de bom e ótimo. Mas, quando levada ao extremo, torna-se... desesperada. Vazia. Com nenhum calor na minha vida de qualquer pessoa que não seja Jeremy... E mesmo que isso desapareça depois da maneira como eu o desapontei... o que me resta?

O avião toca o solo com um empurrão. Abro os olhos e olho ao redor. Os raios iniciais do sol estão apenas começando a espreitar por entre as nuvens. Há uma geada de neve no chão.

Nós taxiamos em direção ao terminal e eu desembarco. A quantidade de neve era enganosa. Está congelando lá fora. Eu esfrego meus braços e desejo um café quente enquanto eu espero o piloto transferir minhas malas para a parte de trás de uma limusine à espera.

Mas quando nós deixamos o aeroporto, eu tenho uma súbita vontade de testar os limites da minha liberdade.

—Aguarde. Espere, pare.

O motorista olha para mim. —O quê, aqui?

—Sim, aqui,— eu estalo. —Deixe-me.

—Sr. Stonehart disse para levá-la...

—Sim, bem, eu estou dizendo para você parar agora. O Sr. Stonehart não está aqui, não é? Eu sou a única no comando.

—Claro que sim —, ele dá de ombros. Ele para. Eu abro a porta.

—Minhas malas? — Exijo impaciente.

O motorista chega e as tira. Eu movimento para ele colocá-las perto dos meus pés. Ele gruda as mãos nos bolsos da frente.

—Sr. Stonehart não ficará satisfeito comigo quando descobrir, — diz ele.

—Deixe-me preocupar com isso—, eu digo.

—Senhora louca—, ouço os murmúrios do motorista quando ele volta para a limusine e vai embora.

Poucos minutos depois, vejo um táxi e o chamo. Ele para na calçada.

Pelo menos desta maneira, Jeremy não terá nenhuma maneira de manter o controle em mim, eu acho.

Eu entro. O motorista faz uma pergunta que eu não tenho a resposta pronta.

—Para onde?

Eu tiro um pedaço de papel com o endereço do restaurante anotado nele. —Você conhece esse lugar?

Ele aperta os olhos na pequena caligrafia apertada de Jeremy. Em seguida, ele concorda. —Sim, claro. Belo lugar. Serve o melhor pimentão do estado. Mas não vai estar aberto agora.

—Eu sei, — eu digo. —Apenas me leve a um hotel nas proximidades.

—Perto? —, Ele pergunta. —Não vai ter qualquer hotel nas proximidades, pequena dama. Apenas pontos de paradas e motéis ocasionais.

—Isso é bom —, eu digo. Faço uma pausa, e, em seguida, acrescento, —E um aluguel de carro?

O motorista de táxi sorri para mim como se ele tivesse acabado de ouvir um grande segredo. —Sim —, diz ele. —Coisa garantida.

Eu deixo cair minhas malas em um motel decadente e depois volto para o táxi para ser conduzida para alugar um carro. Eu recebo um Toyota. Parece tão estranho estar ao volante de um veículo. Ninguém tinha carros em Yale. Em um pequeno campus, não havia necessidade. A única razão pela qual eu tenho minha carteira de motorista era porque eu tinha guardado para cursos de condução durante o ensino médio. Minha mãe, obviamente, não tinha um carro.

Em seguida, houve todo o tempo gasto sob os cuidados de Jeremy, isolada do mundo. Ter as minhas mãos no volante, sentir o meu pé no pedal do acelerador, ter a vez de colocar o carro para frente ao meu comando... Tudo isso parece estranho, surreal, mas um pouco... poderoso.

Pergunto-me, no fundo da minha mente, se Jeremy tem alguém me observando. Ele é certamente capaz de contratar as pessoas para fazê-lo. Eles poderiam estar me seguindo agora e eu não seria tão inteligente.

Claro, ele não se importa. Eu não estou pensando em fugir. Eu só estou aqui para ver a minha mãe, limpar a minha mente, e voltar para a minha posição na vida de Jeremy. Esperemos que, sem mais episódios loucos.

Eu paro no motel, desligo o carro, e vou para o meu quarto. Este ambiente é certamente familiar. É tudo que eu tenho conhecido enquanto crescia.

Eu olho em volta do pequeno quarto. Há um futon com um sofá-cama. Uma pequena televisão fica em frente a partir dele. Há um desses despertadores de motel estereotipado com a luz vermelha piscando o tempo todo.

É manhã cedo. De acordo com Jeremy, minha mãe trabalha à noite. Tudo isso é de se esperar. Por enquanto, não tenho nada a fazer senão esperar.

Eu verifico meu telefone por uma resposta de Fey. Nada. Eu suspiro, e o jogo longe.

Então, eu me abaixo na borda do futon, e olho para o relógio.

Estou realmente pronta para enfrentar a minha mãe hoje à noite? Eu não sei. Foi o que, cinco, seis anos desde a nossa explosão final? Eu sempre disse que ela arruinou as coisas, então o ônus seria sobre ela repará-las. Para estender o ramo de oliveira proverbial, por assim dizer.

No entanto, aqui estou eu, assumindo a responsabilidade por seus erros novamente. É por isso que nós somos incompatíveis. Ela não tinha nenhum senso de responsabilidade. Eu tinha.

E por causa disso, eu sempre fui deixada para pegar as peças.

Honestamente, às vezes, parecia que eu estava lidando com uma criança em vez de um adulto. Somente um pouco de seu comportamento pode ser atribuído ao consumo de álcool, ou o desgosto sobre Paul. Se isso mesmo contribuiu para as coisas, tanto quanto eu suspeito. Eu posso apenas ser desatribuída por causa da situação.

Não, a maioria é culpa dela. Ninguém a obrigou a beber. Ela fez isso a si mesma. Ninguém a forçou a negligenciar sua única filha em alguns dos momentos mais importantes da vida da jovem. Ela fez isso a si mesma.

Ninguém a obrigou a declarar que eu não era mais bem-vinda em sua casa, porque eu escolhi a escola, acadêmicos e um futuro real para mim em vez dela. Ela e seu hábito de beber.

Ela fez isso a si mesma.

Deus. Eu grunhi em frustração. Eu estou trabalhando sobre a mera perspectiva de vê-la. Como vou reagir quando ela estiver realmente lá, em pé na minha frente, pessoalmente?

Eu sei que sou totalmente ingrata. Eu não. Renee era uma boa mãe. Até o incidente na cabana, com Paul, isso é. Até álcool assumir o controle de sua vida.

Espero,- desejo, -que ela esteja sóbria agora. Mas eu sei melhor o que é esperar por milagres. Se você espera as pessoas mudarem, eles vão continuar encontrando maneiras de decepcioná-la.

As pessoas não mudam. A não ser que algo importante aconteça em suas vidas. Não a menos que...

Espere. Puta merda. Aqui estou eu, dizendo que as pessoas não mudam, e eu ainda estou esperando isso... De Stonehart?

Sim, Stonehart. Não Jeremy. Isso é como eu o conheci. Nunca se deve esquecer isso.

Eu não esqueci exatamente. Isso só se perdeu na maré de todos os outros sentimentos que eu tenho e que giram em torno dele. Talvez o meu tempo longe vá trazer alguma clareza à minha mente.

Ou talvez ele mesmo não tenha importância neste momento. Jeremy é uma parte da minha vida. Ele vai continuar a ser um elemento permanente para o futuro previsível -e em longo prazo.

A menos que algo vá mal. A não ser que, -e isto me assusta, que ele reverta-se para Stonehart.

Ou, ainda pior, se eu perder minha mente.

O incidente com Hugh ainda me corroi. Eu não posso afastar a sensação de que era real. Muito real.

E essa certeza... A impressão de que eu deveria confiar no que eu me lembro, e ignorar o que eu vi na tela... É o que me faz temer pela minha própria sanidade.

Eu me levanto. A sala de repente parece muito pequena, muito apertada. Eu tenho minha liberdade agora, não tenho? Eu tenho que aproveitá-la.

Eu pego minhas chaves do Corolla do cinzeiro, pego minha bolsa, e saio... E quase colido com o motorista de táxi que me trouxe aqui.

—Você! — Eu exclamo. —O que você está fazendo fora da minha porta?

Ele olha para mim, surpresa e choque piscam em seu rosto. E então ele se vira e corre.

—Espere! — Eu grito. Eu me forço a segurar minhas botas, -elas não foram feitas para correr, apenas para manter-me quente- e correr atrás dele.

Eu o vejo desaparecer por trás em um canto do edifício, muito à frente de mim. Eu abaixo a cabeça e corro mais rápido. Isso está me canalizando para os resquícios da antiga criança que eu fui. Quando eu venho ao redor do canto, o homem sumiu.

Eu paro. Ele não poderia ter simplesmente desaparecido. Mas há tantas portas que revestem o lado do edifício à minha frente. Qualquer uma delas poderia ter sido sua fuga.

Eu sigo em frente, determinada. Poderia ser apenas um motorista de táxi assustador, ou, mais provável que ele poderia ser alguém plantado por Jeremy?

Eu queria que a neve não tivesse sido varrida. Dessa forma, eu poderia seguir seus rastros.

Uma rodada acima e abaixo na parte externa do prédio me leva a lugar nenhum. Não há nenhum sinal do homem. Além disso, se ele está dentro de um dos quartos, não é como se eu fosse apenas arrombar a porta e chegar a ele.

A porta. Merda! Eu deixei a minha aberta. E todas as minhas coisas estão dentro...

Eu corri de volta, esperando e rezando para que eu não tenha sido enganada e chegar à porta para ver os meus piores medos realizados.

O interior do meu quarto de motel estava limpo. Minhas malas, minha bolsa, meus pertences, meu celular, -tudo desapareceu.

—Filho da puta, caramba!— Eu grito. Eu caí no truque mais velho no livro. Eu deveria saber melhor. Eu fiquei em lixões como este antes. Mas meus instintos têm falhado no meu tempo na Universidade de Yale e com Jeremy.

Este foi um trabalho de dois homens. O primeiro, o motorista, viu uma rapariga em um motel de baixa qualidade, sozinha, mas claramente afluente, e identificou-a como vulnerável. Ele provavelmente ainda tinha o quarto configurado de antemão exatamente para este tipo de coisa. Então, enquanto ele serviu de distração, seu amigo entrou no meu quarto no momento que eu saí.

E eu fiz tudo ficar fácil demais para eles.

Idiota! Eu me repreendo. Eu coloco a mão no bolso. Pelo menos eu ainda tenho as chaves do carro. Eu estou distraída olhando para cima pelo guincho de pneus de chuva no asfalto. E lá, como se para adicionar insulto à injúria, acho meu Corolla vermelho alugado cambaleando para fora do estacionamento, com duas figuras claramente dentro, visíveis.

—Não —, eu digo. —Não, não, não, não...!

Meus dedos envolvem em torno das chaves do carro. Obviamente, elas não eram o único par. Isso significa que o cara do aluguel de carros estava nisso, também. Fui completamente, totalmente enganada.

Desespero brota dentro de mim, enquanto eu assisto o carro diminuir na distância.

Caminho a percorrer, Lilly, eu acho. A primeira vez que você está por conta própria, isso acontece.

Eu quase sinto me quebrar no local.

Mas eu não. Eu enfrentei adversidade antes. Este é apenas um ponto no radar em comparação com o que eu tenho superado com Jeremy. Eu perdi algumas coisas. E daí? Não é como se elas não pudessem ser substituídas.

O maior medo que eu tenho, o que está me deixando mais desconfortável, - é o que acontece quando Jeremy descobrir? Quanto menor será a sua já baixa percepção de mim? Ele vai pensar que sou completamente incompetente.

Essa é a impressão que eu tenho que fazer tudo para evitar. Mas o que eu posso fazer? Quem mais eu poderia chamar?

Os policiais? Hah! Como eles vão colocar qualquer esforço real para um roubo pequeno num momento como este? E se eu chamo Jeremy agora, eu

estaria fazendo pouco mais do que rastejar de volta para ele em minhas mãos e joelhos.

Isso não é algo que eu posso me permitir fazer.

Então, eu lancei um olhar para o quarto de motel vazio... Embrulho meu casaco de inverno apertado em volta de mim mesma... e começo minha jornada em direção à única pessoa no mundo em quem eu jurei que nunca iria contar novamente.

O vento pega enquanto eu marcho ao longo do lado da autoestrada vazia.

Eu aperto meu casaco e puxo o capuz para cima. O caminho todo, eu tive menos de uma dúzia de carros que passaram por mim. Eu realmente estou no meio do nada.

Duas horas atrás, eu parei no centro da cidade e pedi para instruções sobre o lugar. Foi-me dito que eu tinha seguido o caminho errado, que teria que voltar pelo mesmo caminho.

Eu não me desesperei. Ainda determinada a fazer isso sozinha, eu corto minhas perdas e me viro.

O dia estava claro, então. Agora, o sol é bloqueado por nuvens pesadas. Um vento corta todas as camadas que tenho em mim e sinto aquele frio até os ossos. A qualquer momento, espero que inicie a neve, ou granizo.

Apenas algo para coroar um dia já catastrófico.

Não ajuda muito que não tenho nada nem ninguém, mas meus próprios pensamentos por companhia enquanto eu faço a longa caminhada pelo trecho abandonado da estrada. Eu continuo eu volto meus pensamentos para tudo o que passou errado, desde que recebi o telefonema de Fey.

Eu não a culpo. Também não culpo Robin por chamar a sua atenção. No entanto, parece que, de uma pequena informação começou uma enorme avalanche de merda. Nada parecia certo desde então. Jeremy cuidou de mim no fim de semana. Mas ele tinha ficado frio depois. Havia a terrível segunda-feira no trabalho. O dia inesperado fora, na terça-feira, que, eventualmente, levou-me aqui. E agora? O que agora? Fui roubada, tornei-me vítima de algo que eu deveria saber o suficiente para evitar, e meu maldito orgulho teimoso,

ou o que você quiser chamá-lo, me impede de chamar a pessoa que realmente tem os recursos para ajudar.

Eu não tenho nenhuma dúvida de que, se Jeremy soubesse o que me aconteceu, ele iria às alturas. Ou talvez essa reação só viria depois que ele descobrisse a maneira que eu estava lidando com isso, com essa recusa gritante em reconhecer a necessidade de ajuda.

Então aqui estou eu, caminhando através da lama suja e barrenta, apenas esperando o outro sapato cair.

Se já não o tem.

Ouçoo um carro se aproximando. Olhando para trás, vejo faróis. Eu vou para a extremidade da estrada, não querendo escorregar para o emaranhado de arbustos que está longe, mas não querendo entrar e bater, tampouco. Nesta melancolia, eu sou tudo, menos invisível em minha jaqueta escura.

Eu espero o carro passar. Ele parece tomar uma quantidade extraordinária de tempo para chegar aqui. Minha respiração acelera. Meu coração começa a bater mais rápido. Eu me pergunto: poderia ser Jeremy?

Essa esperança é completamente estúpida e frustrada com as explosões de veículos passando por mim, me envolvendo em um spray de sujeira e neve. Acho que ouvi uma risada enquanto acelera e se afasta.

Eu amaldiçoo minha própria estupidez. Claro que não seria Jeremy. Ele não é Superman, para gritar alto. Ele não pode simplesmente aparecer em todo o país em um piscar de olhos.

Então, eu continuo indo, fria, molhada, sozinha e infeliz, perguntando-me como é possível que eu tenha afundado tão baixo em poucos dias.

Quando eu entro no posto de gasolina solitário, eu experimentei o suficiente dos elementos para querer a ajuda de Jeremy... quase.

Mas quando o atendente me informa que o lugar que eu estou procurando é a menos de meia milha de distância, minha determinação retorna. Eu não seria capaz de viver comigo mesma se eu viesse até aqui apenas para desistir agora.

Eu volto para o granizo. Metade de uma milha é nada comparada com a distância que eu já cruzei. Além disso, não teria dado quase qualquer coisa para ser capaz de caminhar, em qualquer lugar que eu quisesse, alguns meses antes? Quando eu era mantida prisioneira na marquise, eu nunca teria me posto um pouco de desconforto elementar. E agora eu posso simplesmente andar, em qualquer lugar que eu quisesse, pelo tempo que eu quisesse. Inferno, se eu me virar para o norte, eu poderia até mesmo chegar ao Canadá.

Ninguém pode tirar isso de mim.

Então, meia milha? Metade de uma milha não é nada. Pelo menos, esse é o mantra que eu fico repetindo na minha cabeça enquanto meu casaco molhado se apegava ao meu corpo e meus dedos estão tão frios que parecem que vão cair. Eu coloco as minhas mãos no fundo dos meus bolsos. Mas o aguaceiro pesado faz a água correr para baixo no comprimento das minhas mangas e faz uma piscina no interior. Eu tremo.

Quando eu entro no lugar marcado, o que eu vejo está praticamente abandonado. Um caminhão solitário está parado no estacionamento. É um daqueles caminhões antigos que pesam provavelmente quatro vezes mais do que qualquer carro moderno. Isso poderia fazer picadinho de qualquer coisa em um acidente... Contanto que ele pudesse ser persuadido a andar.

Eu pego meu ritmo, um pouco. Por mais que os meus membros congelados permitem. Minhas botas escorregam e deslizam sobre a mistura de gelo e sujeira.

Eu alcanço as portas da frente. Respiro fundo. E entro.

Um sino toca para anunciar a minha chegada. Não há ninguém atrás do balcão. Depois de um segundo, uma voz rouca e feminina chama da parte de trás. —Eu estarei com você em um segundo!

Eu vou até o bar, minhas botas fazendo sons molhados sobre o linóleo. Antecipação me atinge como a primavera.

Eu chego ao balcão. Uma mulher sai. Eu empurro o meu capuz para trás, e revelo o meu rosto.

—Oi, mãe —, eu digo.

Capítulo Doze

Objetos de vidro caindo contra o chão quebra o silêncio.

—Merda! — Minha mãe amaldiçoa. Ela se abaixa e começa a recolher os pedaços quebrados. Ela evita contato visual.

Espero. Então, alguns dos meus ressentimentos borbulham. —Bem?— Eu exijo. —Você não vai cumprimentar sua própria filha?

—Tanto quanto eu estou preocupada —, ela diz baixinho, concentrando-se em recolher o fragmentado, —Eu não tenho nenhuma filha.— Seus olhos piscam até encontrar os meus. —Ou não é isso que me foi dito, pela minha própria filha, na última vez que falou comigo?

Ela muda sua atenção de volta para baixo. Depois que ela reuniu todos os fragmentos em uma pilha arrumada, ela se vira de volta para mim e vai recuperar uma vassoura.

Eu me pergunto, em um tipo de maneira ausente, se Renee é até capaz de compaixão. Nosso relacionamento é ruim, e terminou com uma das piores notas possíveis, mas não deve a existência simples da decência humana ser suficiente para obrigá-la a, pelo menos, me oferecer uma bebida quente, ou talvez perguntar sobre por que eu apareci aqui, no meio do nada, na condição em que estou?

—Se você espera que eu me desculpe, — eu grito atrás dela, —não vai acontecer!

—Esperar? — Ela bufa, e começa a varrer os cacos de vidro. —Eu não espero nada. Por que eu esperaria alguma coisa? Cinco anos desde nossa última conversa, desde que eu vi seu rosto, e agora você aparece aqui, me procurando, e você quer que eu faça o quê? Que me preocupe? Você quer que eu pergunte como você está, onde você esteve, o que diabos aconteceu com você?

Eu posso ouvir que a sua voz começa a tremer. —Isso não vai acontecer, querida. Desculpe. De jeito nenhum. Sem chance. Você poderia ter aprendido uma coisa ou duas de mim, se você fosse inteligente. Esperar? Não espere nada, e você nunca se decepciona. As expectativas são uma maldição. Eles são como o vento. Aqui hoje, longe amanhã.

Ela olha para mim, então, por apenas um segundo.

Esse breve flash é o suficiente para me dizer que ela está colocando em um ato. Renee sempre usava suas emoções em sua manga. É o que a fez tão vulnerável ao tipo de homens que ela atraía.

Eu vejo, naquele breve momento, que a fachada da força que ela está tentando me convencer é apenas uma cobertura para as emoções que ela está desesperadamente tentando esconder.

Ela olha para trás para baixo e continua varrendo, as cerdas da vassoura indo mais e mais, para o mesmo local já limpo.

—Não—, ela continua. —Não, eu vou me preocupar. Eduque uma criança por dezoito anos. Dê seu amor, alimentos, abrigo. Dê seu afeto. Dê-lhe um lugar quente para dormir à noite. Protegê-la de toda a maldade no mundo. E depois? Um, dia, a criança se levanta e sai. Poof! Foi! Assim como àquela! Desapareceu sem deixar vestígios.

Os movimentos de sua vassoura tornam-se mais duros. Eles se transformam em varreduras com golpes irritados.

—O que uma mãe deveria fazer? Será que ela deveria ir atrás dela? Não. Não, não depois das coisas que foram ditas. Será que ela deveria chamar a polícia? Não, porque os policiais são os vermes da terra, e por que eles dão a mínima para seus problemas? Mas ela deveria simplesmente esquecer, fingir que a criança que ela carregou durante nove meses nunca tinha simplesmente nascido?

Ela para, arranca sua a atenção para longe do chão. Seus olhos pulsam para mim.

—Não. Ela nunca pode fazer isso. Nenhuma mãe pode fazer isso.

Eu sinto o tormento, a dor por trás de suas palavras. E a partir disso, uma onda de culpa tenta subir dentro de mim. Eu me esforço para empurrá-la de volta para baixo, mas eu não posso. Não quando eu sei das coisas que eu sei agora: sobre ela, sobre Paul. Não quando eu posso ver que a tensão dos últimos cinco anos adicionou ao seu rosto.

Ela parece... cansada. Exausta. Magra, como Tolkien disse uma vez: pouca manteiga sobre a torrada. A maquiagem que ela está usando para se

fazer apresentável, e esconder o verdadeiro estado de sua pele, é endurecida e duas vezes tão grossa como eu me lembro.

Assim, uma parte de mim, -uma pequena, hesitante, cautelosa parte, - começa a sentir pena dela. Eu me encontro quebrando a promessa que eu fiz, de nunca sentir pena da emoção demonstrada por Renee.

Ela vira as costas para mim e continua a falar. —Então você vem aqui, parecendo um cão vadio, e você quer que eu me preocupe com você agora? Eu estou além disso. Eu me preocupei na primeira semana que você se foi. O primeiro mês. O primeiro ano.

—Você sabe o que é sentir-se abandonada? Não. —Ela zomba em uma risada. —Claro que não. Você nunca foi abandonada. Eu estava sempre lá para você, apesar do que você pensou. Eu sempre me importei. Sempre. E como você me reembolsou? Ao dizer todas essas coisas vis e, em seguida, me deixar sem um traço de notícia! Ela olha para mim por um minuto. Em seguida, dá de ombros.

—Então, tanto quanto eu estou preocupada, você não é mais do que uma estranha. Uma estranha que passou pelo restaurante em uma noite ruim. E daí? Recebemos toneladas desses aqui. Caminhoneiros. Caronas. Andarilhos. Você os nomeia, eu os vi. Lidei com eles, também. Você não seja confundida. Então me diga o que você quer, e eu vou ver cozido na parte de trás. Caso contrário, se você não tem negócio aqui, eu espero ver você em breve em seu caminho. Nós não aceitamos bem mendigos, não importa o que você pode ter ouvido. Não importa o que...

Ela é desmedida. Eu posso dizer. Então eu a cortei com uma palavra simples. —Mamãe?

Ela brilha por cima do ombro. —O quê?

—Eu te amo.

Ela para, em choque ainda. Lentamente, ela se vira para mim. Ela pisca, em descrença.

—O que você disse? — Sussurra.

—Eu te amo, mãe—, eu repito. Eu me levanto. —Eu nunca cheguei a dizer-lhe isso antes de eu sair. Eu não quero cometer esse erro duas vezes.

Eu olho para o chão. —Isso é tudo. É por isso que eu vim. —Eu começo a voltar em direção à porta, no escuro, e no granizo pesado lá fora.

Onde posso ir em seguida? Eu não sei. Talvez seja a hora para eu engolir meu orgulho e chamar Jeremy. Eu posso voltar da maneira que eu vim. Havia outro motel de beira de estrada, passei a caminho daqui, e se eu fizer o check-in hoje eu poderia arranjar algum dinheiro pela manhã...

Estou a dois pés da porta quando eu ouço um soluço. —Espere, Lilly!

Eu me viro. Minha mãe está correndo em minha direção. Ela se choca comigo e envolve seus braços em volta do meu pescoço. Ela me aperta, mais do que eu jamais fui detida por ela antes. Seu corpo treme. Até através das camadas de roupa molhada que eu tenho eu posso sentir sua fragilidade.

Ela começa a chorar. Eu sinto as emoções brotando dentro de mim, também. Umas misturadas com carinho e compaixão, ainda contaminadas por esses grampos permanentes. Recuso-me a chorar. Eu não vou.

Mas então ela se afasta, segura meu rosto, e o acaricia do jeito que ela fazia quando eu era uma criança. Minhas paredes desabam. Eu começo a chorar também.

—Shh, shh. Está tudo bem. Está tudo bem —, ela murmura. —Eu só... Eu não posso acreditar que é realmente você. Você está aqui, Lilly. Você não é um sonho. Você voltou!

—Eu vim—, eu digo. Eu limpo meus olhos. —Eu vim para te encontrar. Para corrigir o meu erro.

—Não —, ela avisa. —Não se atreva a se culpar, Lilly Ryder.— Ela tenta me criticar, mas através das lágrimas, através do crescente brilho de seu rosto, isso vem sem nenhum sentimento. —Você está aqui, e eu... Eu simplesmente não posso acreditar nisso.

Eu pisco, tentando evitar que mais soluços escapem. Eu olho para a minha mãe. —Eu deixei o seu uniforme todo molhado—Eu digo.

Ela olha para frente de sua camisa. Ela parece quase surpresa com o que acha. Ela engasga uma risada.

—Não se preocupe com isso—, ela me diz. —Vamos, vamos, temos que tirar essas suas roupas molhadas. Eu tenho algo que deve servir na parte de trás. —Ela toma minhas mãos entre as dela. —Você está absolutamente

congelada. Como uma geleira! Agora, eu vou pegar um pouco de chocolate quente, talvez um pouco de sopa. Você ainda gosta de ensopado? Foi o seu favorito quando criança.

—Sim—, eu digo. —Sim, eu acho que eu gosto.

Meia hora mais tarde, eu estou curvada em um banquinho, um cobertor de lã sobre minhas costas, pegando minha terceira tigela quente de ensopado.

Mamãe tinha que cuidar de um grupo de caminhoneiros que entrou pouco depois de mim. Por isso, não tivemos oportunidade de conversar. De certa forma, estou feliz. Dá-nos uma oportunidade para firmarmos as nossas emoções. Além disso, dá-me uma oportunidade para me aquecer e realmente sentir como eu mesma novamente.

E vê-la como ela trabalha. Há um cozinheiro na parte de trás que serve pratos, mas caso contrário, é só ela. Ela comanda o local com eficiência estreita que eu nunca teria esperado dela. É completamente em desacordo com a bagunça e lembro-me da desordem enchendo nossa casa.

Nós jogamos conversa fora nos intervalos curtos que ela tem diante da atenção exigida pelos outros clientes. Eu acho que nós duas estamos simplesmente esperando que seu turno acabe. Então, podemos realmente conversar. Conversar e, talvez, o mais importante, resolver as coisas entre nós. Ou pelo menos tentar.

Mesmo que seja o início de nossa reunião foi feliz, eu ainda sinto que há um enorme abismo entre nós. Eu preciso saber a verdade. Sobre Paul. Sobre o comportamento dela. Sobre se o meu pai realmente é quem eu acho que ele é, quem Jeremy quer que eu acho que ele seja.

Eu também quero saber como ela está. Ela parece que está se dando bem... mas por alguma razão, é difícil para eu colocar um dedo sobre se isso é realmente o caso ou não. Uma vez que o outro cliente entrou, ela tornou-se determinada e profissional. Ergue-se em desacordo com a mulher que eu conheci... Aquela com muita maquiagem no rosto.

Eu percebo, olhando para ela agora, que eu fui injustamente dura com ela na minha mente desde a nossa briga. Minha impressão foi manchada pela

forma como deixou as coisas. Sempre que eu pensava nela, eu lembrava apenas do mal. Nunca do bem.

E, no entanto, vê-la em pessoa, vendo-a com o benefício da perspectiva que ganhei durante meu tempo com Jeremy, lança uma nova luz sobre as coisas. Lembro-me que Renee sempre teve um grande coração. Um bom coração. Havia apenas uma desconexão inerente entre seu coração e sua mente.

Talvez seja porque eu estou ficando mais velha, e eu posso ver as coisas do seu ponto de vista. Ela foi ferida, uma e outra vez, pelas pessoas que ela permitiu chegar perto. Mas tal era a sua natureza: O coração dela não permitiria ficar isolada ou distante de qualquer pessoa que ela conhecia.

E não é como se ela fosse uma idiota total. Eu tenho meus genes de algum lugar, depois de tudo. Parte do intelecto que me meteu em Yale veio dela.

Eu acho que, refletindo de volta, Renee se tornou um produto de seu ambiente mais do que qualquer outra coisa. Mais como, uma vítima dele. Talvez se ela tivesse tido uma educação melhor, ou feito as melhores escolhas em sua juventude, ela poderia ter prosperado.

Outra mecha de culpa flutua dentro de mim. Ela deve ter visto a maneira que eu tentei o meu melhor para não ser igual a ela na escola. Ela não é idiota. E como doloroso deve ter sido, assistir a filha que você teve crescer ressentida assim?

Você sempre acha que sabe tudo como um adolescente. Você não sabe. Você não conhece um décimo do que você acha que conhece, e um décimo do que você pensa é mais do que você jamais vai pensar a conhecer um décimo em sua vida. Eu pensei que escondi bem o meu ressentimento. Mas devo ter sido tão absolutamente, tediosamente transparente. Renee sabia a verdade de sua vida, de sua situação, de como ela e eu acabamos no lugar onde estávamos. Eu não. Meu conhecimento de nossas vidas foi falho. Ela deixou-me odiá-la na minha ignorância. Só porque eu não sabia de nada.

Só porque ela me amava o suficiente para me proteger da verdade.

Graças a Jeremy, as cortinas foram tiradas dos meus olhos. Eu sei sobre Paul. Graças a Fey, eu sei o que ele fez depois que eu nasci... E do tipo de homem que ele realmente era. Se ele caçava alguém em uma posição tão vulnerável quanto à mãe de Jeremy...

Mas não. Eu paro. Eu não posso lidar com esses pensamentos. Não quando eu tenho a minha própria mãe na minha frente, agora.

—Vai demorar mais uma hora antes que este lugar se acalme —, ela me diz quando para para tomar um copo de água. Ela enxuga o suor da testa. —E então, você pode me contar tudo que aconteceu com você desde que você desapareceu da minha vida. —Ela bebe sua água.

Eu percebo, depois de um momento de surpresa, que é água potável. Água! Eu nunca vi minha mãe beber água desde que ela pegou a garrafa...

—Você... — Eu olho para o copo, e depois para o rosto dela, cautelosa. —Você... Você está sóbria agora, não está?

—Três anos e contando, — ela diz suavemente. —Agradeço, de certa forma, a você. Foi pior no início, depois que você foi embora. Mas quando finalmente vi que você não ia voltar... bem, isso me fez reconsiderar as prioridades em minha vida.

—Uau—, eu digo, verdadeiramente chocada. —Isso é incrível. Eu estou tão orgulhosa de você, mãe.

—Ahh, — ela acena. —Foi há muito tempo. Talvez eu só precisasse de uma chamada de despertar. Bem, você me deu isso. —Ela olha ao redor da sala, e então seus olhos dardam de volta para mim, cheios de excitação maliciosa. —Mas eu deveria estar felicitando-a, e não o contrário.

—Eu?— Eu pisco. —Pelo quê?

—Oh não jogue de tímida. Eu não acreditei em um primeiro momento. Não acreditei que era realmente você, mas, em seguida, oh! Ela para, quando percebe alguém chamá-la de novo. —Eu já volto.

Vejo-a como ela vai. Na minha mente, as rodas estão girando. O que ela poderia estar se referindo? Certamente, não Jeremy...

Então eu travo, e aperto minha mandíbula em irritação. Claro que vai ser a cerca de Jeremy. O que mais poderia ser?

Ela corre de volta para mim depois de um momento.

—Mãe, — eu digo calmamente, — se há algo que você acha que sabe sobre a minha vida, é melhor você me dizer, agora!

Ela parece de repente vergonhada por mostrar excitação. —Eu sinto muito—, diz ela. —Eu não acho que você estaria... bem, você não iria aparecer aqui desse jeito se você fosse ainda...

—Mãe, — eu a cortei. —Será que isso tem alguma coisa a ver com certo Jeremy Stonehart?

Seus olhos se alargam, e ela traz as mãos sobre a boca para cobrir um suspiro. —Então é verdade?—, Ela diz. —Quero dizer, eu li todas as revistas, vi as histórias, mas eu não podia acreditar...—, ela some, e salta para mim com um abraço. Lilly, estou tão feliz por você!

Não esteja. Eu quase resmungo. Você não estaria, se soubesse a verdade.

Esta é uma característica definitiva de que eu nunca invejei em minha mãe: Ela sempre se deixou ser definida pelos homens com quem ela estava. Embora ela nunca verbalizasse o pensamento, ela definitivamente agia sobre isso. Em sua mente, a marca de uma mulher bem-sucedida era o sucesso de seu homem.

Então, se ela sabe sobre Jeremy e eu, ela nunca vai me deixar me vingar dele.

Um pensamento me ocorre. —Espere —, eu digo, tocando seu braço pouco antes de ela sair. —Quando você viu as histórias?

—Ainda esta semana, — ela me diz. Ela ri. —Pelo menos isso me deixou saber que você ainda estava viva. Eu nunca pensei que você iria aparecer aqui, em pessoa!

—Mãe, — eu adverti, —tudo o que você leu, não deixe isso chegar a sua cabeça. Como eu disse, nós temos um monte de coisas a recuperar.

—Oh. — Seu rosto cai. —Lilly, querida, eu sinto muito. Isso significa que você e o... —, ela olha em volta, em seguida, sussurra as palavras: —... Sr. Stonehart... não estão mais juntos?

—Oh, não —, eu digo. —Nós estamos muito juntos. — E em mais formas do que você possa acreditar. —Apenas não faça suposições até ouvir coisas de mim. OK?

—Sim —, ela concorda. —Sim, isso é justo. — Ela olha por cima do ombro. —Eu tenho que ir. Mas eu vou estar de volta em breve. Depois do meu

turno, vamos para a minha casa. Ok? E eu vou pegar para você algumas roupas adequadas.

—Obrigada —, eu digo. —Isso parece bom.

Ela sorri para mim, e retorna ao trabalho.

Capítulo Treze

Eu enfrento a chuva mais uma vez quando nós fomos para o ponto de ônibus. Eu meio que esperava que o caminhão fosse da minha mãe. Eu deveria ter sabido melhor. Ela não dirige.

A viagem não leva muito tempo. O ônibus nos leva até a entrada de um estacionamento de trailers. Nós descemos. Eu a sigo pelo quintal escuro. Um cão começa a latir para nós de dentro de um dos trailers. Alguém amaldiçoa. Eu ouço um baque sólido, e gemido de dor. Depois, silêncio.

Eu estremeço.

—Aqui estamos —, anuncia mãe, parando fora de um reboque indistinguível de todos os outros. —Lar Doce Lar.

Ela abre a porta, acende a luz, e entramos.

Eu a segui, fechando a porta atrás de mim, contente por estar fora da chura. Mas dentro, ainda está congelando.

—Oh, pelo amor de Deus! — Renee exclama. —Porra de aquecedor que fica desligando. Eu continuo pedindo-lhes para consertar isto. Mas é sempre “amanhã, amanhã, amanhã”. —Ela puxa a ficha e reinsere na parede. Um momento depois, o ar dentro começa a pulsar.

—Lilly, querida, venha aqui. Aqueça suas mãos. —Ela me leva pelos ombros e me coloca em linha direta com o calor. —Agora que você aqui apenas se aqueça, ok? Eu vou trocar de roupa. Eu vou lhe trazer algo quente para vestir. OK?

—Claro, mãe. Obrigada.

Ela deixa-me com um sorriso e vai para o outro quarto.

Eu recebo a minha primeira chance real para observar ao redor. O lugar é mais limpo do que eu esperava que fosse, mas não muito. Talvez seja porque há simplesmente tão pouca coisa.

Mamãe tem um futon desdobrável contra uma parede. A mesa de café raquítica na frente dela está cheia de revistas.

—Eu me pergunto... — Eu olho para onde mamãe foi, mas não vejo nenhum sinal dela. Vou até a mesa. Eu folheio as revistas, procurando, procurando, procurando. Então eu vejo.

Nós não somos a manchete principal, mas aqui está uma história de lado na primeira página. ***“Magnata industrial manchado por mulher misteriosa”*** —, dizia a manchete. Abaixo, um trecho de duas linhas:

“Mega Billionário Jeremy Stonehart corteja uma funcionária impressionante de sua empresa em meio a crescentes alegações de abuso de informação privilegiada e regulamentar incumprimento, apenas algumas semanas antes do IPO. Detalhes sobre a identidade da mulher, e sua vida amorosa chocante, na página 46.”

—Merda, — Eu amaldiçoo. Este é o tipo de coisas que eu estava encarregada de manter o silêncio. Eu olho para a data do canto superior da revista. É de... Jesus, é desta manhã!

Sento-me e passo através das páginas, e paro na 46. E ali, sorrindo para mim, estão as fotografias que Jeremy alegou ter recuperado de quem me seguiu até o café.

Eu faço a varredura do artigo. Não há nada de alarmante lá. Apenas a hipérbole regular, infundada de que é tão típico destas publicações. No entanto, quando eu viro a página para continuar a leitura, o meu coração balança.

Tomando uns bons dois terços da página estão as fotografias tiradas de mim e Jeremy em nossas férias. As que Hugh me deu. As que não estavam no envelope que Jeremy me entregou no final do dia.

Sinto-me doente. Nauseada. A sala começa a girar. Eu tenho que agarrar os lados da mesa de café para impedir-me de deslizar para longe de mim.

Jeremy mentiu. Essa é a única explicação que posso pensar. Ele mentiu. Eu não estava ficando louca. Ele apenas... Plantou as coisas para torná-lo parecer assim.

De que outra forma eu explicaria as fotografias? E as de nós nos beijando na praia? E as de nós no iate? As que Hugh entregou a mim?

Eu ainda não consigo explicar o vídeo. Mas a memória de segunda-feira se repete, mais forte do que nunca agora. Hugh não foi uma invenção da minha

imaginação. O colar que ele tirou de sua mesa não foi um sinal de me quebrar. Foi tudo real. Aconteceu. Eu tenho certeza disso. Ainda me lembro claramente, enquanto a falsa memória que veio de tudo o que eu vi na fita é distorcida, desaparecendo. Como uma dica de um sonho ou uma simulação programada.

Algo modesto... Algo profundamente desconfiado... Está acontecendo dentro das Indústrias Stonehart. Jeremy está no centro do mesmo. Mas, de alguma forma, eu me tornei envolvida também. É algo de sua vingança passada para mim. Hugh era real. Estas fotografias são a prova! Elas têm que ser. Mas Jeremy queria que eu acreditasse de outra forma.

Oh meu Deus. Eu quase bato em minha cabeça enquanto eu percebo o quão estúpida eu fui. Jeremy não me deixou encontrar minha mãe pela bondade de seu coração. Ele fez isso para eu ficar longe da empresa! Um jeito de me afastar das Indústrias Stonehart, enquanto ele fazia... seja o que for que ele estava querendo fazer.

A menos que... Oh, Jesus, a menos que Jeremy vazou essas fotografias para a imprensa. Eu me recuso a acreditar que um homem obcecado como ele com a privacidade seria descuidado o suficiente para deixar um fotógrafo tão perto de sua ilha. Não há nenhuma maneira que poderia ter acontecido. Não sem o seu conhecimento. De jeito nenhum.

Eu me sinto mais perdida agora do que eu já estive. Eu estou enroscada em algo muito maior do que eu mesma. Quão profunda é essa sede de Jeremy por vingança verdadeiramente? Tudo o que aconteceu comigo tem base apenas na descoberta do que Robin fez... ou há mais, muito mais, aqui no trabalho?

Eu sei de uma coisa. Eu não vou obter respostas de longe. Eu preciso voltar para a Califórnia, de volta a Jeremy Stonehart, o mais rapidamente possível. O tempo para a diplomacia é longo. O tempo para demandas é agora. Eu preciso ir para Jeremy e exigir respostas. Ele alega que me ama? Ele pode prová-lo em seguida. E se me mandar embora foi sua tentativa equivocada de me proteger, em proteger-me de tudo o que está acontecendo dentro das Indústrias Stonehart?

Não. Eu paro. Eu não posso esquecer-me. Nem posso esquecer o homem que eu estou lidando. Ele é Jeremy Stonehart, e Jeremy Stonehart nunca erra. Ele não calcula mal. Ele não faz nada que jamais possa ser chamado de "equivocado".

Talvez... Talvez começando a pensar nele como “Jeremy” foi o maior erro que eu já fiz. Isto personifica um monstro. Isso me fez esquecer. Fez-me subestimar.

Eu não posso ser burra o suficiente para dar a Jeremy, -ou Stonehart, - essa vantagem.

—Lilly? — Minha mãe grita. Ela surge do quarto, segurando uma pilha de roupas. —Eu não estava tenho certeza do que você gostaria, ou o que serviria.

—Mãe, — eu a cortei, fechando a revista, e levantando-me. Vou sair amanhã, não há mais tempo a perder. —Nós precisamos conversar sobre Paul.

Capítulo Quatorze

Pelo que me lembro, Renee não era boa em lidar com temas desconfortáveis.

Ela finge ignorância. —Paul?—, Pergunta ela, amassando sua testa. —Quem é Paul? Você não quer dizer Paul, Paul, não é? —Ela dá uma risada forçada. —Eu nem sei como você se lembra dele, Lilly. A última vez que o viu, foi há muito tempo...

—Eu sei que ele é meu pai —, eu digo em voz baixa.

Mamãe estaca. Por um segundo, ela parece a ponto de tombar.

Em vez disso, ela simplesmente dá um passo para o lado e afunda contra a parede. —Oh, Deus—, ela respira.

Uma onda de excitação é executada através de mim. Eu sei que é provavelmente errado, mas sua reação confirma a identidade do meu pai. A sombra de dúvida persistente é moldada da minha mente.

Ela encontra os meus olhos, então, de repente, parece mais impotente do que eu já vi. Isso me faz quer correr e confortá-la. Mas... não posso.

Nós duas somos adultas. Precisamos nos tratar como tal. Mais do que isso, mais do que adultas, nós somos praticamente estranhas. Nós mudamos tanto que poderia muito bem estar a partir de zero. E com esta revelação, é exatamente onde estamos.

Ela empurra contra a parede e vai embora.

—Espere, — eu digo. —Onde você está indo?

—Preciso de um cigarro —, ela murmura. Ela se curva sob a pia da cozinha, e ressurge com uma caixa de cigarros, uma garrafa mais leve... E uma fechada de Johnny Walker.

—Eu me prometi a mim mesma que não o faria —, ela diz baixinho. —Esta foi à última garrafa que eu comprei. Eu jurei que se eu pudesse mantê-la em casa e não tocá-la... Eu saberia que eu ficaria limpa.

Ela ri. Sua mão está sobre o gargalo, tremendo. —Eu consegui isso por três anos, Lilly. Talvez eu estivesse apenas guardando para um momento como este.

Meu instinto se aperta. Eu não quero ser a razão pela qual ela vai quebrar sua sobriedade.

Ela quebra o selo antes que eu possa dizer. Todos os seus movimentos são tensos e nervosos. Ela pega um copo alto, e todas as lembranças de cenas exatamente como estas, da cozinha de nosso apartamento, volta correndo.

—Mãe, espere —, eu digo. Eu procuro desesperadamente por algo para distraí-la. — Espere. Aqui. Por que você só não... Só não pega um cigarro em primeiro lugar?

—Hah! — Ela late uma risada. Os olhos estão colados na garrafa. Eu posso ver a luta interna em desdobramento nas expressões mutáveis de seu rosto. —Pegar um cigarro, você disse? Eu nunca pensei que iria ouvir essas palavras de você. Você sempre foi muito determinada sobre uma vida mais saudável. —Ela enche as palavras com um toque de desprezo, mas eu acho que é apenas para mascarar a inveja. —Largue um mau hábito, e pegue outro, estou certa? — Ela escolhe o copo e coloca o lábio sobre o vidro.

Não. Peço na minha cabeça. Não, não, não.

Eu nunca seria capaz de viver com a culpa de saber que eu empurrei minha mãe de volta para o alcoolismo. Lentamente, ela inclina a garrafa. Começa a cair. E então, no último segundo, empurra sua mão para os lados sobre a pia, e joga todo o álcool no ralo.

Ela olha para a garrafa vazia, completamente impassível. —Ou talvez—, ela diz: — Eu estivesse guardando para fazer isso.

Com um movimento rápido, ela atira o recipiente de vidro no lixo. Ela agarra os cigarros e caminha de volta para mim, se senta, e acende um.

—Não me julgue —, avisa, em seguida, inala profundamente. A fumaça parece acalmá-la um pouco. Ela fecha os olhos, dá mais uma tragada profunda, saboreando-a antes de deixá-la de lado. Em seguida, ela se inclina e olha para mim.

—Então, — ela suspira. —Paul.

—Sim —, eu digo. —Paul.

—Seu pai —, sua boca se torce. —O que ele diria, se ele me visse agora... Há quanto tempo você sabe? É por isso que você veio me encontrar? Espere —, Renee mantém-se na mão. —Não responda a isso. Deixe uma mãe acreditar que era apenas da bondade de seu coração.

—Eu o conheci... Há um mês ou assim, — eu digo. —E não. Não é por isso que eu vim. Eu vim para consertar as coisas. Para fazer as pazes. Para dizer... —Eu desvio os olhos. —Para dizer a coisa que eu disse a você lá atrás.

Renee me olha. Ela olha para o cigarro, faz um som de desgosto, e o apaga contra a mesa de café. Então ela olha para mim, os olhos cheios de calor, e ela sorri.

—Dizer que você me ama?

Eu dou um aceno.

—Você não sabe o quanto isso significa para mim —, ela admite. Ela se senta, e de repente se torna muito mais profissional. —Então, Paul. O que você quer saber?

—Ele é... realmente meu pai? — Eu digo. Eu sei por que ainda me pergunto sobre isso. Mas eu preciso da confirmação verbal da única pessoa no mundo que eu confio para me dar essa resposta.

—Sim —, diz ela. —Ele realmente é o seu pai.

—Então por que... por que você me disse todas aquelas coisas horríveis sobre ele? Após vocês dois terminarem? Quer dizer, eu tenho minhas teorias...

—Você tem suas teorias. — Ela ri. —Essa é minha Lilly. Sempre tão analítica. Aposto que você serviu bem em Yale, hein? —Ela acrescenta casualmente.

Eu paro. —Espere. Você sabe?

—O mundo inteiro sabe, querida. — Ela procura no meio de suas revistas e encontra o que eu estava olhando mais cedo. Ela atira para mim. —Aqui. Continue. Dê uma olhada. Essa tem praticamente tudo sobre você. Eu estava esperando que você mesmo me dissesse, para que eu pudesse dizer como estou orgulhosa de você. Mas, uma vez que nós estamos compartilhando segredos... —Ela encolhe os ombros.

Deixo a revista fechada. —Eu já vi a história. Sinto muito por não ter te contado sobre Yale, mamãe. Mas eu saí há muito tempo atrás... então muita coisa aconteceu desde então... isso simplesmente não parecia tão importante.

—Não é tão importante? — Ela zomba. —Imagine a conversa no trabalho: “Oh, Renee. Eu ouvi que a sua filha vai se formar na Ivy League este ano, não é grande coisa, certo?”

Ela olha para mim... esperando... E então ela começa a rir.

A tensão escorre para fora de mim. —Você está brincando?

—É claro que eu estou brincando! Eu estou tão orgulhosa de você! Só de pensar, minha filha, um graduada da Ivy League, e agora ligada a um certo Jeremy Stonehart? Você tem todo o seu conjunto de vida. E eu? —Ela olha para baixo, para si mesma. —O que você deve pensar de mim. Que exemplo eu sou, hein?

—Mãe, não —, eu digo. —Eu não estou aqui para isso.

—E eu estou mudando de assunto como de costume. Voltemos para Paul. Certo? Para o seu pai? A razão que eu disse a você aquelas coisas sobre ele, Lilly, é por que... porque ele me machucou. Eu estava chateada e com raiva. Você não compreende. Como você pode? Você ainda não experimentou o sofrimento do tipo...

Ela pra e olha para mim. Uma sobrancelha sobe. —Ou, você experimentou? Eu espero que essa não seja a razão pela qual você apareceu. Você e Jeremy Stonehart, você ainda é...

—Estamos juntos —, eu digo secamente.

—Onde ele está? Ele está aqui com você? Tenho de encontrá-lo? —Ela late uma risada áspera. —Ok, certo. Como se você tivesse que me apresentar a alguém como ele.

—Não é isso, mãe —, eu digo. —Jeremy está na Califórnia. Trabalhando. Onde eu deveria estar. Na verdade, você e eu não temos muito tempo. Eu vou voltar amanhã.

—Amanhã? Mas você acabou de chegar! Nós temos cinco anos para recuperar, Lilly. Eu não sei o que você tem feito, como você está, além das histórias que foram impressas esta semana. Mas você me disse para não confiar nelas...

—Você não deveria —, eu digo. —Eles sempre colocam coisas fora de proporções. Espere até você ouvir isso de mim.

—Eu estou aqui, não estou? Estou ouvindo? Isso é o que estamos fazendo. —Ela suspira. —Mas eu acho que você quer saber mais sobre seu pai. Sobre Paul?

—Sim —, eu digo. —Por que ele a deixou depois que eu nasci? Como é que ele nunca apareceu?

Renee exala. —Drogas —, diz ela. —Ele estava sempre perseguindo drogas. Eu pensei que eu poderia mudá-lo. Eu pensei que eu poderia consertá-lo, ajudá-lo a se curar. —Ela dá uma triste risadinha e sacode a cabeça. —Como todas as mulheres fazem quando elas são jovens, apaixonadas, e não conhecem nada melhor. Homens não mudam, Lilly. Se há uma coisa que você pode aprender com a minha vida lamentável, é isso. Deus sabe que me levou muito tempo para descobrir isso eu mesma.

—E... Onde ele foi, depois que eu nasci?

Renee faz um movimento vago com a mão. — Em algum lugar. Eu não sei. Eu não fiquei de olho. Na verdade, eu pensei que era melhor para nós termos uma ruptura limpa. Quando fiquei grávida de você, Lilly, eu esperava que uma criança pudesse nos unir. Eu esperava que você fosse motivo suficiente para ele mudar. —Ela olha para o lado, na parede oposta. Posso vê-la lutando contra as emoções que ameaçam invadí-la.

—Eu era estúpida —, ela anuncia finalmente. —Estúpida e errada. Não há mudança para homens assim.

—E depois? —, Eu sondo suavemente. —Como vocês... voltaram a ficar juntos?

—Ele nos encontrou —, diz ela com um suspiro. —Alegrou que tinha se limpado. Disse que não conseguia parar de pensar sobre, -bem, sobre você. Sobre a família que deixou para trás. Ele me pediu para lhe dar uma segunda chance.

—E você o fez? —, Pergunto.

—Não —, ela diz. —Não de imediato. Eu ainda estava desconfiada. Eu queria que ele provasse a sua dedicação. Mostrasse que não queria que você sofresse do jeito que eu tinha. Ele pediu para vê-la. Eu disse não. Ele nos deixou

uma vez, me deixou sozinha para criá-la. Ele apenas pensou que poderia aparecer nove anos depois e voltar para a nossa vida como se nada tivesse dado errado?

—Espere, nove anos? — Pergunto. —Eu me lembro daquele verão em sua cabana. Eu tinha doze anos!

—O que, você acha que eu o deixei voltar imediatamente? De jeito nenhum. Eu simplesmente não podia perdoá-lo assim. —Ela estala os dedos. — Não importa o quanto, por dentro, eu quisesse —, acrescenta ela suavemente.

—Então você o fez esperar três anos? — Eu pergunto, incrédula. Isso é novo para mim. Eu tinha assumido, pelo que Paul disse, que aconteceu de imediato.

—Eu não sei se você se lembra, mas eu estava com outro cara no momento —, diz ela. —Qual era o seu nome? Harry, Henry, Hank... Algo assim. —Ela ri, olha para os restos mortais de seu cigarro, encolhe os ombros, e pega mais um da caixa. Ela o acende. —Que exemplo eu sou. Sua mãe, a prostituta.

—Mãe! — Eu exclamo. —Não diga isso.

—Por que não? — Ela pergunta. —É verdade, não é? Quantos homens você já me viu trazer para casa naqueles anos? Não, não, não responda. Mas não finja que não afetou você. Alguma impressão isso deve ter feito. Eu vim a um acordo com a maioria das coisas na minha vida. Sobriedade... Me forcei a enfrentar todos eles. Eu não consegui esconder mais de mim mesma. A única coisa que verdadeiramente me arrependo, e isto vem do coração, Lilly-se o quão mal eu deixei as coisas com você.

—Não —, eu digo. —Mãe, não foi sua culpa. Isto...

Ela franze o cenho para mim, mostrando o seu ceticismo.

—Isso não foi inteiramente culpa sua, — eu continuo. —Eu joguei minha parte, também.

—Você se lembra das brigas que nós tínhamos? — Ela pergunta. A ponta do cigarro fica brilhante quando ela respira através dele.

—Qual delas? — Pergunto com um sorriso torto.

Ela ri. —Havia um monte, não havia? Sinto muito. Eu sei que foi, oh, esta é a sua palavra favorita, irresponsabilidade da minha parte. Não, o que eu

estou falando é a nossa primeira grande. Aquela que a fez fugir de casa. Aquela em que você disse que não iria continuar a trabalhar.

—Aquela em que eu disse que você deveria parar de beber —, acrescento eu suavemente.

—Sim —, ela concorda. —Aquela. Levei muito tempo para trabalhar até a coragem de aceitar as coisas que você disse-me então, Lilly. Eu sabia que você estava certa. Mas eu não poderia enfrentar a realidade até que você me deixou. Isso foi quando eu senti que eu tinha realmente te perdido. E eu sabia que era a minha própria culpa.

—Mãe, olha, — Eu começo, torcendo minhas mãos. —Eu sei que eu disse algumas coisas naquela noite. Coisas que eu lamento. Coisas que eu provavelmente não deveria ter dito. Elas vieram de um lugar de raiva. Mas eu não... Eu nunca... eu nunca odiei você. —Eu dou um sorriso fraco. —Apesar das minhas palavras de despedida.

—Não —, ela diz. Seus olhos perfuram em mim com uma intensidade súbita. —Não se atreva a pedir desculpas, Lilly Ryder. Tudo o que você disse naquela noite era a verdade absoluta. Era a chamada para eu acordar que eu precisava, mesmo se levei mais alguns anos para aceitar.

—Mas não, — ela continua. —A primeira briga foi quando eu realmente comecei a me questionar. Eu mantive o seu pai longe de você porque eu não queria que você se machucasse da maneira que eu fiz. Mas e se eu era a causa de sua dor? E se eu era a razão para o seu sofrimento? E se eu infligi todas as coisas para você que eu tentei lhe proteger?

—Mamãe...

—Não me corte, Lilly,— ela diz. —Se nós estamos tendo uma conversa de coração para coração, esta é a maneira de fazê-lo. Somente ouça enquanto falo. Eu fiquei acordada a noite toda chorando na primeira vez que você me deixou. Eu jurei que se eu alguma vez visse você novamente, eu largaria a bebida.

Ela inala mais uma vez. —Claro, isso não aconteceu. Na manhã depois que você voltou, eu acordei, e o que foi que eu fiz? Eu derramei uma dose de vodca no meu expresso. Eu me odiava então, Lilly. Ah, como eu detestava o que eu havia me tornado. Eu era fraca, tentada, e frágil.

—Talvez a verdadeira razão de eu não cumprir minha promessa foi porque você voltou tão cedo, porque eu tive você de volta tão facilmente. Eu não tinha que mudar se eu quisesse vê-la novamente. E assim, eu não fiz.

—Mas essa promessa quebrada, não dita a ninguém, não é conhecida por qualquer outra pessoa, apenas eu... Isso me marcou. E doeu. E consumiu minha mente: meu fracasso, o meu fracasso, o meu fracasso.

—Eu não tinha passado para abordar a realidade. Eu podia ver a hipócrita que eu me tornei. Eu mantive seu pai afastado de você, a privei de crescer com um pai, tudo para quê? Para me tornar alguém como ele?

—Não. — Ela para e seus olhos assumem um olhar distante. —Não alguém como ele. Alguém pior. Seu pai, ele usava drogas. Mas ele podia... ele podia controlar seus desejos. O “viciado funcional”, não é esse o termo que eles usam nos dias de hoje? E eu... eu era exatamente o oposto.

—Mas você não é mais! — Eu digo com a voz rouca. Eu sorrio.

—Não —, ela concorda. —Mas o dano já havia sido feito. Eu sei que arruinei sua adolescência, Lilly. Esses anos que você nunca poderá ter de volta. As coisas nunca deveriam ter se deteriorado no que se tornou. E quem detém a responsabilidade final? Eu faço. Eu estou apenas chocada, espantada, realmente, com tudo que você conseguiu realizar. Tudo o que você conseguiu fazer, apesar de sua educação. Quero dizer realmente, Lilly: Yale? Isso é quase inacreditável. Inferno, para ser honesta —, ela me corrige com um de seus olhares, — Eu não sei se teria acreditado em você, se tivesse vindo para mim hoje e me dito isso, se eu não tivesse visto em uma revista.

—Obrigada por ter fé em mim, mãe —, eu digo secamente. Então eu pisco.

Ela ri. Em seguida, ela para, pisca, e diz: — Deus, é bom rir. Especialmente porque eu estou fazendo isso com você.

Esse sentimento aquece minhas entranhas. Esta é a mulher que eu desprezava por tanto tempo? Esta é a mulher por quem eu tenho realizado tanto desprezo?

Mal posso acreditar no quão estúpida eu fui. Eu não podia ver pelos meus próprios esforços pelo olhar dela. Tudo que eu podia ver era o alcoolismo. Eu nunca sequer tentei entender a mulher,- a pessoa por trás disso tudo.

E, por isso, eu realmente sinto tanto. Mas eu já sei bem o que é viver com pesar. Estou feliz que finalmente ganhei força para encontrá-la, vê-la, e para deixar o passado onde ele pertence.

—Já tive o suficiente sobre isso —, eu digo. Eu comecei a outra coisa que eu precisava dela: confirmação. A confirmação de que a história de Paul confere. Agora eu sei que ele estava dizendo a verdade, e que Jeremy não criou tudo para me enganar.

Se eu pudesse dizer o mesmo sobre Hugh.

—Como tem passado, mãe?

—Oh, você sabe. — Ela dá de ombros, indiferente. —Estou bem, eu acho.

—Eu vi você no trabalho mais cedo, — eu digo. —Você é dona do lugar.

—O que, você não acha que eu tenho capacidade?

—Não, não—, eu recuo. —É apenas...

—Lilly. Relaxe. Eu estou brincando com você. Nada que você pudesse dizer poderia me chatear. Você não sabe como estou grata só por te ver novamente. Isso ainda parece um pouco surreal, como uma espécie de sonho, de tê-la sentada aqui no meu trailer.

—Bem, eu não sou nenhum milagre —, eu digo com um sorriso. —Sou muito real. E eu estou realmente aqui.

—Eu tenho trabalhado aqui por quase um ano—, diz ela. —É bom. É estável. Os clientes não são muito maus. Há alguns regulares que bem... —ela pisca. —Eu agradeço alguns deles com minha própria maneira especial.

—Mamãe!

—O quê? Você não acha que eu ainda tenho isso em mim? Da última vez que verifiquei, eu tenho mais ou menos a mesma idade que o homem que você está atualmente envolvida, e não vejo você duvidar de sua capacidade sexual...

—Eu não quero falar sobre sua vida sexual, mãe! — Exclamo. —Ou a minha.

Seus olhos brilham. —Então ele é bom? Quer dizer, eu diria assim... um homem com tanto carisma, tanto poder. Como é que vocês dois se encontraram, querida? Você ainda não me disse uma única coisa sobre Jeremy.

—É uma longa história —, eu digo, e lanço a mesma mentira praticada que Jeremy e eu inventamos para Thalia e Fey.

Capítulo Quinze

As horas passam. No momento em que termino de falar, o sol está começando a subir.

Estou exausta. Ver a minha mãe e reconectar-me com ela em um nível pessoal não seria possível há alguns meses. Mas, novamente, tantas coisas aconteceram comigo desde então que toda a minha visão do mundo agora é diferente.

Eu costumava pensar que havia pessoas ruins e havia pessoas boas no mundo. Que havia tal coisa como pessoas más fazendo coisas boas, ou pessoas boas fazendo coisas ruins. As coisas que você fazia que a definiu como uma pessoa, e assim suas ações eram a verdadeira medida do seu valor.

É certo que foi uma visão muito estreita do mundo. Mas ela me ajudou a mergulhar na faculdade a tempo suficiente para terminar onde eu queria estar. E, em seguida, Jeremy veio... E tudo isso mudou.

Apesar de todo o mal que ele fez para mim, eu não posso mais negar o bem. E eu não preciso. Eu não tenho mais medo.

Jeremy abriu meus olhos para a verdadeira natureza do mundo. E qual é essa natureza? É indefinível. As suas constantes mudanças, seus constantes fluxos, e nunca, jamais, o que você espera. Para tentar colocar o dedo sobre isso seria como tentar parar um rio com nada mais do que um punhado de galhos.

Isso não pode ser feito.

Mas esse não é o ponto. A questão não é tentar entender e definir algo muito maior do que você mesmo. O ponto é reconhecer o seu lugar no mundo, perceber o quão pouco você realmente sabe, e fazer as pazes com esse entendimento.

As pessoas vão surpreendê-lo. Eventos e circunstâncias irão surpreendê-lo. A única maneira de estar pronto para isso é se tornar infinitamente mutável. Avançar no caminho trilhado. Confiar em sua capacidade de perder a si mesmo e aceitar, uma vez que você desvie do curso.

Porque a estabilidade, verdades e expectativas? Elas não são mentiras, exatamente, mas nunca mais são a ancora que você quer que elas sejam.

Jeremy me mostrou isso. Ele me mostrou que o perdão é possível. Minha mãe e eu somos os exemplos mais recentes. Parecia inconcebível para mim que eu estaria deitada, prestes a adormecer, sob o mesmo teto que ela, depois de ter feito as pazes... Se você tivesse sugerido isso para mim enquanto eu ainda estava em Yale.

Mas aqui estou eu, prestes a fazer exatamente isso. Ela me deu sua cama, apesar de todos os meus protestos. Mas eles foram fracos, na melhor das hipóteses, porque eu estava cansada quando finalmente chegou a hora de encerrar a noite. Amanhã, quando eu acordar, - ou que o dia me reservará quando eu acordar -Estarei voltando para Jeremy. Eu vou voltar para Jeremy, com pleno controle e confiança em minha mente. E lá, eu vou exigir respostas dele: sobre Hugh, sobre o vídeo, sobre seu motorista. Vamos ver o que ele vai me mostrar, então.

Capítulo Dezesseis

Quando eu acordo, minha mãe já tinha saído. Eu encontrei um bilhete dela na cozinha:

O bolo de carne está na geladeira.

Eu sorrio. Tem sido um longo tempo desde que ela se importou o suficiente para me alimentar em casa.

Eu olho através de uma janela. Está escuro lá fora. Uma recém-caída neve branca e macia cobria tudo.

Isso me faz pensar nos feriados, mesmo que eles estejam no passado. Por alguns momentos nostálgicos, eu relembro sobre os Natais de minha infância.

Essas são lembranças que eu não recordei em um longo tempo. Boas lembranças, da minha mãe e eu. Não importa o quão pobre nós éramos, não importa o quanto ela lutou apenas para colocar comida na mesa, nunca senti isto. Não como uma criança. Todo Natal, ela me deliciava com caixas de chocolate que eu devorava e, às vezes, outras bugigangas para me deixar saber que ela se importava.

Elas não eram caras. Não tinham que ser. Para uma criança, cada presente no Natal parece um pequeno milagre. Mamãe nunca me privou disso.

Não até que o álcool tomou conta de sua vida, pelo menos.

Mas nós mudamos o passado agora. Ela está sóbria, que é uma revelação que eu nunca teria acreditado. Eu testemunhei quando ela derramou o Johnny Walker no ralo. O licor ainda tem sua atração sobre ela. Eu vi sua luta para jogar fora diante de mim. Mas ela foi capaz de resistir. É preciso ter força. Força real, do tipo que eu não sabia que Renee possuía.

Eu viro as costas à janela e olho sobre sua pequena habitação. Eu moro em uma enorme mansão, enquanto ela vive... nisso?

Eu poderia lhe dar algum dinheiro? Será que ela aceitaria? Ou...

Eu paro, e admiro a direção que meus pensamentos giraram em descrença. Eu estou na minha posição nas Indústrias Stonehart há menos de

duas semanas. Eu tenho sido a destinatária de uma renda real por menos de duas semanas. Não que eu tenha até mesmo checado as contas bancárias que Jeremy abriu para mim depois que eu assinei a oferta de emprego. Eu não tive tempo. Ainda assim, é surpreendente pensar que eu tenho o suficiente dinheiro para considerar a oferta de uma parte com a minha mãe.

Mas eu realmente quero envolvê-la em qualquer coisa que tenha a ver com Jeremy Stonehart? Não. Ainda não, pelo menos. Ainda é muito cedo para considerar fazer isso. Inferno, eu nem sei onde eu estou com ele. Ou como na terra eu vou chegar à Califórnia sem ter que engolir meu orgulho e dizer-lhe que fui roubada.

Essa é uma conversa que eu quero adiar pelo maior tempo possível. Tremo só de pensar nos danos que vai fazer a sua impressão sobre mim.

Mas eu não posso me permitir ser infantil. Minha necessidade de voltar para a Califórnia domina tudo. A necessidade de me vingar, para ver Jeremy pagar pelas coisas que ele fez para mim não foi esquecida.

No entanto, o problema é: eu posso sentir esse desejo se esvaindo. Conto com Jeremy para praticamente tudo na minha vida. Se eu, de alguma forma, trazê-lo para baixo, o que me resta?

Não! Eu balancei minha cabeça freneticamente para dissipar a noção. Eu sou uma sobrevivente. Sempre fui, sempre serei. Eu vou encontrar o meu caminho. Eu não acabei de provar isso com a minha mãe? Eu só preciso confiar em mim mesma para acreditar... Em minhas próprias habilidades... Suficientes para superar qualquer fraqueza que eu permiti em minha vida desde o telefonema divisor de águas de Fey. Certo, eu perdi alguma confiança em mim mesma. Mas eu acho que, finalmente, isso está voltando.

Eu olho em volta mais uma vez. Hoje já está perdido. A julgar pelo relógio, eu dormi por cerca de 10 horas. Amanhã, então, eu vou ligar para Jeremy e pedir um voo de regresso. Isso mantém esta viagem no seu original, no calendário previsto, dessa maneira. E não me sentiria bem em simplesmente deixar minha mãe sem dizer adeus.

Eu poderia não estar pronta para dar-lhe dinheiro. Mas eu com certeza posso surpreendê-la com algo que eu costumava fazer o tempo todo.

Eu posso arrumar seu lugar.

Quando terminei, seis horas se passaram.

Eu limpo o suor e olho ao redor com satisfação. Quando mamãe chegar em casa, ela não vai reconhecer o lugar.

Está impecável. Tudo está em ordem, desde a sala, o banheiro e a pequena cozinha. Eu espanei e aspirei e lavei o chão. Eu trabalhei para tirar as velhas manchas no tapete, limpei o pó das telas nas janelas, e lavei os balcões. Dobrei as roupas dela, as empilhei em pilhas e organizei seu armário. Esfreguei a banheira e tentei desinfetar o balcão do banheiro com bicarbonato de sódio e vinagre.

Era bom limpar. Perder-me no trabalho estúpido me manteve ocupada. Talvez seja porque isso desviou minha atenção de assuntos mais urgentes, ou porque eu tenho simplesmente sido privada da oportunidade de fazer algo assim. Com Rose cuidando de todas as necessidades domésticas na mansão, nunca tinha sido dada a oportunidade.

A única coisa que resta é levar o lixo para fora. Eu puxo o saco de lixo transbordante de baixo do balcão, laço o saco e o retiro. Algo escondido por trás dele me chama a atenção.

Eu me ajoelho. Encravado atrás da lata de lixo em um canto discreto escuro está uma velha caixa de chocolate de papelão, sobre o tamanho de um pequeno caderno. Há um elástico em torno dele que me diz que não é algo que só caiu do lixo. É algo que a mãe escondeu.

Eu a levo para fora. Há uma camada de pó em cima. Eu sopro a poeira, em seguida, aperto a caixa suavemente, tentando julgar o conteúdo. O que está dentro não é muito pesado. Fotografias, talvez?

Eu mordo meu lábio. Eu sei que eu provavelmente não deveria... Mas a curiosidade leva a melhor sobre mim. Eu deslizo o elástico fora, lentamente, e levanto a tampa.

O que eu acho não supera todas as minhas expectativas.

A caixa está cheia de... Todo meu material escolar. Boletins que eu tinha recebido na escola. Cópias dos boletins de notícias que anunciavam os estudantes do quadro de honra. As medalhas e as fitas que eu tinha sido premiada nas feiras de ciência, competições de matemática. Tarefas e testes do meu segundo ano, anos júnior e sênior com marcações de 100%, 98%, A +, e assim por diante.

Na parte inferior está uma única fotografia. As cores estão desbotadas, e as bordas são dobradas. Existem três pessoas lá, duas das quais eu reconheço de imediato.

Minha mãe. Sorrindo como uma louca do banco de trás de um carro. Meu pai, Paul, com sua plena barba de lenhador, com um braço em volta dos ombros de Renée, e sua atenção sobre o pacote pequeno em suas mãos.

Esse sou eu. Apenas o topo da minha cabeça é visível, que espreita para fora sob um excessivamente empacotado, minúsculo corpo.

Uma lágrima cai dos meus olhos. Ela cai bem no meio da fotografia. Corro para limpá-la com o polegar, não querendo arruinar algo tão precioso.

Eu cimento a fotografia em minha mente e a abaixo, delicadamente, para a parte inferior da caixa. Ver essa fotografia significa muito para mim. É um momento da vida que nunca passou.

Meus pais, ambos parecem tão jovens, tão... felizes. Paul... Não! Eu não posso pensar nele como Paul, não mais. Não depois de ver essa imagem. Meu pai... Eu só posso sentir o orgulho irradiando dele, congelado nesse momento no tempo. Talvez eu esteja sendo estúpida, ou sentimental, ou o que for, mas eu realmente acredito que eu posso ver o amor que meus pais tinham um pelo outro. Do jeito que meu pai segura a minha mãe, para o sorriso cheio de vida completamente aliviado e genuíno que ilumina seu rosto, e sim, até mesmo pela forma como ele olha mim, tudo... tudo cimenta as coisas, em minha mente.

Aqui está a família que eu poderia ter tido. Aqui está a vida que foi tirada de mim. Mas, não é mesmo sobre mim. Eu consegui. Eu sobrevivi.

Não, esta imagem é uma representação da vida que foi tirada dos meus pais. Do que eles deveriam ter vivido. Do que poderia ter sido muito melhor, para ambos.

Isso preenche meu coração com tristeza, como duas pessoas que estavam tão claramente apaixonadas um pela outra poderiam não fazer as coisas funcionarem. Não há terceiros para colocar a culpa. Eu não posso dizer que foi culpa de Jeremy, o qual foi à conclusão natural para quase tudo o que deu errado na minha vida recentemente.

Não, esta foto foi tirada antes da minha família estar no radar de Jeremy. Imagino. Se meu pai não tivesse saído, se ele nunca tivesse encontrado o seu

caminho para a Califórnia... Mas tais pensamentos são tolos. Eu não posso pensar em uma vida que nunca tive. Tudo o que posso fazer é focar no presente. Ter reparado as coisas com a minha mãe, -talvez não completamente, mas muito mais do que eu poderia ter esperado após um único dia juntos. Em seguida, eu tenho que virar o foco no meu pai.

O homem que conheci na instituição mental está muito longe da pessoa que eu vejo na fotografia. Eu não sei o quanto isso é culpa de Jeremy. Mas eu juro que vou chegar ao fundo da questão. Vendo a fotografia fez realmente isso afundar: Paul é meu pai. Agora, embora talvez não permanentemente, a mente de Paul está quebrada.

Pelo menos, eu posso manter a esperança de que não é permanente. Lembro-me do jeito que ele olhou para mim com absoluta lucidez quando ele recontou a história de nosso passado. Ele não estava louco, então. Ele não era louco, então.

Mas esse momento só veio depois que Jeremy deu sua permissão. E Paul conhece Jeremy como outra pessoa. Um médico. Por quê?

Eu ouço o chocalho da maçaneta atrás de mim e maldição. Eu tento encher todas as recordações da escola secundária de volta na caixa de chocolate, mas a porta se abre antes que eu possa. Uma corrente de ar frio bate no meu pescoço.

—Lilly? — Minha mãe chama, entrando e fechando a porta. —Uau, olha para este lugar. Você fez tudo isso enquanto estive fora? Você não deveria ter... —Seus olhos me encontram. Ela congela. —O que você está fazendo aí em baixo?

A voz dela é fria. De repente, eu me sinto tão culpada quanto uma criança pega com a mão no pote de biscoitos.

—Nada —, eu digo rapidamente, levantando-me e tentando esconder a caixa empurrando de volta com o pé. —Só tirando o lixo, mãe. Isso é tudo. —Eu tento mudar de assunto. —Você gostou do que eu fiz?

—Sim, está tudo muito bom —, diz ela. Ela estica o pescoço para um lado para tentar olhar ao meu redor. Eu fico de maneira a bloquear sua visão.

—Eu trouxe-nos alguns mantimentos no caminho de volta—, ela continua, ainda tentando ver o que é que eu estou obviamente, escondendo. É apenas uma charada. Nós duas sabemos claramente o que é. A pretensão da

conversa normal é apenas uma tática de atraso. —Eu não tinha certeza de quanto tempo você vai ficar, então eu tenho algumas coisas que costumava serem suas favoritas? Lucky Charms, muffins de blueberry —diga, o que é isso no seu pé?

—Nada —, eu digo rapidamente. Quando ela atravessa o espaço entre nós, eu mudo o meu tom. —Mãe, eu não estava tentando bisbilhotar, eu juro...

Ela se abaixa e pega a caixa. —Você achou isso—, ela diz baixinho.

Eu dou um aceno culpado.

—E você olhou dentro?

Mais uma vez, eu aceno.

—Oh, Lilly—, ela suspira. —Sinto muito. Eu não tinha nenhum direito...

—Espere. O quê? —Eu a cortei. —Do que você está falando? Por que você está se desculpando?

—Não é óbvio? — Ela pergunta. —Esta caixa pequena... está cheia de suas coisas. Coisas que você pretendia jogar fora, e provavelmente nunca quisesse ver.

—Eu não... Hã?

—Bem, você nunca as compartilhou comigo. Mas eu não podia simplesmente ver você jogar fora as suas realizações assim. Você viu o que está dentro. Coisas que eu encontrei nas pastas que você descartou, na reciclagem. —Ela cede para uma cadeira vazia. —Eu não sei o que você deve pensar de mim. Foi estúpido, Lilly. Mas eu queria compartilhar um pouco do seu sucesso, -mesmo que você não quisesse.

—Mamãe... —, eu digo. Eu estou sem palavras. Eu ando mais e me sento ao lado dela. Ela vira a cabeça para mim.

—A única razão que eu não as compartilhei com você era porque eu nunca pensei que você se importava.

—Eu sei —, diz ela. Ela enxuga uma palma em seus olhos. —Lentes estúpidas —, ela murmura. —Elas sempre provocam lágrimas no frio.

Eu sorrio e coloco minha mão em seu braço. — Mas você se importou —, eu digo.

—Sempre —, minha mãe responde. —Eu nunca parei de me preocupar com você, Lilly. Acabo de perder minha maneira de mostrar isso. —Ela dá um sorriso fraco. —Então eu fiz isso em segredo, escondido de você.

—Você não deveria .

—Eu sei. Mas eu fiz. E eu sinto muito.

—Então, o tempo todo eu pensei que você estivesse ausente, todos os anos na escola eu achei que você não se importava em estar a par do que eu fiz?

—Sim, claro —, diz ela. —E eu não poderia estar mais orgulhosa.

—E agora eu sei —, eu digo. Eu a abraço. —Obrigada, mamãe.

—Não, Lilly. Obrigada. Obrigada por ter voltado. Obrigada por me perdoar. Eu sei que tenho sido uma mãe de merda. Mas eu estou pronta para mudar isso, agora... —Ela para. E em seguida, termina numa voz baixa, —... se você me deixar?

—Sim, — Eu aceno. —Eu irei.

Abraçamos-nos novamente.

—Hey, — eu digo. —Eu encontrei outra coisa nessa caixa. Uma fotografia...?

—Sério? — Ela olha para mim. Espero o reconhecimento aparecer em seu rosto, mas permanece em branco. —De quem?

—Você e meu pai —, eu digo. —E eu.

Ela franze a testa, levanta a tampa, e olha através das fotos. Quando ela descobre a foto, ela a tira e murmura: —Oh, wow. Eu esqueci que eu ainda tinha isso aqui.

—Sério? — Pergunto.

Mamãe acena. —Realmente, realmente.— Ela dá uma risada rápida. — Olhe para todos nós. Tão cheios de vida. —Ela balança sua cabeça. —Se apenas...

—Você tem mais? — Pergunto. —Fotografias de você e papai?

—Se eu soubesse, eu teria lhe mostrado na noite passada. Não, Lilly, a segunda vez que me separei, eu sabia que era para o bem. Não haveria recuperação. Eu tive que limpar isso de minha mente. Todas as fotografias que eu tinha, eu queimei, ou joguei fora.

—Isso é compreensível... —, eu digo, tentando esconder a minha decepção.

—Não é não. É mais uma na longa lista de erros que eu fiz na minha vida. —Ela parece triste por um momento, mas então ela dá de ombros. —Ah bem. Conner me diz para viver no presente, não para ficar pendurada sobre o passado.

—Conner? — Pergunto. —Quem é Conner?

A mãe dá um sorriso irônico. —Meu atual namorado. Quem você acha?

Eu ri. —Eu não sei. Eu acho que é o que eu deveria ter assumido.

—Você não se importa conhecê-lo, não é? Eu meio que deixei escapar que você apareceu aqui ontem à noite. Ele estava muito ansioso para se apresentar.

Eu contorço no meu lugar. Depois de todas as minhas experiências passadas com namorados da minha mãe, eu não estava exatamente feliz com a perspectiva.

Mas, eu forço um sorriso. Isso é tudo sobre a reconexão, certo? —Claro —, eu digo, com os dentes cerrados.

—Oh, ótimo —, mamãe exala. Ela olha por cima do ombro e grita: — Conner? Você pode entrar agora, baby!

—O quê, agora? — Eu assobio. —Ele está aqui?

Ela dá uma tapinha no meu braço com carinho. —Ele me seguiu para casa. Não é fofo? Às vezes eu o chamo de meu filhote de cachorro grande.

A porta se abre. E entra o último homem que eu esperava ver.

Capítulo Dezessete

Eu fico ereta. —Você! — Eu grito.

Ele dá um passo para trás surpreso. — Eu? — Indo da escuridão para a luz, seus olhos não tiveram um oportunidade para se ajustar ainda. Ou talvez ele está apenas fazendo papel de bobo. —Baby-doll, esta é a sua filha?

—Lilly, o que deu em você? — Renee sibila. Ela puxa meu braço. —Sente-se!

—Não! — Eu digo, me afastando dela. —Mãe, este é o idiota que me roubou!

—Oh, merda —, murmura Conner. Ele fecha a porta e entra.

Renee se levanta, me impedindo de tentar atacar Conner. Eu estou pronta para arrancar seus olhos.

—Lilly, acalme-se! — Ela insiste. —Tem que haver algum engano.

—Oh não,— eu rosno. —Não há nenhum erro. O que esse ladrãozinho disse a você? Ele é um motorista de táxi, não é?

Mamãe faz um som de surpresa em sua garganta. —Como você sabia?

—Eu te disse! Ele me roubou! —Eu aponto meu dedo diretamente para ele. —Ele me levou para um motel, onde ele e seu amigo, provavelmente, levam todas as suas vítimas. Ele me distraiu para que eu saísse do meu quarto. Enquanto eu saí, seu amigo limpou o lugar. Ele até mesmo levou meu carro alugado!

—Lilly, querida, eu tenho certeza que tem de haver alguma explicação. — Mãe empurra o cabelo para trás. Tinha caído fora do lugar em sua briga comigo. —Talvez, talvez fosse algum outro motorista que você tomou. Talvez você esteja enganada.

—Mãe, eu posso ver o rosto dele! — Eu praticamente grito com ela. — Este é ele. Ele é o cara que me roubou! E você vai deixá-lo fazer isso comigo? — Eu dou um empurrão de volta, para fora de seu aperto.

—Olha, Senhoras — Conner dá um passo cauteloso em direção a nós, levantando as duas mãos. Ele olha para a minha mamãe. —Renee, baby, você sabe que eu não faria isso.— Ele tem a coragem de acenar para mim. —Estou sentindo um monte de tensão entre mãe e filha. Talvez seja apenas melhor se eu voltar outra hora.

—Você fica aí mesmo, Conner Partame —, diz a mãe, girando em torno e fixando-o com um olhar.—Você fica aí. Nós vamos resolver isso como adultos.

A ironia da situação não é perdida em mim. Mamãe, tentando brincar de pacificadora? Esse sempre foi o meu papel enquanto crescia.

Eu rosno.

—Lilly! — Mamãe sibila. —Comporte-se!

—Peça ao seu namorado para dar a minha carteira de volta—, eu respondo. —E a minha bolsa e meu celular, e minha chaves do carro...

—Chega! — Ela me interrompe. —Conner —, ela olha para ele. —Você roubou a minha filha ou não?

—Não, querida —, diz ele, dando-lhe um sorriso viscoso. —Você me conhece melhor do que isso.

—Você já roubou alguém na sua vida?

—Quer dizer, eu posso ter roubado algum dinheiro do almoço de algumas crianças, quando eu estava no colégio —, ele encolhe os ombros. — Mas não, eu não sou um trapaceiro.

—Pronto, Lilly. Vê? —Mamãe diz, voltando-se para mim. —Ele não fez isso.

Minha boca cai aberta em descrença. —Você está do lado dele?— Eu engasgo.

—Eu não estou do lado de ninguém —, diz ela, irritada. —Mas, se Conner diz que não fez isso, eu acredito nele. Ele é um bom homem. Um homem honesto, Lilly.

—Obrigado, querida.

—Não agora! —, Ela sussurra, e aborda-me mais uma vez. —Ele não iria se aproveitar de você assim.

Eu solto uma risada bruta. —Mãe, você está mesmo ouvindo a si mesma agora? Eu reconheço seu rosto. Ele é o homem que me levou para o motel. Ele é o único que eu vi esgueirando-se na frente da minha porta.

—E você o viu levar suas coisas, Lilly? Será que testemunhou fisicamente ele entrando em seu quarto e levando sua carteira e bolsa e as chaves do carro?

—Não! Mas esse não é o ponto! —Eu começo.

—Não. — Mamãe me corta. —Você vê? Você sempre fez isso para mim e para os homens com quem eu estava. Por que, Lilly? Por que você fez isso de novo? Conner é um cara bom. Ele cuida de mim. Ele traz dinheiro suficiente para que ele mesmo me ajude com a renda...

—Ao roubar uma mulher indefesa! — Eu grito com ela. —Explique-me: De que outra forma eu saberia que ele é um motorista de táxi? Você nunca mencionou isso uma vez!

—Oh yeah —, Conner interrompe. Nós duas nos voltamos a ele. —Sim, você sabe, eu pensei que você parecia familiar. —Ele dá de ombros para a minha mãe. —Os rostos, todos eles borram um pouco, sabe? Mas eu acho que eu me lembro de levar você para um motel a poucas milhas daqui.

—Pronto! Viu? Ele admite isso! —Eu grito para a minha mãe.

Conner inclina a cabeça de uma maneira. —Mas eu não a vi desde então. Inferno, se eu soubesse que você era a filha da minha Renee querida, eu nunca teria deixado você ficar naquele despejo. Eu teria trazido você direto para a sua mamãe.

—Não a chame assim! — Eu digo com nojo. —O que é isso, como um apelido sexual?

Ele me ignora. —Eu a avisei contra ficar lá, querida,— ele diz a minha mãe. —É tudo voltando para mim, sim. Eu disse a ela que era um lugar ruim. Eu não costumo fazer esse tipo de coisa para os meus clientes -não querendo, uh, invadir sua privacidade...

—Infringir, — eu o corrijo.

Ele olha para mim. —Huh?

Eu não suporto essa porra de mentira, desse idiota predatório e desprezível. —A palavra que você tentou usar? —Eu digo, levantando meu queixo, —Você quis dizer "infringir".

—Tanto faz. — Ele balança a cabeça. —Renee, querida, eu a adverti, porque eu tinha um mau pressentimento. Você sabe que meu instinto nunca erra. Eu me ofereci para levá-la para um lugar melhor, algumas saídas até a freeway. Mas ela era teimosa. Ela não queria ir.

—Essa é minha Lilly —, diz a mãe. —Ela sempre foi tão teimosa...

—Mãe, eu não posso acreditar que você está comprando essa merda! Ele nunca ofereceu para me levar em qualquer outro lugar. Ele sabia que ele estaria me levando para aquela sujeira!

—Agora, acalme-se Lilly. Isso não é verdade... —, ele começa.

—Não! — Eu digo, fazendo outra tentativa de ir para ele, e sendo bloqueada mais uma vez pela minha mãe. —Não, você não tem que me chamar pelo meu nome!

Ele segura as mãos para cima novamente. —Minhas desculpas.— Ele se dirige a minha mãe. —Mas ela é um pouco mal-humorada, não é?

—Conner, eu sinto muito —, diz Renee. —Eu não sei o que deu nela. Talvez você estivesse certo. Talvez você devesse dar-nos um pouco de espaço.

—O que você quiser, querida, eu obedeço —, diz ele, cabisbaixo. —Eu vou esperar lá fora no carro.

— O que você quiser, querida, eu obedeço, — Eu resmungo atrás dele. Ele fecha a porta, e é só eu e minha mãe dentro.

Ela se vira para mim imediatamente. —Realmente, Lilly—, ela me condena. —Realmente? Quero dizer, realmente?

—Realmente o que, mãe? — Eu a desafio, dando respirações profundas para evitar atacá-la.

—Realmente, estamos de volta a isto? Para todos estes jogos juvenis de novo? Deus, parece como se estivesse na escola.

—Você está completamente cega para a verdade,— Eu começo levemente —, que esse homem que você está namorando é um ladrão, criminoso golpista?

Mamãe joga as mãos para cima. —E lá vai você mais uma vez —, diz ela. —Sempre me acusando de fazer algo errado. Você está com ciúmes, Lilly? É isso? Porque você viu uma foto minha e de seu pai?

— Ciúmes?— Eu engasgo em completa descrença. — Ciúmes de quê?

— Ciúmes que Conner não é ele, — a mãe diz. —Por que você sempre tem que fazer isso, Lilly? Por que você sempre tem que tentar estragar as coisas boas em minha vida?

—Conner não é uma boa coisa, mãe—, eu digo sem rodeios. —Mesmo se você não acreditar que ele me roubou, o qual ele fez porra, você deve ser capaz de pegá-lo por si mesma. O que seus instintos lhe dizem a respeito dele?

—Meus instintos —, Renee enfatiza, —dizem que Conner é o primeiro homem em um longo tempo a me tratar bem. Talvez ele não seja perfeito. — Ela zomba de mim. —Eu sinto muito que nós não podemos todos ter Jeremy Stonehart em nossas vidas. Conner é a melhor coisa que aconteceu a mim por um longo tempo. Antes de você aparecer, ele foi a luz na minha existência. Pense que o que você quiser. Chame-me de patética, fraca, qualquer que seja. Mas eu vou avisá-la, Lilly, não estrague as coisas para mim!

—Então você prefere tomar a palavra de um homem que você conhece há o que, há alguns meses, em relação à de sua própria filha? —Eu mal posso esconder o meu desprezo.

—Não! —, Ela grita. —Não, não se atreva a ir lá, Lilly Ryder. Menos de quarenta e oito horas atrás eu não tinha uma filha para conversar. Essas foram às palavras que vieram de seus próprios lábios, quando me deixou. Você acha que eu não me lembro? Lembro-me muito bem. “É melhor você fingir que eu nunca nasci”. Essas foram suas palavras de despedida. Suas palavras de despedida! Então, não, você não tem nenhuma direito de falar isso. Nenhum direito! Conner é a única coisa real e sólida na minha vida. Deus! Por que você sempre tem que bater de frente com os meus namorados? Então, eu sei que eles não são bons o suficiente para você. Nenhum é, aparentemente, a menos que ele seja um bilionário magnata das empresas. Estou certa? Notícia para você, querida. Nem todo mundo pode simplesmente deslumbrar um homem como o que está aos seus pés. Nem sendo vinte anos mais velho!

E então isso me bate. O medo da minha mãe. Medo de envelhecer. Com medo de envelhecer sozinha.

É por isso que ela é cega para o que está olhando-a diretamente no rosto. Não porque ela não seja inteligente o suficiente para vê-lo. Mas porque ela escolhe não ver.

É quase o suficiente para me fazer esquecer a minha raiva crescendo por ela, quase... quase...

Mas então eu pulo de volta direto para a minha mentalidade anterior.

—Mãe, ele me roubou—, eu enfatizo. —Você não entendeu? O homem que você está namorando roubou sua filha. Isso não significa nada para você?

Renee começa a andar pela sala. —Talvez, se ela foi descuidada o suficiente para ser assaltada —, ela cospe —, ela mereceu.

Eu tomo uma ingestão aguda da respiração. —O que você acabou de dizer?

—Exatamente o que seus ouvidos malditos te disseram!— Grita minha mãe. —Você não pode reaparecer na minha vida e agir como se as coisas são simplesmente perfeitas. Você não pode esperar que eu afaste tudo o que tenho por causa de você. Estou feliz em te ver? Deus, sim! Eu sonhei com algum sinal de que você ainda estava vivo, que ainda se lembrasse de mim? Cada maldita noite. Mas você não pode vir passear e assumir que você pode me dizer o que fazer. Esta é a minha vida, Lilly. Minha! Eu não sou responsável por você. Então, obrigada por seu julgamento. Mas não, obrigada. Eu vou ficar com o que eu tenho. Para o que eu sei. Para o que é seguro.

—Então é isso? — Pergunto baixinho. Minhas emoções estão enrolando para baixo. Tudo que eu sinto é um vazio crescendo por dentro. —Você vai tomar a palavra de Conner sobre a minha? Você vai escolhê-lo a mim?

Renee gira em volta da janela. —Ele ainda está lá fora —, diz ela suavemente. —Ele está lá fora, esperando por mim. Conner é um bom homem, Lilly. Eu só gostaria que você lhe desse uma chance.

—ELE ME ROUBOU!— Eu grito.

Renee balança a cabeça. —Talvez ele o fez. Talvez ele não o fez. Eu nunca vou saber.

Ela parece triste.

—Mãe, olha, — Eu digo suavemente, andando até ela e pegando sua mão. Eu posso sentir todo o progresso que tenho feito na noite anterior se esvaindo. E eu não quero isso. Eu não quero perdê-la por algo tão pequeno como isso. —Eu sei que você não quer acreditar. Mas por que eu iria mentir? Você viu como eu estava quando eu apareci no seu trabalho. Você acha que eu andei dez horas na chuva, na neve, no gelo, no escuro, apenas por diversão?

Eu balancei minha cabeça. —Eu fiz isso porque eu estava determinada a vê-la. Esse foi o único propósito da minha viagem. Eu deveria estar na Califórnia agora, trabalhando para as Indústrias Stonehart. Eu vou voltar amanhã. Por favor, por favor. Não faça disto uma escolha para si mesma entre mim e ele. Eu sei que não devo julgá-la. Eu sei que eu não tenho nenhuma ideia do que a sua vida com Conner tem sido. Talvez tenha sido ótima. Se sim, eu estou feliz por você. Mas, mãe... —Eu a pego pelos ombros e olho diretamente nos seus olhos, —Você tem que ser honesta com você mesma. Mantenha Conner se você quiser. Eu não estou dizendo para você despejá-lo. Você pode fazer suas próprias escolhas. Tudo o que eu estou dizendo, tudo que eu estou te implorando para fazer, é acreditar em mim quando eu digo que ele foi o único que me roubou.

Mamãe me olha por um momento longo e sincero. Ela coloca uma de suas mãos sobre a minha. —Oh querida, — ela diz baixinho. —Você deve realmente achar que eu sou uma idiota, não é?

Eu balancei minha cabeça. —O quê?

—Eu sei que você conheceu seu pai—, diz ela. —Por que mais você veio me ver? Ele é o único em todo mundo, além de mim, que sabe que você é sua filha. —Ela faz uma pausa, como se esperando por mim para concordar.

—Eu sei que você evitou mencioná-lo. Eu não perguntei. Como você descobriu, como você o encontrou. Eu não fiz a pergunta por que essas coisas não importam para mim. E ainda assim... ainda assim, parece que você quer isso.

Eu abro minha boca para protestar... E a fecho novamente.

—Eu não sou cega, não, não como você pensa. Eu sei o que você veio fazer aqui. Eu sei que você quer que eu e Paul fiquemos juntos. Eu sei que você quer a família que você acha que perdeu.

—O quê? — Eu pergunto, surpresa. —Não, mãe, não é nada disso...

Ela balança a cabeça. —Você não pode mentir para mim, Lilly. Eu sou a mesma mulher que trocou suas fraldas, lembre-se. Eu posso ver em seus olhos. Eu sei quando você está me dizendo a verdade. Eu sei os motivos reais,- seus motivos -para tentar me mostrar que Conner é um cara mau.

—Não há nenhum motivo oculto! — Eu me afasto, desgostosa por ela, por mim, por onde toda esta situação acabou. Eu vou para o outro lado da sala, em total descrença de que minha mãe está tentando alimentar. Eu me viro e a encaro.

—Tudo bem —, eu anuncio. —Tudo bem, se é isso que você pensa realmente.

Ela balança a cabeça tristemente. —Eu penso.

—Então eu não vou sobrecarregá-la com a minha presença mais. Eu vou sair, e você pode voltar ao seu conto de fadas na terra onde os homens que tem não são capazes de roubar sua filha e ela a visita apenas para enganá-la.

Eu procuro pelo meu casaco, o encontro e o tiro do gancho.

—Reconexão agradável com você, mãe —, eu digo, passando por ela. Abro a porta, deixando o ar frio soprar para dentro do quarto. Eu paro e me viro. —Oh, e há algo que eu não lhe disse. Algo que eu estava esperando o momento certo para fazer. Mas já que estou indo embora, eu não acho que vou ter outra chance.

—Meu pai? Paul? Sim, ele está em um hospital psiquiátrico. Ele está louco. Só pensei que você deveria saber.

E com isso, eu fecho a porta para minha mãe, encerrando um capítulo que mal havia começado.

Capítulo Dezoito

—Uma chamada a cc-cobrar para Jeremy Stonehart —, eu gaguejo, aconchegando-me em mim mesma na cabine de telefone.

Está congelando. A neve branca, inchada é enganosa. Pode parecer como uma das maravilhas do inverno por dentro. Por fora é uma assassina.

Levei meia hora para me locomover e encontrar este telefone. Talvez mais. Eu não tenho nenhuma maneira de marcar o tempo, além de quão perto o meu nariz ficou de congelar.

—Eu sinto muito, senhorita —, o operador informa-me, —Esse nome não está no livro de telefone. Você tem um número?

Eu recito os dígitos para o celular de Jeremy da memória, digo à mulher o meu nome para a gravação, e espero.

Os segundos se passam antes que o toque inicial do telefone seja os mais longos da minha vida. Chamar Jeremy é admitir a derrota. Admitir que ele estava certo. Mas é a minha única opção neste momento.

A linha mal tem a chance de tocar antes de eu ouvir um clique, e sua voz.

—Lilly —, ele rosna. —Onde diabos você esteve ?

—Eu preciso de ajuda. Eu estou com frio, perdida e sozinha, —Eu gaguejo.

—Bom—, ele late. O veneno em sua voz me faz estremecer. —Você merece isso. É o que você ganha por tentar testar seus limites. Isso é o que você estava fazendo quando você trocou de carro, não é?

Eu não quero lutar. —Sim—, eu admiti em voz baixa.

—E como foi essa experiência para você? — Ele exige.

—Não... Bem,— eu digo. —Jeremy, por favor. Eu preciso de sua ajuda. Eu estou sozinha ao lado de uma estrada. Não pode estar mais de quinze graus. Fui roubada. Eu não tenho o meu cartão de crédito, o meu celular, minha bolsa, qualquer coisa! Por favor. Por favor, não seja cruel. Não quando eu preciso de você. Agora não.

—Você admite que cometeu um erro?— Ele soa frio. Desapaixonado.

—Sim! — Eu quase grito ao telefone. —Sim, Jeremy, eu admito!

—E você está vindo para mim para consertar as coisas. Estou certo?

—Sim! — Eu digo novamente. —Por favor, Jeremy, apenas me tire daqui. Mande-me algum dinheiro. Há um Western Union em um posto de gasolina nas proximidades. Passei mais cedo. Eu posso pegar um táxi para um hotel, ficar lá pela noite...

—Não —, diz ele.

Meu coração para de frio. —Não? — Eu sussurro.

—Não, Lilly, isso não é como eu conserto as coisas. O Bentley preto vai chegar para buscá-la em três minutos a partir de agora. Você vai entrar. Você vai ser conduzida para o campo de pouso, onde meu jato estará esperando por você. Eu vou conversar quando você voltar para casa. E, Lilly? —, Ele acrescenta, transmitindo nada além de satisfação que eu tenho certeza que ele sente, —Sem desvios desta vez. Tudo bem?

Quando aterrisso na Califórnia, eu ainda não sei se fico furiosa, irritada, grata, ou aliviada... por Jeremy, ou eu mesma.

Eu deveria conhecer melhor do que pensar que ele tinha apenas me deixar ir. A velocidade com que o Bentley chegou,- menos de cinco minutos,- significa que ele tinha estado me seguindo o tempo todo.

Eu verifiquei e reverifiquei cada costura em minha jaqueta por um dispositivo de rastreamento, e não achei. Foi a única coisa a fazer no vôo de seis horas, então eu sei que eu tinha sido vigiada.

Não, Jeremy não vacilou em colocar outro de seus dispositivos pequenos sobre a minha pessoa quando eu não estava olhando. Ele tinha acabado de pagar alguém para ficar de olho em mim.

Isso significa que quando eu liguei para ele, ele já sabia sobre tudo o que tinha acontecido. O roubo. Meu errante equívoco no meio da noite. O fato de que eu encontrei minha mãe, e que ela levou-me de volta para sua casa.

Porra, mas pensando sobre isso agora, quando estou quente, segura, e retornando a um lugar que eu conheço, me deixa muito irritada, embora eu provavelmente não tenha o direito de estar. Só parece que... Depois do incidente no restaurante grego, as câmeras de vigilância na casa de Jeremy, todo o acompanhamento constante, em qualquer lugar que eu vá... Que eu apenas estou saltando por aí debaixo de um microscópio para outro.

Talvez eu devesse vir a enfrentar isso. O único lugar que eu estou verdadeiramente salva de monitoramento é agora dentro da casa de Jeremy. É irônico que seja aí que as coisas começaram. Agora, a mansão que é a casa Jeremy é meu único e verdadeiro santuário.

Desço do avião, esperando, -esperando? -Encontrar Jeremy esperando por mim. Mas ele não está lá. É Simon, o motorista de Jeremy. Ele está encostado ao lado da limusine.

Ele tira seu chapéu para mim e dá uma piscadela totalmente inadequada, então entra. Murmuro sob a minha respiração e sento na parte de trás.

Há um pacote esperando por mim no banco. Eu o empurro de lado, sabendo que é um daqueles presentes de duplo sentido de Jeremy. Eu vou lidar com isso depois de lidar com ele.

Eu posso ouvir o motor funcionando, mas não estamos em movimento. Eu bato no vidro nos separando. —Um, Olá? Você não deveria me levar para casa?

—Sr. Stonehart diz que é para você abrir isso antes, madame, —diz Simon, olhando para mim através do espelho retrovisor. Ele faz uma pausa. — Eu sugiro que você faça.

Eu pisco. —Com licença? Foi uma ameaça?

—Não, senhorita Ryder, — Simon responde sem problemas. —Nada mais do que uma sugestão amigável.

Eu olho o pacote fechado. Parece que eu não tenho escolha agora. Eu estou no mundo de Jeremy novamente, e aqui, com contrato ou não, eu tenho que respeitar suas regras.

—Tudo bem —, eu digo. Então eu adiciono, da maneira mais juvenil possível —, mas só porque eu quero.

—Claro que é por isso, senhorita.

Eu coloco a caixa preta no meu colo e rasgo a embalagem de volta. Eu levanto a tampa -e tomo uma ingestão aguda de respiração.

Dentro do pacote está um telefone celular. Meu telefone celular, e não apenas uma réplica. Eu posso dizer pela pequena marca familiarizada na parte de trás. Debaixo dele está a minha carteira.

A que tinha sido roubada.

Eu a abro e olho dentro. Nem um único cartão está faltando. Nem o meu ID, minha carteira de motorista, o cartão de crédito que Jeremy me deu. Mesmo o dinheiro que eu mantinha dentro!

—Que diabos é isso? — Eu murmuro sob a minha respiração.

Simon ri. —Foi-me dito que você poderia reagir dessa maneira. — Ele se vira em seu assento, destrava o freio de mão, e começa a dirigir.

Minha mente corre através de todos os cenários possíveis no caminho de volta para a mansão.

Jeremy está fodendo comigo. Grande momento. Esse comportamento não é o que eu esperaria dele. Mas eu poderia esperar isso de Stonehart. Sem problema.

Eu torço a barra da minha jaqueta nervosamente à medida que, mais e mais nos aproximamos da casa de Stonehart. Eu não tenho ideia de quem eu vou encontrar esperando na minha chegada.

O telefone... A carteira... É prova de que o roubo não foi um trabalho aleatório. Foi planejado por Jeremy e executado por seus capangas.

De que outra forma pode explicar isso? Ele tinha me vigiado o tempo todo que eu estive fora. Eu já sei o que. Talvez o roubo fosse sua maneira de me mostrar que eu não poderia estar sozinha, que, mesmo quando eu estou longe, a minha vida é ditada pelo seu desejo.

Eu não sou mais do que um brinquedo para ele. É isso que eu ganho por não devolver com a palavra “A” quando ele disse isso para mim? Ou isso é o reestabelecimento do controle após a revelação de Fey?

Seja o que for... Onde nós estamos agora... É pior do que voltar à estaca zero. Não importa que as liberdades foram concedidas com a queima do contrato, eu ainda estou sob seu controle. Todos os dias.

É este o tipo de coisa que mantém Rose perto dele? Ela é uma mulher livre, pela sua própria admissão. No entanto, Stonehart exerce energia suficiente sobre ela para fazê-la obedecer-lhe completamente.

A limusine para na frente da mansão. As luzes do interior estão acesas. Isso significa que Jeremy está... esperando por mim.

Simon abre minha porta. —Foi um prazer vê-la novamente, minha senhora—, diz ele.

Eu passo por ele. Em um lado, eu tenho o meu telefone celular. No outro, a minha carteira. Elas são as únicas duas posses que me restam da viagem... E eu nem sabia que elas voltariam comigo.

Tinha que ter sido um plano. Tinha que ter sido. Muito parecido com o incidente com Hugh, e resultando nos vídeo. No prédio de escritórios, Jeremy contratou atores, ou usou o CGI para alterar a fita, ou algo.

Eu não sei por que, mas isso me assusta mais. Estou prestes a entrar no covil de um verdadeiro monstro,- e eu estou fazendo isso de bom grado.

Talvez essa é a parte que deveria me assustar mais.

Subo as escadas para a porta da frente, cada passo fazendo a ansiedade horrível ficando pior e pior. Minhas mãos apertam o telefone celular. A carteira. Eles são os meus dois laços com a realidade.

E à manipulação de Jeremy.

A porta está desbloqueada. Eu abro, olhando para a câmera no teto. Será que Jeremy realmente me deu total controle sobre seu sistema de vigilância? Ou foi uma farsa, também? Será que ele tem algum interruptor de ultrapassagem mestre que ele pode usar para ter de volta o acesso?

O lobby está vazio. Abandonado. O som estridente de pneus atrás de mim me faz pular. Simon está saindo. Eu fui deixada sozinha.

Eu fecho a porta, estremecendo quando o som da fechadura clicando no lugar ecoa através do espaço inteiro.

—Olá? — Eu chamo. —Jeremy? Rose? Alguém?

Não há resposta.

Eu não deveria ter medo de estar na minha própria casa. Mas agora, eu sinto que estou presa em uma cena de um filme de terror. A imprevisibilidade do que vem a seguir me aterroriza. A imprevisibilidade do que Jeremy vai fazer, com que cara ele vai aparecer, -me deixa extremamente apreensiva.

Eu queria exigir respostas dele. Eu planejei exigir respostas dele. Mas encontrar a minha carteira, meu celular, sem nem uma nota de explicação, me dá a certeza de que eu não estou mais em posição de fazer isso.

Eu tenho que pisar com cuidado quando eu o vir. E eu totalmente, completamente, tenho que estar de guarda. Neste momento, somos duas pessoas supostamente no mesmo patamar. Não há nenhum colar, nenhum contrato me segurando no lugar.

Tudo o que existe é a depravação de Jeremy. E os cumprimentos que ele irá para provar para mim...

Qualquer merda que ele deseja.

Eu começo em direção à cozinha, com cuidado. Eu não tenho nenhuma ideia do que ele quer provar. Eu não tenho nenhuma ideia de quais são suas motivações. Tudo o que sei, tudo que eu posso dizer com certeza, é que ele é um louco... E isso me machuca tanto que nenhum de nós jamais pode deixar de ir.

A cozinha está vazia. Como a sala de jantar.

—Olá? — Tento novamente. —Jeremy? Estou aqui...

Eu paro. Eu não estou prestes a obter uma resposta.

Eu checo a sala de estar, em primeiro lugar, em seguida, vou para o porão para procurar na área da piscina e do bar. No fundo da minha mente, eu sei que estou apenas adiando. Há apenas um lugar que Jeremy pode estar agora.

Seu escritório.

Ele está em seu escritório esperando por mim. Eu olho para outra das câmaras. Um arrepio percorre meu pescoço. Esperando por mim... Olhando para mim?

Eu sei que ele está em seu escritório porque esse é o único espaço onde ele tem o controle absoluto. É onde ele executa seu império. É o quarto que fui impedido de entrar por tanto tempo. E representa a dinâmica de poder entre nós. Ele detém tantas lembranças terríveis para mim. Tenho certeza de que é onde eu vou encontrá-lo.

Simbolismo. Influência. Controle. Autoridade. Todas essas coisas significam o mundo para Jeremy. Por enquanto, ele me fez acreditar,- não importa quão relutante estou em admiti-lo agora, -que eu significo o mundo para Jeremy.

Mas tudo isso mudou, em menos do que o período de uma semana.

Eu alcanço as escadas depois de completar um círculo completo no porão. Eu olho para cima. Eu tenho adiado por muito tempo. É hora de enfrentar Jeremy, e de saber, de uma vez por todas, onde nós realmente estamos.

Capítulo Dezenove

Eu ouço sua voz ecoar pelo corredor enquanto eu me aproximo.

—Sim, eu sei. Estou ciente de que ela está ausente. Continue o que você estava fazendo antes. Nada mudou. Nada... —Ele olha para cima, e me vê. Seus olhos estão em mim. —Ela está aqui —, ele diz com quem ele está falando. — Eu tenho que ir.

Jeremy desliga o telefone. Ele olha para mim por trás da maciça mesa de carvalho.

Ele parece espetacular. Eu não deveria esperar nada diferente. A camisa vermelha escura, a cor do sangue, desce em seus ombros e afunila até a cintura. Um casaco azul marinho está pendurado sobre o canto de sua mesa. Seu cabelo escuro está domado, e não há uma vertente fora do lugar, e sua mandíbula está coberta por uma pitada de restolho da barba que eu acho tão irresistivelmente sexy.

Mas eu não posso deixar sua aparência física me afetar. Eu decidi ser tão fria com Jeremy como ele é para mim. Como indiferente. Como desapaixonada.

É tudo um ato, é claro, de ambas as nossas partes. Mas agora, eu estou no jogo de póquer da minha vida.

Vamos ver quem pisca primeiro.

—Essa conversa foi sobre você,— Jeremy me informa. —Os membros da equipe têm estado perguntando onde você esteve.

—Você me disse que tirei um ano sabático—, eu digo, mantendo o meu nível de voz. Bem, eu vou em direção à cadeira em frente a ele e me sento.

—Ah, sim. — Ele se inclina para trás. —E como foi essa experiência para você?

—Foi maravilhosa —, eu digo, jogando o meu cabelo sobre o ombro. Eu desvio o olhar. —Eu senti sua falta —, eu anuncio a ninguém em particular.

—É bom ver você também, minha Lilly-Flor —, diz Jeremy.

Nossos olhos se encontram. Uma faísca de eletricidade enche o ar.

—As Indústrias Stonehart ficaram bem enquanto estive fora? — Pergunto. —Não há desastres de relações públicas que devem estar cientes?

—Nada, — Jeremy sorri. —Estamos no caminho certo para o maior IPO que a indústria tem visto em décadas.

—Parece que minha posição não era tão valiosa como você fez parecer.

—Pode ter sido um pouco de um acordo entre amantes. — Ele tamborilava os dedos na mesa. —Eu pensei muito sobre você enquanto estive fora.

—É mesmo? — Eu cruzo as pernas. —Engraçado. Eu não pensei em você nenhuma vez.

Jeremy coloca uma mão sobre o coração. —Realmente, Lilly. Você me machucou.

—Foi bom ficar longe.

—Sim, — O sorriso de Jeremy se aprofundou. —Mas, você voltou.

—Será que eu tive escolha?

—O mundo está cheio de escolhas, Lilly. Você forjou o seu próprio caminho.

Concordo com a cabeça uma vez. —Um caminho que constantemente me leva de volta para você.

—Hmm —, ele reconhece.

—Algo engraçado aconteceu na minha viagem, você sabe?

—Oh?

—Sim. Eu fui roubada. —Em um movimento deliberado muito controlado, eu coloco a minha carteira e telefone celular na escrivaninha. — Estes foram tirados de mim.

—E agora, — as mãos de Jeremy vão para os braços da cadeira. —Parece que você os tem de volta.

Eu inclino minha cabeça para o lado, olhando diretamente para ele. — Essa foi à parte engraçada. Pertences roubados geralmente não seguem uma pessoa até em casa.

—Mas esses fizeram —, Jeremy se inclina para frente. —Quão... peculiar.

—Sim —, eu digo, incapaz de remover as mãos da mesa. —Esses foram.

—Eu poderia...vê-los?— Ele sussurra. Sua voz é rouca.

—Você pode, — eu digo. Eu não posso olhar.

—Me entregue, está bem? A diferença... é a distância... até agora.

Eu pego meu celular. Estendo em direção a ele com uma mão trêmula.

A tensão sexual irradia através da sala.

Ele pega o telefone -e, em seguida, pega-meu pulso. Meus olhos incendeiam. Os seus estão cheios de luxúria e fome.

—Lilly —, diz ele. —Eu realmente senti sua falta.

E então ele me puxa para frente e me encontra do outro lado da mesa com um beijo ardente.

Imediatamente, toda a minha inibição desapare. Eu subo em cima da mesa, tirando meu casaco grosso. Jeremy me puxa para ele, segurando meu rabo apertado enquanto eu enrolo minhas pernas em volta de sua cintura. Suas mãos correm para cima e pelas minhas pernas, minhas coxas, enquanto sua boca consome a minha.

Ele nos vira, de modo que seus quadris estão contra a borda e eu estou à esquerda o agarrando. Minhas mãos abrem sua camisa. Eu a retiro de seus ombros, tiro seu cinto, e sou recompensada pelo sentimento duro, apertado de seu corpo.

Ele dá um rosnado baixo, aprofundando o beijo. Ele se afasta e gira em torno mais uma vez. Eu gemo quando ele cai sobre mim na superfície implacável do carvalho. Ele rasga a minha blusa. Botões voam em toda parte. Meus seios pulam para fora, meus mamilos já apertados com a excitação.

—Maldição, Lilly —, ele rosna, correndo as mãos sobre meu corpo nu. — Olhe para você. Você é uma porra de uma deusa.

E então ele cai e beija-me outra vez. Eu me contorço debaixo dele, perdida no simples prazer de sentir sua pele na minha.

Ele levanta a cabeça para cima. —Eu senti sua falta —, diz ele novamente. —Eu senti falta de te comer.

—Eu senti sua falta, também, — Eu suspiro, e agarro seu cabelo para puxá-lo de volta para baixo.

A paixão do beijo me consome. Meu coração bate com a força de mil cavalos. Meu corpo inteiro está amarrado e apertado em uma mistura inebriante de prazer, excitação, desejo e necessidade.

Necessidade, necessidade, necessidade.

A mão de Jeremy desliza para baixo do cóis da minha calça. Eu inalo bruscamente quando seus dedos encontram o local. Ele começa a trabalhar o meu clitóris, acima e abaixo, frente e para trás, e eu contorço e gemo.

—Você vai gozar, Lilly —, ele me informa, sua voz autoritária e profunda. São burburinhos através do meu corpo com esse timbre incrível, fazendo toda a minhas sinapses ganharem vida. —Você vai gozar quando eu disser a você. — Seus dedos começam a se mover ainda mais rápido.

—Pronta? — Ele rosna.

—Não, Jeremy... — Eu tento afastá-lo. —É muito cedo. Isto...

—Pronta? —, Ele repete, sua voz não deixando nenhum espaço para discussão. —Você vai gozar, Lilly-Flor, agora...mesmo!

E em sua palavra, eu estou impressionada com o clímax mais glorioso da minha vida. Ele lava através de mim. Meu corpo treme enquanto eu subo, perdida no puro êxtase que é Jeremy Stonehart. No puro êxtase que só ele foi capaz de me fazer sentir.

Quando eu volto para baixo, eu estou ofegante e deixada sobre a mesa. Jeremy ainda tem a mão entre minhas pernas. Eu aperto minhas coxas em torno dele e ofereço um sorriso torto.

—Isso foi fácil porque você foi privada de mim por tanto tempo—, diz ele. Seus olhos me perfuram, envolto em uma névoa escura da paixão. —E eu de você. Mas com o tempo, vou ensiná-la a gozar sob o meu comando. Com o tempo... —ele se inclina para baixo, sua bochecha escovando contra a minha, a

dica de restolho de barba envia uma cascata de arrepios na minha espinha, —... Você vai aprender a gozar com nada mais do que o puro e baixo som da minha voz.

Uma onda de prazer me faz tremer quando ele respira no meu ouvido. — Você vai se tornar magnífica, Lilly. Vou levá-la às alturas como você nunca sonhou. E você, em troca... —a mão dele se move para cima, e toma conta de um dos meus seios. Ele aperta. Forte.

—... Será só minha.

Capítulo Vinte

Nós fodemos em cima da mesa. Em sua cadeira. Nos pressionando contra as janelas. No chão, ao lado do local em que ele me amarrou e chutou.

Nós fodemos em todos os lugares e em todos os sentidos imagináveis. Hoje à noite, Jeremy definitivamente recuperou o tempo perdido. E eu estou feliz demais em deixá-lo fazer isso.

Ele me consome. Meu corpo, minha mente, meu espírito. Eu não sei nada, exceto o destaque de sua matéria, presença. Ele me faz sentir...

Espere. É isso aí. Ele me faz sentir.

Se eu tinha esquecido, ou escolhi não pensar, como é o sexo com Jeremy, este foi um espetacular lembrete. Meu corpo responde a ele em maneiras que nunca vai responder a outro homem. Há uma conexão, uma verdadeira ligação entre os nossos dois corpos físicos. É como se eu fosse feita para ele, e ele para a mim.

Fisicamente, pelo menos.

Os jogos mentais, o ex-abuso, as manipulações atuais... nada disso importa. Agora não. Não quando ele e eu estamos em tal perfeita sincronia. Talvez um pouco de atrito entre nós é exatamente o que é necessário para tornar o sexo tão grande. Pode ser essa a chave para o nosso relacionamento. Termina em algo que proporciona uma sinergia que é tanto bonita quanto vital.

É bonito nas coisas que me faz sentir. Nas coisas que faz com que nós dois sentimos. É vital pela mesma razão.

Mas também é vil. Vil porque de onde isso vem. Vil por causa do que ele precisa florescer para a realização plena.

Horas mais tarde, quando nós dois estamos finalmente exaustos, deitados na cama de Jeremy no andar de cima, eu sei que é hora de trazer alguns temas desconfortáveis.

—Jeremy —, eu digo, olhando para ele. —Nós precisamos conversar.

Ele exala. —Eu sei. Mas agora não. Amanhã...

—Não, Jeremy. Amanhã não. Hoje. À noite.

Ele suspira. —Porque você não pode apenas apreciar isso? —, Ele pergunta. —Apenas relaxe sob o brilho. — Ele pega a minha mão e a aperta em um sinal de afeto que eu não tive com ele por um longo tempo. —Isse foi um sexo incrível.

O estrondo de sua voz faz meu interior rolar com todos os tipos de prazer. A intimidade do momento me faz muito relutante em quebrá-lo.

É algo que nós não termos compartilhado.

Mas devo quebrá-lo. Porque há mais na nossa vida do que apenas sexo. Muito mais. E eu não posso deixar a reação do meu corpo para que este homem dite minhas outras relações com ele.

Sento-me e fujo para longe. —Há questões não resolvidas entre nós—, eu digo.

Ele inclina a cabeça de um modo divertido. —Você diz.

—Sim, Jeremy, e eu não aprecio você fazendo chacota deles!Ele ri. —Isso não é para rir!

—Talvez não a seus olhos —, diz ele em voz baixa. —Mas você tem que admitir que é bastante cômico, da minha perspectiva, quando uma mulher nua quer ter uma conversa séria... E espera ser levada a sério.

Eu bufo e agarro a borda do lençol e o puxo até meu peito. Envio punhais para ele com os olhos. —Melhor?

—Infelizmente não —, diz ele. —A visão agora é muito pior.

Eu coloco a minha língua para fora. Ele ri.

—Tudo bem, Lilly —, diz ele, sentando-se contra a cabeceira. A mudança de posição expõe toda a parte superior do corpo glorioso. Seu abdômem flexiona levemente enquanto ele reajusta a si mesmo, seus ombros e braços é todo esculpido com perfeição.

Eu poderia apenas olhar para o seu corpo durante horas. Ou, melhor ainda, saboreá-lo. Beijar sua pele e lamber o meu caminho até seu abdômem, sentindo os cumes sob a minha língua...

Eu balanço minha cabeça para tirar isso da minha mente. Eu forço meus olhos para encontrar os dele. A sugestão de um sorriso cresce em seu rosto.

—Viu o que eu quero dizer? — Ele pergunta baixinho. —Você tem certeza que esperar não é uma ideia melhor?

—Não, Jeremy, tenho que fazer isso agora —, eu digo, determinada. — Amanhã não. Agora. Hoje à noite.

—Muito bem. — Ele dá uma tapinha no lugar vazio ao lado dele. —Mas se aproxime. Eu quero te abraçar, enquanto conversamos.

A sinceridade de seu pedido... O puro significado, simples daquelas palavras... Faz meu coração pular uma batida. Jeremy está falando... O homem que eu descobri na nossa viagem à sua ilha. Não o frio, duro, Stonehart, mas o doce e gentil Jeremy. O homem que uma vez foi o menino que Charles me falou.

Leva toda a minha força de vontade para negar seu pedido. Eu balancei minha cabeça, rigidamente, odiando que eu não pudesse apreciar a momento, desprezando o fato de que isso é o que a nossa relação tem corroído.

A única maneira que eu sou capaz de fazer isso sem ceder é, lembrando-me de que tudo isso é culpa dele. Todas as preocupações, preocupações e incertezas em minha mente surgiram por causa das coisas que ele fez no rescaldo do telefonema de Fey.

Seus olhos escurecem. Eu sinto uma mudança vir sobre ele.

—Tudo bem —, diz ele. Sua voz é baixa e perigosa. Entramos em águas turvas. — Sobre o que você quer falar?

Eu mordo meu lábio, hesitando. Eu realmente não gosto da mudança que vem sobre Jeremy, a que eu apenas evoquei. Mas é tarde demais para recuar agora. Eu fiz a minha cama, e agora eu tenho que dormir na mesma.

—Em primeiro lugar, — eu digo, me preparando em antecipação a sua reação... seja o que for... —Há as fotografias. Seu motorista. E Hugh?

Jeremy faz um som de raiva em sua garganta com a menção desse nome.

Eu continuo. —O que aconteceu segunda-feira no escritório, Jeremy? Diga-me, porque eu sei que você sabe.

—Você viu o que aconteceu na tela —, ele me diz.

Há certa inflexão peculiar em sua voz que eu nunca tinha encontrado antes. Ele lembra-me um pouco de um adolescente segurando um segredo que ele está desesperadamente ansioso para derramar.

—Não, Jeremy —, eu digo. —Eu vi o que aconteceu, vivi o que aconteceu. E não é o que o fita mostrou.

Ele levanta uma sobrancelha para mim. —Você está sugerindo, — diz ele, sugestivamente, —que o que você viu no monitor estivesse talvez... errado?

Minha respiração pega. —Você fez isso!— Eu acuso.

Jeremy abre as mãos em um gesto de “quem, eu?”... E então sorri profundamente.

—Bravo, Lilly —, diz ele. —Você descobriu a verdade.

Minha cabeça gira. Pensando nisso, considerando, perguntando-me sobre as possibilidades é uma coisa... Mas tê-lo confirmado, pela própria admissão de Jeremy, é outra completamente diferente.

—Por quê? — Eu digo. —Quero dizer, o que... por quê?

—É uma nova tecnologia que as Indústrias Stonehart desenvolveu —, diz Jeremy. Ele se levanta e caminha através do quarto, escolhendo um robe e o envolvendo em torno de seu corpo. —Ainda em fase de protótipo, mas cada vez mais perto da conclusão a cada dia.

—É um algoritmo de simulação CGI avançado. Muito, muito melhor sobre as coisas primitivas que você vê em jogos de vídeo ou até mesmo em filmes. É um programa que é capaz de, em tempo real, criar vídeos indistinguíveis da realidade. Isso inclui modelos de computadores de pessoas reais e foca nos detalhes... Até nas características mais sutis de seu rosto. Nós cruzamos o vale misterioso, Lilly, e isso? Isso é um feito digno do Prêmio Nobel.

—Você me enganou, — eu digo. Minhas entranhas parecem ocas. — Você me enganou. Você me fez acreditar que eu estava ficando louca!

—Sim, sim, sim! — Diz Jeremy. Há uma crescente excitação em sua voz. —Você não vê, Lilly? Eu fiz o que tinha que fazer. Você tem a mente mais forte que conheço. Se a simulação foi suficiente para enganar você, por isso, essa é a

melhor prova de fogo que existe. Se você pudesse ser vítima de seu truque, assim, imaginar o efeito que teria sobre as massas!

—Você é doente —, eu digo. —Torcido. Você me fez duvidar da minha própria sanidade, como... como... como um “teste decisivo!” Raiva está tomando conta de mim agora.

Eu não faço nada para segurá-la de volta.

—Como você se atreve, Jeremy? Você diz que me ama, e então você vai e faz o quê! —Eu surto na cama, envolvendo o lençol em volta do meu corpo rapidamente. —Então, o que eu sou, uma espécie de cobaia porca para você? Primeiro foi o colar. “Testando a bateria para uso em seu telefone”, você disse. E agora isso? Fazendo-me de boba, tomando liberdades que você não tem o direito de tomar, com o propósito de quê? De ver o quão bem seus novos brinquedos funcionam?

—Não é um brinquedo, Lilly, — Jeremy diz com firmeza. —E eu precisava de provas. Eu precisava de uma confirmação de que era funcional. Você era a vítima no ato, sim, mas eu fiz isso com você para o bem maior.

Eu enfio o dedo nele. —Não comece, — eu o advirto. —Não se atreva a me falar sobre o “bem maior”. Que bem maior, Jeremy? Seu? Das Indústrias Stonehart?

—Ambos —, ele se encaixa. —E o seu também, Lilly. Você está vinculada ao sucesso da empresa agora. Você está amarrada a mim.

—E se eu não quiser estar amarrada a você?— Eu rosno. —E se eu quiser fugir?

Ele tem a ousadia de rir. —Eu já cortei todos os laços que prendem você aqui —, diz ele. —Você permanece por sua própria vontade.

—Oh, você está brincando comigo —, eu cuspi. —E quanto a me rastrear por todo o caminho através do Maine, hein? E sobre a execução do roubo? Porque isso só aconteceu sob o seu comando, não foi?

—Eu tive que testá-la —, diz ele. —Ao mesmo tempo, eu estava olhando para sua segurança.

—Outro teste, Jeremy? Mesmo? Quero dizer, realmente?

—Sim —, diz ele. Ele dá um passo em minha direção. —E você passou com uma espetacular defesa. Eu tenho que saber se a mulher que eu estou pronto para passar minha vida possui as qualidades que eu procuro em uma companheira.

— As qualidades que você procura em uma companheira? Você pode ouvir-se falar agora, Jeremy? Você sabe como doentio você faz isso parecer?

—Eu sei—, diz ele. —Porque é isso que você queria. Não se esqueça do negócio que você fez comigo no avião. Eu não sou de fazer menção dos meus verdadeiros sentimentos por você. Este é o único resultado que você poderia ter esperado.

Eu ri. —Hah! Então você está tentando fixá-lo em mim, agora? Você me disse uma vez que você valoriza honestidade, que você precisa de honestidade, particularmente com você mesmo, para ter sucesso no mundo dos negócios. Bem, isso é uma porra de uma besteira completa, não é? —Eu olho para ele, absolutamente lívido. —Você não está fazendo nada disso, por mim. Você está fazendo isso por causa de você. Porque você é um homem que pode ter tudo, lembra? Ou isso mudou, também?

—Isso não mudou.

—Então você tinha me roubado no Maine, enquanto eu estava fora, por quê? Para ver se eu iria voltar rastejando para você? Você deu as fotografias de nós à imprensa, depois de me repreender por ser descuidada, por quê? Então, você poderia provar que é você quem ainda está no controle final? O que vem depois, será que você plantou Conner para seduzir minha mãe e...

Eu suspiro. Minhas mãos vão sobre a minha boca. —Oh meu Deus,— eu sussurro. —Você o fez.

Ele não faz nenhum sinal de pedido de desculpas, ou mesmo uma pretensão de remorso. Ele só olha para mim, esperando.

Eu não posso aceitar isso. Isso tudo é demais. Eu ando para a cama e me sento no meio, atordoada.

—Por que, Jeremy? — Eu sussurro. Parece que estou suplicando, mas eu não estou. Estou apenas... confrontando, mais uma vez, com a forma como insano este homem realmente é. —Por quê? Por que, por que, por quê?

—Porque sua mãe é importante para você, Lilly —, diz ele. —Mesmo que você tente negar, ela ainda é família. Eu tive que fazer contingências no caso de você decidir se reconectar. Que você o fez. Conner a mantém segura. Ele não deixa que nada desagradável aconteça a ela.

Eu apenas balancei minha cabeça. —Sua vida inteira é uma mentira—, eu digo para mim mesma. —Tudo o que ela acha que sabe, tudo o que ela valoriza... só está lá por sua causa, não é?

—Por sua causa, Lilly —, ele corrige. —Por causa do que você significa para mim.

Eu olho para ele, lágrimas de raiva encham meus olhos. —E o que acontece quando eu parar de significar qualquer coisa para você, Jeremy? O que acontece então? Diga-me isso.

—Isso —, ele diz com firmeza, cruzando o espaço entre nós. —Nunca vai acontecer.— Ele fica de joelhos e pega a minha mão, —Eu prometo a você, Lilly. Porque eu a amo, eu ainda a amo e eu sempre amarei, seja qual for o negócio que fizemos no avião. Eu te amo.

—Pare —, eu tento puxar minha mão, mas ele não deixa. —Basta parar, Jeremy. — Eu enxugo as lágrimas dos meus olhos, irritada comigo mesma que eu estou chorando, furiosa com ele por evocar tais emoções em mim. Sinto-me perdida, como se estivesse presa no limbo, como se nada que eu faço ou digo tivesse significado, a menos que seja mandado por Jeremy.

—Eu não vou parar —, diz ele. —Eu nunca vou parar de te amar, Lilly. Nunca. Você significa tudo para mim.

Eu olho para longe, para o teto. O reflexo da lua no oceano faz uma pequena luz dançar no gesso. —Você tem uma péssima maneira de mostrar isso —, eu digo.

—Porque eu estou destinado à promessa que fiz para você—, diz ele.

Olho para ele, e desejo que eu não tivesse. Seus olhos voltaram a esse macio, brilhante safira. O que me diz, com absoluta certeza, que o homem que eu estou falando é Jeremy.

E quando ele é Jeremy, apenas Jeremy, e nada mais, eu tenho um fraco por ele.

—O que estamos fazendo? —, Eu sussurro para ele. —O que nós temos entre nós? O que é este mundo que você sonhou para mim e você?

—Eu não sei —, ele admite. —Mas eu estou esperando... Esperando... por você liberar os grilhões que a prendem a mim. Por você me permitir expressar as profundezas dos meus sentimentos por você.

Eu fungo. —É isso que você quer?

Sua mão aperta a minha. —Sim —, diz ele. —Isso é o que eu quero, com todo meu coração.

—E se eu deixar você —, eu digo, — Não haverá mais... jogos? Não haverá mais... testes?

—Nada —, ele promete. —Nunca mais.

—Eu não vou ser mais a sua cobaia?

—Lilly. — Meu nome em seus lábios soa como a carícia mais doce. — Você nunca foi minha cobaia. Você não sabe? —Ele levanta a mão aos lábios e beija minha mão. —Você sempre foi... e você nunca deixou de ser... minha doce Lilly-flor.

—Então, tudo bem —, eu digo. —Belo Jeremy. Eu o liberto de sua promessa. Você pode fazer... Tudo o que você quiser.

Mas eu não vou dizer essas palavras de volta.

—Então eu vou esperar —, ele me diz. —Eu vou esperar o tempo que levar para você admitir para si mesma que você se apaixonou por mim.

—Isso é muito presunçoso da sua parte,— murmuro.

—Só porque eu sei que é verdade. Eu sei disso, Lilly. Nós passamos por muita coisa para eu não saber.

—Você está com medo. Assustada. E confusa. E agora que eu posso falar livremente? —Ele olha para baixo, seu peito, e coloca uma mão sobre o coração. —Os sentimentos que eu sinto construir por você, aqui? Eles me aterrorizam também. Eu nunca lidei com coisas semelhantes antes. Todos eles resultam de você, Lilly. Porque eu amo você. Porque você me mostrou o verdadeiro significado da palavra.

—Não muito bem —, eu gracejo, —se a semana passada foi qualquer indicação.

Ele ri. —Eu não sou perfeito, Lilly. Por você, eu não vou fazer nenhuma reivindicação para ser. Você já viu todo o lado de quem eu sou. Alguns desses lados, você sabe, eles me dão nojo. Mas se você me orientar... Se você estender a mão, e talvez assumir a liderança... Vou tentar mudá-los. Não apenas por você. Não apenas por mim.

Ele se levanta, e me puxa para cima junto com ele. Ele envolve seus braços em volta do meu corpo e me aperta.

—Mas por nós —, ele sussurra.

Capítulo Vinte e Um

Eu acordei na manhã seguinte totalmente revigorada e encontro a cama vazia mais uma vez.

—Merda!— Eu xingo. —Merda, merda, merda!

Eu não preciso olhar para a hora para saber que já passou da hora que era para eu chegar ao escritório.

Jeremy, bastardo! Saiu sem mim novamente.

Como vou provar a minha capacidade, se ele não vai nem mesmo me deixar trabalhar? O que no inferno era o ponto do contrato de trabalho se eu não estou sequer autorizada a fazer bom uso de meus deveres?

Quando ele voltar hoje à noite, nós vamos ter uma conversa longa, dura sobre exatamente o que é que ele espera de mim nas Indústrias Stonehart.

Eu tomo um banho rápido. Enquanto tomo, eu quero saber sobre a nossa conversa na noite passada. Foi um fracasso? Ou foi um tipo vago de sucesso?

Eu não tenho quaisquer respostas sobre Hugh: Por que ele conseguiu o colar; como ele conseguiu as imagens; por que ele mostrou-lhes a mim. Pelo menos eu sei por que Jeremy despreza tanto o nome, graças ao texto de Fey.

Fico maravilhada com a forma como as coisas estão se desenrolando. Jeremy me contou a história ao assumir a empresa de seu pai. Eu assumi que, depois disso, ele apenas negou provimento ao homem, levando tudo com ele e o jogando na pobreza.

Foi ingênuo de minha parte. Se o pai de Jeremy tinha sido tão bem sucedido como eu imagino que ele foi, jogá-lo de lado teria sido extremamente um desperdício. Conheço a história da infância de Jeremy por Charles. Não importa o quê, ele respeitava seu pai.

E assim, ao que parece, depois de Jeremy assumir a empresa, ele jogou o homem na rua.

E sobre os irmãos de Jeremy? Eles ainda estão em algum lugar dentro das Indústrias Stonehart, trabalhando para ele? Eu já me encontrei com eles sem saber?

Expor a verdade por trás de um segredo é muito difícil. Isso é o que se sente vivendo com Jeremy. Eu sei por que ele me escolheu. Eu sei sobre a sua vingança contra minha família. Mas eu não sei mais nada.

O homem é, apesar da intimidade que nós compartilhamos, ainda um mistério completo. As coisas que ele é capaz, incluindo bondade e compaixão, continuam a surpreender-me. Eu duvido que eu nunca vou vir a enfrentar as muitas faces que são Jeremy Stonehart.

Eu verifico meu telefone depois do meu banho, esperando, desejando, uma mensagem de Fey. Qualquer coisa que fosse me deixar saber que ela recebeu o meu correio de voz.

Não há nada.

Não posso lutar contra a decepção que brota no interior. Tem sido dias desde que eu liguei para ela. Tempo suficiente passou para ela voltar para mim.

Parece que eu realmente a perdi. A realização me entristece.

Desço, esbarro em Rose ao longo do caminho. Ela sorri para mim. —É bom ter você de volta, querida —, diz ela, tocando o meu braço.

Perder uma amizade, e ganhar mais? Pelo menos Rose e eu estamos em condições de falar novamente.

—Hey Rose, — eu chamo logo antes que ela vire uma esquina. —Você sabe onde estão as chaves do carro?

Ela para e se vira. —Sim. Mas você tem certeza de que é uma boa ideia? Simon está disponível...

—Eu não quero lidar com Simon, — eu digo com desgosto. —Eu quero dirigir um pouco mais depois da minha viagem, e senti falta. Eu não tenho mais nada para fazer hoje, e Jeremy não tem um problema comigo saindo. Não se preocupe —, acrescento eu, depois de uma breve pausa,— Eu vou voltar.

—Nesse caso —, diz ela, —Claro. Eu vou te mostrar. Apenas me acompanhe.

Poucos minutos depois, estou sentada ao volante de um veículo que eu nem sabia que Jeremy tinha. Acontece que lá fora tem uma garagem, cheia de carros exóticos, que eu de alguma forma, consegui completamente negligenciar. É um prédio separado, não ligado à casa principal, situado há poucos minutos em uma compensação na propriedade de Jeremy.

Havia Porsches e BMWs e Maseratis e até mesmo um Lamborguini. Perguntei a Rose se Jeremy sempre os dirigia sozinho. Ela balançou a cabeça e disse: “Não por anos”.

Aparentemente, ele é mais um colecionador do que qualquer outra coisa.

Todos os carros caros me intimidam. Eu não queria de alguma forma bater um deles por conduzi-lo indevidamente. Então, eu escolhi o mais simples que eu pude encontrar, e também o menor: um Porsche 911 Carrera.

Ainda assim, me levou alguns minutos para vir a enfrentar o fato de que eu estava dirigindo um Porsche. Enquanto crescia, ainda menina, eu não era exatamente fascinda por carros. Mas pendurada em torno de meninos; mais do que as meninas definitivamente me fizeram apreciar mais automóveis.

Eu liguei o motor. Ele ronrona para a vida. Eu fico arrepiada da vibração suave. Eu suprimo uma risadinha, também, em seguida, tiro o meu pé do freio, e rolo para frente através das portas da garagem abertas.

Eu vou lentamente no início, enrolando meu caminho onde leva aos portões. Os controles do automóvel são como um sonho. O Toyota que eu dirigi no Maine não é nada comparado a isso. Em comparação, a Toyota parecia como se eu tivesse que lutar apenas para fazê-lo virar. O Porsche parece que pode ler minha mente, e sabe onde eu quero ir antes mesmo de eu dirigi-lo.

Eu o conduzo através das portas e coloco meus óculos de sol. Não porque está tudo claro, mas porque eu não queria fotos minhas nas revistas.

Não que eu pretenda sair. Eu só quero experimentar a liberdade de ser capaz de dirigir ao redor. No entanto, depois do episódio do restaurante grego, eu sei que eu não posso ser muito cuidadosa.

Eu vou lento nas ruas residenciais ao redor mansão de Jeremy. Eu só quero explorar a área. É surpreendente pensar que eu tenho vivido aqui por tanto tempo e ainda não tive senso dos arredores.

Eu não vejo muitas casas. Eu vejo um monte de propriedades enormes. Muito parecido com o lugar de Jeremy. As residências estão escondidas em algum lugar profundo nas propriedades.

As ruas são tranquilas e vazias. Talvez isso seja de se esperar em uma área como esta durante o dia. Duvido que haja paparazzi me observando. Então abro a janela para sentir o vento. Eu posso provar o gosto salgado do mar. Misturado com o ar puro, limpo, e fácil de respirar que vem das sempre-vivas, que giram em torno de mim e enche meus pulmões. Eu respiro profundamente.

Dirijo-me para uma rua lateral. Uma quadra para baixo, vejo uma mulher que anda com dois golden retrievers. Ela está vestindo um agasalho preto e rosa apertado que se agarra ao seu corpo como uma segunda pele. Seu longo cabelo loiro está amarrado para trás em um rabo de cavalo. Ela parece por volta da minha idade.

Assim que eu estou prestes a passar, ela para e acena para mim.

Eu fico de boca aberta por um segundo, assustada, e imediatamente começo a fechar a janela. Eu me pego no meio do caminho através do movimento e paro. Do que diabos eu estou com medo?

—Hey! —, Ela grita enquanto eu passo. —Ei, nós somos vizinhas, certo?

Eu paro o carro ao lado dela na estrada. —Sim—, eu digo. —Eu acho que nós somos. Como você sabe?

—A placa do carro. — Ela oferece um sorriso irônico. —Esse é o carro de Jeremy Stonehart, não é?

—Você o conhece?

—Oh, nós já nos conhecemos no passado. Uma ou duas vezes. —Ela pisca.

Minhas defesas ficam imediatamente em estado de alerta. —O que quer dizer com você “conheceu”? — Eu pergunto, sentindo um aumento inesperado do ciúme me consumir.

Ela ri. —Eu estou apenas brincando, querida. O reconheço das revistas. E eu sei que a residência Stonehart está aqui em algum lugar. Não se preocupe. Esse homem é todo seu.

—Eu não estou preocupada —, eu digo, tentando proteger meu orgulho.

Ela ergue a cabeça para um lado. —Você com certeza parece preocupada para mim. De qualquer forma, pode esquecer. —Ela se apresenta. —Eu sou Tracy.

Eu hesito por uma fração de segundo, então chego através da janela. —Lilly —, eu digo.

—Eu sei —, ela ri. —Mas é bom conhecê-la corretamente. Você já passou por mim algumas vezes na semana passada, ou foi à semana antes? De qualquer forma, eu sempre vejo você na parte de trás da limusine.

—Sério? —, Pergunto. —Estou surpresa que você poderia ver através do vidro fumê.

—Eu tenho visão assassina —, ela dá de ombros. Em seguida, ela bate as sombras sobre os seus olhos. —E os óculos de sol não machucam.

Um dos cães late para algo nas árvores e surta para frente, empurrando o seu caminho antes de Tracy conseguir tê-lo sob controle.

—De qualquer forma —, diz ela, —estes dois estão ficando inquietos. É melhor eu ir. Foi bom conhecer você, Lilly. Esperamos vê-la por aí.

—Tchau,— eu digo, pelas costas dela.

Perder um amigo, ganhar mais dois?

Jeremy chega à noite.

—Eu ouvi que você foi em um pequeno passeio hoje—, ele me diz depois que eu o cumprimento com um beijo. Ele sorri. —Eu estou feliz que você está aproveitando os luxos disponíveis para você.

—Foi muito divertido! — Eu digo. Depois de dizer adeus a Tracy, levei o Porsche para a rodovia. Mover-se em torno de outros carros e sentir a potência do motor foi uma emoção diferente de qualquer uma que eu tinha experimentado. —Eu acho que eu poderia me acostumar com isso.

—Onde você foi? — Jeremy pergunta, então me escuta balançando a cabeça enquanto ele troca seu terno por algo mais casual.

Nós nos sentamos para jantar, e Charles nos serve. Ele vê o bom humor de Jeremy. Pelas costas de Jeremy, ele me oferece um sorriso largo e gracioso, seguido por uma piscadela. Eu aceno para ele e sorrio de volta.

—Lilly —, diz Jeremy, depois que nós nos retiramos para uma sala adjacente, copos de vinho na mão, — Eu tenho que estar hoje em Boston. Vou ficar o fim de semana. Eu sei que foi onde você cresceu. Eu gostaria que você se juntasse a mim. Mas a minha agenda está completamente cheia. Não teremos tempo para o outro. Ainda assim, eu gostaria de perguntar: Você quer vir?

—Quando você vai voltar?

—Domingo à noite.

Eu considero a oferta. Embora possa ser interessante visitar o lugar em que nasci, dois voos de mais seis horas no espaço de poucos dias não é exatamente legal para mim.

—E é tudo negócio para você? —, Pergunto.

—É isso mesmo —, diz ele. —Quero dizer... —, ele olha para a borda do copo e para mim, aquele vislumbre sedutor em seus olhos, — Eu poderia ser capaz de passar um tempo com você... Especialmente se você parecer tão impressionante como você está agora... Mas, sim, — ele continua. —Você ficaria principalmente por conta própria. Aqui ou lá. Sua escolha.

—Então eu prefiro apenas esperar —, digo a ele. —Você sabe como é bom quando temos algum tempo longe.

—Sim —, Jeremy tosse. —Mas eu ainda estou aqui.

E com isso, ele coloca o copo na mesa, me puxa para ele, e me beija duro.

Capítulo Vinte e Dois

Na manhã seguinte, eu acordei para descobrir que Jeremy já foi. Parece que isso está se tornando um hábito.

Comecei a me lembrar de ontem à noite. Jeremy foi doce e suave. Ele se preocupou comigo em todos os sentidos. Ele me fez sentir verdadeiramente exótica.

Merda, mas eu esqueci de perguntar a ele sobre as coisas que eu pretendia. Bem, eu realmente não esqueci. Eu apenas não queria estragar o que tínhamos, trazendo esse assunto.

Mas quando ele voltar no domingo à noite, vai ser hora de eu exigir respostas. De uma vez por todas.

Eu saio da cama e vou ao andar de baixo. Depois de uma semana completa fora do trabalho, sinto-me particularmente inútil.

Mas não era o ponto de você trabalhar apenas para chegar mais perto de Jeremy Stonehart? Uma pequena voz me lembra. Não é isso que você conseguiu fazer uma vez que voltou do Maine?

Eu acho que isso é certo. Eu tive alguns dias terríveis em que eu pensei que eu tropecei mal com Jeremy. Agora, pelo menos, estou certa de que eu não tenho.

Isso é mais importante para mim do que qualquer posição nas Indústrias Stonehart. Eu não esqueci a promessa que eu fiz para voltar para Jeremy. Mas, como esperado, esse processo levará tempo. Montes e montes de tempo.

Tempo que eu tenho? Definitivamente sim. Não há pressão para fazer qualquer coisa mais cedo ou mais mais tarde. Na verdade, estou bastante confortável, onde atualmente eu vou ficar.

Mas quanto tempo vai durar? Eu me pergunto. Um ano? Dois? Mais?

Eu não sei. E eu não sei o que vem depois. Eu não posso negar meus sentimentos crescentes de afeto em direção a Jeremy Stonehart por mais tempo. Estão lá. Se ele continuar a agir da maneira que ele fez ontem, eles vão provar difícil de superar.

Mas eu vou encontrar um caminho. Eu sempre faço. O pior está atrás de mim. Isso eu tenho certeza. E se eu sobrevivi este tempo todo... Então, eu não tenho nenhuma dúvida em minha capacidade de continuar a fazê-lo no futuro.

Há uma leve garoa lá fora. Eu sinto a coceira para chegar ao volante novamente. Eu não tenho nada melhor para fazer hoje. Além disso, por que não aproveitar a minha situação e ter um pouco de diversão?

Então, eu tomo café da manhã, em seguida, chuveiro, troco de roupa e vou pegar as chaves. Eu me debato sobre testar outro carro, outro carro mais poderoso, então, decido. O Maseratis e Lamborghinis ainda me intimidam. Eu tenho que ir devagar e me mover até da mesma forma que você faria para uma formação de maratona. Você não mergulha de cabeça e corre a mais de 100 km/h em sua primeira excursão. Você constroi isso.

Esse é o tipo de raciocínio que me coloca de volta ao volante do Porsche.

Mas, poucos minutos mais tarde, eu estou cruzando a estrada na velocidade de quebrar o pescoço, empurrando os limites da minha zona de conforto mais e mais.

Eu ouço sirenes atrás de mim. Meu coração pula para a minha garganta. Entro em pânico. Eu estava indo rápido demais? Minha respiração acelera. Uma mistura de medo, culpa e apreensão por dentro.

Mas então, eu olho para o espelho retrovisor, e vejo que é apenas uma ambulância à distância. Eu dou um suspiro de alívio, mudo de pista para deixá-la passar, e prometendo ser mais cuidadosa no futuro.

Na verdade, eu já tive o suficiente da rodovia. Eu nem sequer simplesmente saí ao redor de San Jose e explorei a cidade por conta própria. Eu sei que eu ainda não posso sair do carro, não a menos que eu queira correr o risco de minha foto ser tirada. Mas eu com certeza, posso dirigir e olhar.

E mesmo se algo me chama a atenção, -e eu decido sair -me arriscando um pouco mais por algumas fotografias realmente é assim tão mau? Como incriminadoras elas vão realmente ser? Não há nada que eu estou fazendo que eu não deveria estar fazendo. Portanto, não é como se eu estivesse querendo causar um escândalo por pisar fora.

É apenas o sentimento de vigilância, a constante incerteza se está sendo vigiado ou não, que me faz relutante em deixar o carro.

Eu pego a saída e sigo as indicações para o centro da cidade. O sol começou a espreitar lá fora atrás das nuvens quando eu chego. Quebras na cobertura fazem pontos de luz na rua.

Eu viro à esquerda, com o objetivo de achar aquela pequena área pitoresca que Simon me levou. Não há sentido em lutar quando tudo que eu quero fazer é explorar.

Depois de algumas voltas erradas, e mais do que alguns momentos de me sentir totalmente perdida, vejo edifícios familiares lentamente começarem a me rodear, como os raios rastejantes de um sol nascente. Este é o único lugar que eu não me atrevo a sair, depois da última vez. Mas ninguém tem que saber que sou eu ao volante do carro.

Eu dirijo ao redor, indo devagar, apreciando os limites de velocidade mais baixos. De repente, eu faço uma parada. Lá, do outro lado da estrada está...

Não, não pode ser. Poderia?

Em uma única manobra, eu faço uma inversão de marcha muito ilegal, cortando três faixas de tráfego e ganhando uma barragem de buzinas. Não importa. Nada disso mesmo me incomoda.

Eu paro do outro lado e abro a janela do passageiro. —Robin?— Eu grito.

Ele se vira quando ouve o nome dele, olhando em volta para ver quem o chamava. Então quando ele me vê, seus olhos se arregalam. Ele corre.

—Lilly! — Diz ele.

—Robin, o que diabos você está fazendo aqui? — Pergunto. Outra buzina atrás de mim. Eu amaldiçoo.

—Procurando você —, diz ele simplesmente.

Eu balanço minha cabeça. Outra buzinação beligerante — O quê? Fey está com você?

—Não. Ela está no hotel.

—Hey imbecil! — Uma voz masculina grita com raiva de algum outro carro. — Mexam-se, sim?

E depois outra cascata de buzina chove em mim.

—Entre —, eu digo a Robin. —Rápido.

Ele concorda, abre a porta, e desliza para dentro. Eu dirijo sem fazer uma verificação de ombro, e quase colido com outro veículo, amaldiçoo mais uma vez e, em seguida, volto a entrar no fluxo de tráfego.

Minhas mãos estão tremendo. Estou muito nervosa. A adrenalina pulsa através de mim com cada piscar de olhos.

—Explique —, digo a ele. —Agora. — Eu olho para ele rapidamente, em seguida, de volta para a estrada. —O que você quer dizer, você está procurando por mim? Por quê?

—Fey viu o seu correio de voz —, diz Robin. —E ela está tentando falar com você desde então. Mas você não respondeu a nenhum dos seus textos, seus e-mails. Toda vez que ela tenta chamá-la, você não atende.

—O quê? — Eu digo, estupefata. —Ela não me chamou uma vez!

—Não é verdade —, diz Robin. —Ela está tentando falar com você quase todas as horas de todos os dias. E quando ela não podia... Quanto mais e mais tempo se passava desde que ela ouviu falar de você... Ela começou a ficar preocupada. Realmente preocupada. —Robin olha para mim. —Você está em alguma merda profunda, Lilly. Eu estava preocupado, também.

Quero rir histericamente. Graças a Deus o volante sob as minhas mãos me dá algo para me concentrar.

—Onde fica o hotel? — Pergunto. —Longe daqui?

—Não muito —, diz Robin.

—Guie-me.

Ele dá instruções. Um minuto mais tarde, eu paro no estacionamento de um hotel caro. Merda. A única maneira que poderia permitir isso é se o pai de Fey tivesse financiado a viagem. O que significa que eles sabem, e eles estão preocupados, também.

Merda, merda, merda!

Eu desligo o motor e olho para Robin. —Explique novamente —, digo a ele. —Do começo.

Com Ele balança a cabeça, e começa. É a mesma história de antes, embora com o benefício de detalhes adicionados. Fey viu a minha mensagem no início da semana. Ela está tentando entrar em contato comigo desde então. Mas todas as suas comunicações foram bloqueadas. Como o passar dos dias, ela ficou cada vez mais preocupada, até que, finalmente, ontem à noite, ela e Robin reservaram uma viagem aqui a fim de tentar me encontrar.

—E isso é tudo —, diz Robin. Ele olha para mim, gravemente sério. — Lilly, você não sabe o tipo de homem com quem você está. Eu fiz um pouco mais de investigação. E Lilly, as coisas que a sua empresa tem feito, em segredo... —, ele sopra e passa a mão pelo cabelo, — bem, se a palavra de qualquer um que vazar, Jeremy Stonehart estaria sentado em uma cela de prisão pelo resto de sua vida.

—Então, por que não vaza? — Eu exijo. —Se a sua informação é tão boa, por que não deixa que outras pessoas saibam? Por que não vai até mesmo para o seu The Economist e os deixa divulgar a história?

—Porque Lilly, nada disso pode ser comprovado. Eles são apenas sugestões e boatos que eu pego, aqui e ali. Mas eu tenho um pressentimento para essas coisas. Quando um número suficiente deles apontam para uma coisa... Bem, muitas vezes eles dizem a verdade.

—A verdade? — Eu ri. —Quanto você sabe sobre a verdade, Robin? — Eu penso em todas as coisas que Jeremy fez comigo enquanto ele ainda era Stonehart. Coisas que nenhum outro ser humano vivo nunca vai saber. —Você não sabe de nada.

—Eu sei que você está em perigo —, diz ele. —Fey sabe, também. Este é o seu carro, não é? Como é que você sabe que não está grampeado? Como você sabe que ele não está ouvindo cada palavra nossa?

Confie em mim, essa possibilidade passou pela em minha cabeça muitas vezes, eu quero dizer. Em vez disso: — Podemos sair se você preferir.

—Sim —, diz ele. —Eu prefiro.

Nós saímos do carro e entramos no lobby. Eu ajusto os óculos de sol para me certificar de cobrir meus olhos.

—Vamos lá em cima —, diz Robin. —Fey ficará tão aliviada ao ver você.

Concordo com a cabeça, lançando olhares furtivos em torno de nós para quem possa estar nos seguindo. No elevador, falo novamente.

—Ligue para mim —, eu digo.

Robin olha para mim. —Huh?

—Me liga. Prove que você está dizendo a verdade.

Ele concorda, e pega o seu telefone celular. Ele olha para a barra de status. —Assim que sairmos.

Eu mordo meu lábio, ficando cada vez mais ansiosa enquanto o elevador leva-nos mais alto. Eu começo a bater meus pés—rápido.

As portas se abrem. Nós saímos.

Robin começa a caminhar pelo corredor.

—O que você está fazendo? — Pergunto. —Você deveria me ligar.

—O nosso quarto fica apenas algumas portas à frente —, ele começa, apontando à frente dele.

—Não —, eu digo. —Eu não vou dar mais um passo até que você prove isso. Liga-me. Agora.

Ele suspira. —Ok, Lilly —, diz ele. —Qual é seu número?

Dou-lhe a ele. Ele digita e aperta o botão de chamada. Eu tiro meu celular e espero.

Nada acontece.

—Está vendo? — Ele suspira.

—Eu não acredito nisso, — Eu balanço minha cabeça. —Dê-me seu telefone celular. Você provavelmente discou errado.

Ele me dá um exasperante olhar, mas me dá seu telefone celular.

Eu verifico o sinal. Cinco barras. A recepção está perfeita. Eu verifico o sinal no meu telefone. Mesma coisa.

Eu digito o número do meu telefone. Cuidadosamente. Lentamente. Então eu teclo chamar.

Espero. O telefone de Robin reproduz o tom de discagem.

Mas o meu não toca.

Puta merda.

—Satisfeita? — Robin pergunta.

—Não —, eu digo. —Não. De modo nenhum.

Eu sinto uma raiva crescendo dentro de mim. Uma raiva dirigida inteiramente a Jeremy, por continuar a me enganar. Ele tinha me feito acreditar que eu tinha acesso total ao mundo, e ainda assim ele ainda estava fazendo uma triagem no meu celular? E ele estava bloqueando chamadas de Fey, de Robin.

Por quê?

Ele é o único que pode me dar respostas. Acho que tenho o direito de saber.

Eu procuro o número de Jeremy na minha tela e com raiva aperto o botão de chamada. Eu o coloco no meu ouvido.

Robin olha para mim. Eu levanto um dedo e digo, “Espere”.

Telefone de Jeremy toca. E toca. E toca.

Ele não atende.

Argh! Eu estou pronta para gritar de frustração.

Eu entro no aplicativo de mensagens.

Seu babaca! Eu digito. ***Você está bloqueando o meu telefone!***

Eu teclou enviar e coloco o telefone de volta na minha bolsa.

—Ok —, eu digo a Robin. —Ok, vamos ver Fey.

No meio do corredor, meu telefone vibra com um texto. Robin para na frente de uma porta e tira o seu cartão de acesso. Eu retiro o meu telefone.

Há uma mensagem com uma palavra, enviada por Jeremy Stonehart:

Sim.

O ar parece que foi tirado de mim.

Robin passa seu cartão. A porta se abre. Vejo Fey dentro.

O meu telefone começa a tocar. Eu olho para ele.

É Jeremy.

